



RAQUEL
PAGNO
O VOO DA FÉNIX

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O VÔO DA FÊNIX

RAQUEL PAGNO
Edição Digital
2013

SINOPSE

Natália é secretária em um famoso escritório de advocacia, dona de uma vaga conseguida a duras penas, como a sua liberdade e a independência conquistada de poder morar em um apartamento simples, mas seu. Vinda de uma família humilde, Natália cresceu ao lado de Andrew, um garoto problemático que jura ouvir vozes do além e ver a morte acompanhando as pessoas que estão prestes a partir.

Naquele dia, entretanto, ela acordara indisposta, com muitas dores e tonturas. Levantara-se com muito esforço e com as imagens do pesadelo ainda na memória. Foi ao atender o primeiro chamado diurno do chefe que Natália perdeu os sentidos. Dias depois, acordou em uma cama de hospital, e se depara com uma nova realidade: uma força de vontade e uma alegria de viver, mesmo sabendo que possui um aneurisma cerebral que, talvez, nem lhe permita viver tempo o bastante para realizar todos os sonhos que brotaram inesperadamente.

Entre as vontades de Natália, a mais forte e vibrante é a de encontrar o homem que a atormenta todas as noites em seu pesadelo. Para isso ela conta integralmente com a ajuda de Andrew, que a encoraja a começar uma terapia de regressão. Porém durante as sessões, ela se vê diante de terríveis lembranças de suas vidas passadas e de como ela presenciara muitas vezes a morte catastrófica daquele mesmo homem.

Andrew não só a apoia na decisão de descobrir quem é o tal homem, como segue com ela em uma viagem rumo ao desconhecido. Uma vez encontrado o intocável homem dos sonhos, resta-lhes inventar uma maneira de chamar sua atenção e fazer com que ele ouça o relato de Natália, que está convencida de que, nesta vida, pode livrá-lo da morte precoce que o aguarda.

SUMÁRIO

SINOPSE

Das cartas de Natália,

PRIMEIRA LIÇÃO – É Preciso...

Das cartas de Natália,

SEGUNDA LIÇÃO – Tudo Serve ao Bem...

Das cartas de Natália,

TERCEIRA LIÇÃO – Indo Cada Vez Mais Fundo...

Das cartas de Natália,

QUARTA LIÇÃO – O Que Não Conhecemos Nos Assusta...

Das cartas de Natália,

QUINTA LIÇÃO – Ter Confiança...

Das cartas de Natália,

SEXTA LIÇÃO – As Respostas Estão Adormecidas em Nós Mesmos...

Das cartas de Natália,

SÉTIMA LIÇÃO – Não Existe Destino, Existe Escolha...

Das cartas de Natália,

OITAVA LIÇÃO – Não Existe Acaso, Existe Consequência...

Das cartas de Natália,

NONA LIÇÃO – Toda Viagem é Solitária...

Das cartas de Natália,

DÉCIMA LIÇÃO – Um Anjo do Céu...

Das cartas de Natália,

DÉCIMA PRIMEIRA LIÇÃO – Cada Vez é Especial...

Das cartas de Natália,

DÉCIMA SEGUNDA LIÇÃO – Sonhos São Possíveis...

Das cartas de Natália,

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO – Não Há Amor Sem Liberdade...

Das cartas de Natália,

DÉCIMA QUARTA LIÇÃO – O Pássaro Ferido...

Das cartas de Natália,

DÉCIMA QUINTA LIÇÃO – Promessas e Milagre...

Das cartas de Natália,

DÉCIMA SEXTA LIÇÃO – O Voo da Fênix...

Outros Livros da Escritora

Herdeiro da Névoa

Seablue

O Voo da Fênix

Legado de Sangue (Rubi de Sangue)

Redes Sociais

A todos os anjos que voam pelos céus e a todos os que lá voaram, mas principalmente, àquele anjo caído que perdeu as suas asas e a sua vida...

Das cartas de Natália,

Tu estás comigo. Eu te sinto. Mas não, não me perguntes por que, eu não saberia responder. Vejo-te cada vez que fecho os olhos. Saio de casa tentando esquecer, a lembrança é muito forte é como uma brasa, uma chama que ironicamente queima meu coração, e talvez por isso te traz para tão perto de mim. Disfarço perante as pessoas, mas aquele dia está gravado em minha memória junto com a culpa... Culpa porque tive pensamentos infames, como se isso pudesse ter mudado o teu trágico destino. Uma tarde de sol que não pode deixar meus pensamentos, mesmo dormindo (se é que durmo!) não consigo abandonar aquela desastrosa tarde de sol. Era linda, assim como tu eras lindo. Oh! Que distraída, não tinha ainda reparado no teu sorriso que iluminava aquele dia e ofuscava a luz do sol! Não mais te verei. Entre mil pessoas e o pensamento em ti, por quê? Éramos duas partes de uma mesma alma? Tínhamos alguma missão a cumprir? Juntos? Era ainda muito cedo... Fico sozinha um instante e ali estás de volta, forte e onipresente, inundado em minha mente. Terás me enfeitado? Tu não poderias. Tento me concentrar em meus afazeres, mas continuo sentindo que me destinas uma missão. Vem logo então! Dize-me o que fazer. O que posso fazer?

Tu estás perto. Em cada pássaro que voa, fazendo estripulias, rasgando o céu cinzento, tu estás. E cada uma dessas aves que cantam, livres no espaço, soltas no vazio, és tu nos abençoando com tua presença marcante. Oh! Como eu queria ter-te novamente em teu ninho, linda e voraz fênix! Confesso-te que, quando vi outra como tu, quase a confundi contigo! Era tão voraz quanto tu e fez meu coração quase parar de bater! Por um momento abracei a doce ilusão de que tu podias ter voltado. Um regresso impossível... Mas que poderia ter sido tu, enviando-me o sinal que te pedi. Arrepios percorrem o meu corpo enquanto derramo estas palavras fúnebres no papel gelado. Sinto calafrios que tomam conta do meu corpo sempre que ouço os sons (e eu os ouço o tempo todo dentro de

mim), eles ficaram gravados em mim, o baque seco e depois a explosão. Pensei ter visto o teu rosto esculpido na fumaça negra. Estou te esperando e assim estarei até que julgues conveniente levar-me contigo.

Sim, eu sinto a tua mão acariciando meus cabelos quando em meu leito, forte e gentilmente, talvez receoso, tentas dizer-me que estás bem, ou que não estás? Tive a impressão de que me disseste "Não te preocupes mais!", apenas uma impressão. Mesmo assim, consoladora, aliviou minha consciência. Mas não a minha alma. Ainda anseio por ti. Muito. Clamo por tua presença zelosa, não sei se deveria, mas chamo-te o tempo todo. O desejo queima tanto quanto as chamas que te levaram embora. Arde dentro da alma e faz com que a respiração fique fraca e o coração bata descompassado, e por vezes, lágrimas brotam dos meus olhos cansados. Então eu acordo! É preciso ter controle para não deixar o rio de emoções arrastar-me em sua forte correnteza. Até mesmo o vento gelado a açoiar minha pele te traz até mim. Inacreditavelmente, depois que te foste, um frio intenso abateu-se sobre todos nós, impedindo o sol de brilhar novamente. Os céus também estão de luto por ti, não deveria ter sido assim e eu não me convenço do contrário. O que fazes lá em cima, afinal? Eu preciso saber! Por favor, dá-me a resposta pela qual tanto anseio! Acalma minha alma e meu coração! Não importa o que digam ou que possam dizer, apenas acreditarei no que quiseres que eu acredite, ouvirei a verdade vinda de teus doces lábios e a ela, me entrego.

PRIMEIRA LIÇÃO – É Preciso...

Natália acordou encharcada de suor. Mais uma vez o mesmo sonho, ou o mesmo pesadelo, ela não sabia muito bem o que a perturbava durante todas as noites. Sentou-se na cama por alguns minutos, enquanto as imagens, ainda vívidas em sua mente, iam se dissipando como nuvens sopradas pelo vento. Olhou para o rádio-relógio ao lado da cabeceira, que marcava cinco horas da manhã em letras vermelhas e luminosas. Virou-se para a janela, tentando ver alguma claridade entre as cortinas fechadas. Ainda estava escuro. Ela não gostava do inverno, especialmente dos primeiros dias de frio, que castigavam o seu corpo, desde o início do mês de abril. Sabia que não conseguiria mais pegar no sono, uma vez que o sonho fora real demais e não sairia dos seus pensamentos tão cedo, como era de costume. Deitou-se novamente e cobriu-se. O suor abundante acabara por causar-lhe frio. Virou-se para o lado, encolhendo as pernas em posição fetal, tentando espantar o sonho. Concentrou-se em traçar metas para o dia que acabara de começar: descansaria até às sete horas, depois tomaria banho, faria o café e sairia correndo para pegar o ônibus que passava a duas quadras de sua casa. Viajaria quarenta minutos e quem sabe encontraria aquela amiga que conhecera no ponto do ônibus. As duas conversariam no trajeto até o centro e depois ela desembarcaria às pressas e correria até o escritório, onde o dia, ela sabia seria agitado, e finalmente não teria mais tempo de lembrar o maldito sonho!

Fechou os olhos mais uma vez e a imagem tornou a aparecer em sua mente. Parecia um antigo filme em preto e branco, ao qual ela não se lembrava ter assistido. Ela era espectadora de um trágico acidente. Não conseguia definir exatamente como, mas via uma explosão e depois muita fumaça negra. Via pessoas correndo desesperadas, algumas em direção às chamas, outras para longe delas. Ela não se movia, apenas olhava em volta o sofrimento espelhado nos rostos apavorados e ouvia claramente as exclamações

desesperadas de uma multidão incrédula e o som das sirenes que se aproximavam rapidamente. Sentia o calor do sol que brilhava intensamente queimando a sua pele branca. Então ela começava a olhar para todos os lados, para todos os rostos e percebia que estava completamente sozinha em meio a todo aquele horror. Sentia as lágrimas descerem pelas faces rosadas e via-se caindo de joelhos em um campo de vegetação rala. Sentia fortemente que acabara de perder alguém a quem amava muito e esta era uma sensação real que ficara gravada em seu coração desde a primeira vez que tivera o sonho. Parentes e amigos já não aguentavam mais receber as ligações de Natália, todos os dias, mesmo de madrugada, só para certificar-se de que eles estavam sãos e salvos. Alguns já a consideravam quase uma louca. Certa vez, seu irmão lhe respondeu que se ele morresse, ela seria a primeira em saber, pois ele lhe puxaria o pé de madrugada, só para acordá-la, como ela fazia com ele. Depois disso, ela procurou moderar as ligações. Ainda mais quando recebeu a quilométrica conta telefônica. Involuntariamente, começou a orar pela alma da pessoa morta em seu sonho (se realmente existisse!) e para todos os parentes e amigos, para quem já não podia telefonar para pedir notícias.

Orou até ser interrompida pelo incessante despertador que anunciava a hora de levantar-se. Esticou-se preguiçosamente enquanto ouvia a música suave que tocava na rádio todas as manhãs. A melodia era lenta e a letra falava em anjos. Ela sempre imaginava se a pessoa de seus sonhos seria um anjo. Logo afastou essa ideia de seus pensamentos, pois sabia que Deus jamais a incumbiria de receber mensagens de seus anjos. Ela nem era tão bondosa assim! Fizera várias coisas erradas no decorrer de seus vinte e cinco anos e tinha consciência de que pagaria o preço pelos seus pecados, conforme sua avó, uma católica fervorosa, sempre a alertara. Ela estava, de certa forma, preparada para o purgatório. Também não se imaginava indo para o inferno, visto que não era tão má também, mas do purgatório, disso ela sabia que não escaparia! Ela também achava que o céu era somente para os santos e os anjos do Senhor (e talvez às beatas que não saíam das barras das

batinas dos padres, se é que os padres tinham alguma influência lá com o Criador!). De fato, há tempo ela deixara de ser praticante de qualquer religião, motivo pelo qual era sempre criticada pela família, principalmente pelos mais velhos, como seu pai e seus tios.

Espreguiçou-se mais uma vez e pôs-se de pé. Caminhou devagar até o banheiro e ligou o chuveiro, que sempre demorava alguns minutos para aquecer a água fraca que derramava, e enquanto esperava, Natália foi até a cozinha e colocou uma chaleira de água no fogo, para o café. Voltou para o pequeno banheiro, entre a porta do quarto e da sala-cozinha, o que poderia ser considerado uma circulação de pouco mais de um metro quadrado. Entrou no box, separado do lavabo apenas por uma cortina branca de plástico mole e já meio manchado pela umidade. Fechou os olhos por um momento, respirando profundamente e sentindo cada gota de água percorrer-lhe o corpo esguio. Ela adorava essa sensação! Pensava que a água podia lavar-lhe não só o corpo, mas também a alma. A água levava embora todas as suas preocupações, os seus problemas e os seus medos, fazendo com que se sentisse purificada e renovada. Sempre tomava banhos demorados e depois dos rituais de higiene e alguns de beleza, aos quais sua condição financeira não permitia exagerar, gostava de permanecer longos períodos sob o chuveiro, experimentando o conforto do corpo e da mente em um estado de concentração e relaxamento máximos. Nesses momentos, costumava imaginar paisagens e nuvens passeando por um céu azulado e às vezes, pensava que ela mesma era um pássaro e que voava livre e solta pelos céus. Nesse dia, porém, ela sentia-se deslocada e não pôde concentrar-se como gostaria. Sentia os músculos do pescoço e dos ombros tensos, como se tivesse carregado o mundo nas costas durante toda a noite. Resolveu sair do banho antes do que gostaria, teria mais tempo para preparar o café da manhã.

Terminados os afazeres, desceu com dificuldade os quatro andares de escadas até a rua. Suas pernas doíam, como há muito tempo ela não sentia, desde que concluía o tão sonhado curso de

secretariado, na época em que percorria seis quilômetros a pé, duas vezes por dia. Ao contrário do que imaginara, sua amiga do ônibus não fora trabalhar. Natália teve de seguir sozinha até o ponto final e isso fez com que sua mente tivesse tempo de sobra para devanear mais uma vez por um mundo de sonhos e pesadelos, onde as imagens e as sensações da noite anterior passeavam repetidamente pelo seu cérebro e pelo seu coração, parecendo cada vez mais reais para ela. Quando desceu do ônibus, sentiu uma forte dor nos joelhos ao dobrá-los, aliada uma sensação estonteante. Demorou alguns segundos para retomar a respiração tranquila. Lembrou-se de que certa vez contraíra uma forte gripe e, além dos estados febris, sofrera com as dores nas pernas e também com um pouco de falta de ar. *“Será que peguei outra gripe?”*, pensava enquanto se esforçava para chegar depressa ao escritório. Trabalhava em uma famosa empresa de advocacia há três anos e havia penado durante um bom tempo para conseguir a vaga. Não se deixaria abater por uma gripinha!

— Natália! Natália! — Nem bem pusera os pés em sua sala e já a chamava a voz impaciente do chefe Marcelo Vasconcellos Ferraz. Ele era um dos três renomados irmãos e sócios do grande escritório de direito Vasconcellos Ferraz e Cia, muito tradicional e que atendia os principais figurões do país, políticos, executivos de alto escalão e personalidades como artistas famosos. Ela sempre sonhara ser advogada, mas a condição financeira da família não era favorável e ela teve que desistir do sonho. Agora, julgava-se velha demais para voltar a estudar e o trabalho do escritório era demasiado cansativo. Ela fazia serões quase todos os dias, o que lhe rendia um reforço salarial que auxiliava nas despesas do pequeno apartamento locado em um prédio antigo, mas com uma vizinhança decente, e ainda permitia que pudesse, esporadicamente, mandar algum dinheiro para sua mãe, pois com o salário que recebia pela aposentadoria, mal conseguia arcar com as despesas médicas, chegando a passar necessidades.

Levantou-se depressa da cadeira de veludo azul, elegantemente colocada na antessala do chefe, onde ela sozinha era incumbida de permitir, ou não, o contato de qualquer pessoa com o importante Marcelo Vasconcellos Ferraz. Ela ria ao imaginar o antipático patrão envolto em uma capa vermelha, segurando um cetro (como o do mago Merlin!) em uma das mãos e ainda, com uma coroa idêntica a da rainha Elisabete na cabeça completamente careca! Sentiu uma forte pontada atingir-lhe o joelho direito, parou por uns segundos antes de abrir a pesada porta de madeira entalhada, que mais parecia a entrada de um teatro de luxo do que a de um escritório de advocacia. O doutor Vasconcellos Ferraz, como o chefe gostava de ser chamado, falava ao telefone e Natália pôs-se imediatamente a sua frente, aguardando as ordens que viriam. Enquanto esperava, sentiu uma pontada na nuca, como se a fisgada do joelho tivesse lhe subido até a cabeça. Respirou fundo, tentando concentrar-se e fazer com que a dor desaparecesse. Mais uma pontada, seguida outra vez da sensação de tontura que quase a fez cair. Respirou fundo mais uma vez, segurando-se com uma das mãos no encosto de uma das quatro cadeiras dispostas ordenadamente em frente à mesa de trabalho do chefe.

— Natália, você está bem? — ela ouvia a voz do homem a sua frente como se estivesse a quilômetros de distância. Fechou os olhos e antes de desfalecer, ouviu a voz do chefe gritando algo como “ajuda!” ou “ambulância!”.

Das cartas de Natália,

Em cada pedaço de mim, em cada objeto que olho ou que toco, nas ruas, nos campos, nas casas, nas pessoas que caminham com ou sem destino pelas ruas desertas, mas principalmente no céu, no céu nublado, chuvoso, no céu límpido, claro, azulado. Tu estás em tudo. Agora tão mais perto do que quando estiveste ao meu lado. Fecho os meus olhos ainda tentando buscar a ti e quase chego a sentir a tua respiração quente... Oh! Minha doce fênix, quantos suspiros de saudades... Por que tu não podes estar aqui secando as lágrimas que meus olhos derramam por ti? E como eu desejo que estejas, mas esse desejo será para sempre impossível.

O consolo que encontro, ainda é a morte e o consolo da morte é saber que poderei estar contigo. E então deixo de temê-la e chego até a desejá-la. Onde tu estás, espera-me. Eu irei. Dentro em breve, estaremos juntos. Se houver misericórdia, a morte não há de separar-nos, como a ingrata vida fez. Agora que vejo, esta vida toda em vão, sem sentido, apenas em sonhos... O sonho de estar contigo, de ter-te uma vez mais. Sem ti não há mais motivo. Nada passa de uma breve impressão, um suave pesadelo, um piscar de olhos que é suficientemente duradouro para reprisá-la do início ao fim. Porque foi curta e sem graça, porque esta vida só existiu de verdade pelo pouco tempo que estiveste aqui, minha fênix.

Já não posso sequer viajar ao teu encontro. As recordações se fazem obscuras e violentas e me trazem as cenas que desejo esquecer. Apenas a tua partida. Se fomos felizes algum dia? Pergunto-te. O silêncio responde e quanto mais vasculho a memória em busca de espaços felizes, mais ainda vêm a mim as lembranças tristes de todas essas vidas. Terá sido assim desde o princípio? Terá o meu desejo e a força do meu querer te empurrado para tão longe? Mas por que então o amor afastaria as pessoas que se amam? Seria mesmo inevitável pensar que o amor separa as almas gêmeas como as nossas. Não seria ainda tempo de juntá-las?

De qualquer forma, nós dois fomos um. E não foi necessário que fundíssemos nossos corpos para sermos um. Porque nós somos apenas um, essencialmente e é na essência que se conhece o que é real e o que não é. E eu vi esse teu âmagô! E eu o reconheci como parte de minha própria alma, de meu próprio ser. E então nasceu este amor impossível, que eu diria indesejado. Foi também o que tu sentiste, porque talvez soubesses que era tarde demais para amar-me, mas que ainda assim, não haveria como mudar essa essência de nós dois. Mas, o que seria exatamente o amor, se não houvesse entrega? Frustração, remorso, ódio. Ou apenas sofrimento e dor. Mas agora que a entrega foi feita e que te perdi, resta apenas a saudade e a falta que me fazes. E o pior de todos os castigos está nesta incerteza de que o fim não tardará. Neste caso, continuo ansiando por ti, por rever-te. E nada mais me anima, nada me interessa e eu estarei aqui, apenas a esperar o momento que há de chegar.

SEGUNDA LIÇÃO – Tudo Serve ao Bem...

Ele a observava apenas. Sem lágrimas nos olhos, sem ressentimentos. Natália era ainda tão jovem... Vendo-a deitada e inconsciente naquela cama de hospital, parecia-lhe uma criança dormindo em profundo sono sem sonhos. Ele vira a doença nascendo e crescendo dentro dela. A mancha negra do aneurisma no cérebro. Ele sempre vira essa mancha negra dentro dela. Nada disse, pois sabia que não poderia interferir e o mal que causaria seria maior do que o bem que ele pudesse desejar causar. Num primeiro momento, sentiu a revolta brotando e, de fato, não lhe pareceu justo que uma doença assim tão destrutiva acontecesse a uma moça tão jovem. Depois tratou de concentrar suas energias em orações e foi avisado de que a doença acontecera para o bem dela e que a faria crescer, que evoluiria e aprenderia com ela. Ele ouvira muitas vezes, de muitas bocas diferentes, que os males serviam ao bem. Como o mal poderia servir ao bem? Ele havia feito esta mesma pergunta a muitos ouvintes e depois de ouvir inúmeras respostas acabara por se convencer de que as coisas eram assim mesmo. Ou por egoísmo, ou por consolo da sua própria alma egoísta. Egoísta, porque sofreria muito menos com a dor das pessoas a quem amava, se pensasse que estavam sofrendo para o próprio bem. Consolo, por que doía bem menos nele se estivesse convencido de que os momentos difíceis servem para que aprendamos e evoluamos, assim como as pessoas que amamos, e porque era bem mais fácil pensar que os sofrimentos são passageiros, embora se saiba que nem todo sofrimento é passageiro pois alguns são permanentes. Não apenas permanentes aqui nesta vida, mas permanentes mesmo, os carmas, levados por toda a eternidade. Há carmas incuráveis. Mesmo milhares de vidas, de vindas e de voltas, nem sempre conseguem curá-los.

O caso de Natália, no entanto, parecia ainda indefinido para Andrew. Não tinha lembranças que lhe possibilitassem saber se já a

conhecera em outra vida. Mesmo porque nunca a havia procurado em seu passado. “*Que descaso,*”, pensou ele “*não ter procurado por ela até hoje!*”, porque Natália era sua amiga. Talvez a melhor amiga que já tivera. Conhecera-a ainda menina. Brincaram juntos durante a infância e aprenderam juntos, na adolescência, as primeiras lições de amor. Eram mais que irmãos, Andrew fazia parte da família. Era por isso que se admirava agora ao se dar conta de que nunca a procurara em vidas passadas, apesar das inúmeras sessões de regressão que havia feito na terapia.

Andrew sempre vira coisas estranhas e ouvira vozes também estranhas. Desde muito pequeno viveu rodeado por amigos imaginários e criaturas místicas, que o cercavam e contavam sobre o futuro. Ele podia prever gravidezes ainda não evidentes nem nos exames de sangue, podia sentir doenças nas pessoas, podia até mesmo ver a morte com sua ceifa acompanhando certas pessoas, que logo morriam. Era triste e causava-lhe muito medo. Principalmente quando a morte acompanhava pessoas jovens e crianças. Com quatro anos de idade, ainda no pré-escolar, Andrew via aquela sinistra acompanhando um coleguinha de classe. Como não sabia ainda de que se tratava, desenhou o amigo com a sombra negra a rodear-lhe, como se fosse uma *aura* envolvendo-lhe o corpo e, muito discretamente, no fundo do desenho, podia-se ver a figura encapuzada com um gancho na mão esquerda. Lembrava de ter visto o horror no rosto da professora, depois o horror no rosto da mãe, que fora chamada à escola e aconselhada que levasse Andrew a um psicólogo, a fim de fazer uma “avaliação psicológica”. Ele, ainda tão pequeno, registrara o termo “avaliação psicológica” em sua mente, como algo extremamente negativo. Ouvira naquela mesma noite, a discussão dos pais a respeito do que acontecera mais cedo na escola. Ambos gritavam e a mãe reforçava para o pai que seu filho não era louco e o pai dizia-lhe que ela era a responsável por ter gerado uma semente ruim e que Andrew sempre fora meio estranho mesmo. O pai dizia que a mãe deveria resolver sozinha a situação do filho louco e que ele não estaria ali para ser humilhado dessa forma. Na época, Andrew não entendeu o que ele

quis dizer, mas o pai não voltaria para casa naquela noite, nem na noite seguinte e assim foi, até que ele não mais sentiu a falta do homem mal-humorado a ralar com sua mãe o tempo todo. Passaram-se três dias e a criança do desenho de Andrew faleceu em um acidente de carro. A mãe do garoto se perdera em uma curva, dirigia o automóvel em alta velocidade e o filho, que vinha no banco de trás, não usava o cinto de segurança. O carro não capotara, mas com a violência da manobra, o menino fora arremessado ao lado, batendo fortemente a cabeça na lateral do veículo. A morte fora instantânea, porém a mãe do garoto não sofrera sequer um arranhão e o carro, nenhum dano material.

Quanto aos velhos, Andrew não se preocupava muito. Vira seus avós sofrerem muito antes que a figura aparecesse ao seu lado para resgatar suas almas agonizantes. Fora para ele um grande alívio quando constatou que a hora deles chegara. Perder um ente querido era triste, mas muito mais triste era para ele vê-los sofrendo, morrendo aos poucos, sentindo dores que já não podiam ser controladas por qualquer droga ou medicamento. Depois dos enterros, quase simultâneos, Andrew passou por grande período de depressão e culpa. Como poderia ter desejado a morte de seus próprios avós? Sentia-se um carrasco que acabara de levar os avós para a força e executar-lhes a sentença de morte. Pensava ter ele próprio chamado a morte, atraindo-a para junto do leito dos avós. Pensava que se não tivesse desejado que morressem, eles ainda poderiam estar a seu lado e quem sabe tivessem se recuperado das enfermidades e retomado o convívio com a família.

Trancou-se em seu quarto por mais de quinze dias, recusando-se a sair, comer ou falar. Recordava-se agora, o desespero da mãe que implorava para que ele se alimentasse e quando deixava o quarto, permanecia recostada à porta, chorando baixinho, implorando a Deus que não levasse embora o seu filho, porque ela já estava sendo fraca demais para suportar a morte dos pais e se perdesse o filho agora, sua vida acabaria. Andrew a escutava. Ouvia suas preces, mas não podia consolá-la. Ela o odiaria quando

soubesse que ele, o seu filho querido, fora o responsável pela morte dos avós. Ele a imaginava o tempo todo desprezando-o, enxotando e quem sabe até o mataria. Sim, porque uma criatura que atraía a morte para as outras pessoas, não merecia viver. Deveria ele próprio ser levado pela morte, acabando desta forma com o maldito ciclo que se formara a sua volta.

Foi então que decidiu dar cabo à própria vida, antes que fizesse mal a mais alguém. Andrew passou dias planejando tudo. Observou o horário em que a mãe saía para preencher a papelada do funeral dos avós. Resolveu que deveria dizer-lhe as últimas palavras, contar que ele era o assassino dos avós e que também tinha direito a uma última refeição (ele tinha visto, certa vez em um filme, que os condenados tinham esse direito). Também precisaria se confessar para um padre antes de morrer, porque não queria passar o resto da eternidade ardendo no fogo do inferno. E teria ainda que pagar a penitência que lhe fosse imposta, ou a confissão de nada adiantaria e arderia da mesma forma no fogo do inferno. Esperou por mais uma saída de sua mãe e correu até a igreja do bairro. Sentou-se na última fileira, na direção do altar para que pudesse ver de frente a imagem de Jesus crucificado. A igreja estava vazia, o que deixou Andrew aliviado. Temia que alguém o visse, ou pior, o ouvisse. Não queria que ninguém soubesse de seu pecado além da mãe e do padre. Ficou horas ali sentado, imóvel, apenas observando o altar e pensando. Não se atreveu a fazer nenhuma oração. Preferiu o silêncio. Se Deus já sabia mesmo de todas as coisas, para que rezar então? O padre o observou por um longo tempo, analisando se devia ou não ir até o menino. Como estava entardecendo, achou melhor perguntar o que ele queria. Tamanha foi sua surpresa ao ouvir a confissão de Andrew. “*Eu matei os meus avós*”_ dissera apenas. O pároco nada disse, apenas refletiu por um momento antes de pedir para o garoto, agora com pouco mais de doze anos, que lhe explicasse melhor como matara os avós. Andrew relatou o que sentira e o que vira, entre prantos. Parou algumas vezes para retomar o fôlego, contou a sua história desde o início e disse o que pretendia fazer.

— Você não os matou — disse o padre com a voz suave, talvez a voz mais suave que Andrew já ouvira em sua vida — e não será castigado, filho. O garoto ergueu os olhos, fitando curiosamente o rosto do velho padre. Como poderia ser inocente? Quis sair correndo, acabar de vez com tudo aquilo, mas o que acabara de ouvir o fez pensar que talvez ainda tivesse uma chance. Poderia quem sabe, haver uma maneira de salvar sua alma e então ele não precisaria morrer ainda. Uma fagulha de esperança acendeu-se no coração de Andrew, enquanto o padre saía do confessionário e o convidava a sentar-se a seu lado em um dos bancos em frente ao Jesus morto.

— Olhe para ele, filho, e me diga o que você vê. — Andrew fixou os olhos na imagem, olhou atento tentando encontrar algo desconhecido, tentando reconhecer a morte ao lado de Jesus.

— É só uma imagem. — respondeu ele acanhado.

— Não é só uma imagem. É a imagem de seu irmão Jesus Cristo. Você já deve ter ouvido a história de Jesus, não é verdade? Sempre tão dramatizada que quase perdeu sua verdadeira essência. Você também deve saber que Jesus nasceu de uma simples mortal, a Virgem Maria e que cresceu sem saber exatamente qual era a missão que seu Pai lhe havia destinado. — Andrew fez que sim com a cabeça — mas Jesus descobriu sua missão e viveu o resto de seus dias em função de cumprir a vontade de Deus, até mesmo na hora de sua morte. Jesus ouvia o grande Pai e, no entanto, sabia que iria morrer, que seria torturado e humilhado, mas em nenhum momento pensou em desistir ou em tirar a própria vida. O que você ainda não sabe, é que Deus destinou também uma missão a cada um de nós e que precisamos ser fortes para cumprir essa missão. Nem sempre é fácil, — o padre segurou uma das mãos de Andrew — pode ser muito penoso, mas é para o nosso bem, para que possamos aprender. Algumas pessoas são especiais, filho. A missão pode ser mais difícil para essas pessoas. Jesus Cristo, por exemplo, era uma pessoa especial e não foi à toa que nasceu aqui nesta Terra como o Filho de Deus. Você é especial e talvez por isso tenha recebido esse

dom. Pense, se Deus o incumbiu de ver a morte aproximando-se das pessoas, de ouvir vozes lhe contando o futuro, é por que deve esperar algo especial de você. Você deve orar sempre que estas vozes e estas visões se apresentarem a você. Ore e peça ao Pai que lhe mostre o caminho do amor, da devoção. Eu não posso lhe garantir qual é a sua missão, mas garanto que a resposta está no amor e é amando que você deve encontrá-la. Quem é a pessoa a quem você mais ama?

— Mi... Minha mãe... — gaguejou Andrew.

— Sua mãe também o ama, filho. Então você deve voltar para casa e abraçá-la fortemente. Ela deve estar esperando por este abraço há muito tempo. Conte tudo a ela. Tenho certeza de que ela o compreenderá e o ajudará a encontrar seu caminho. E tire da cabeça estas ideias de morte. Sua mãe saberá perdoá-lo, caso tenha cometido algum pecado. Mas se precisar de mim, volte. Eu estarei aqui para qualquer coisa de que precisar.

Andrew saiu da igreja aliviado. Estava com muito medo da hora de tirar a própria vida. Era bom saber que não precisaria mais cometer o suicídio. Já estava escurecendo e a mãe certamente já chegara a casa. Mesmo assim, ele decidiu caminhar um pouco sozinho, pelas ruas da cidade antes de voltar para casa. Dobrara uma esquina e mais outra. O breu abateu-se de vez sobre as luzes fracas da iluminação pública, ainda não presente em todas as ruas do bairro, e Andrew viu-se completamente perdido na escuridão. Seu coração batia forte e a sensação de alívio o abandonara. Andava cada vez mais depressa virando esquinas, pedindo informação aos poucos transeuntes que encontrava. Inutilmente, pois não sabiam informar-lhe para onde deveria seguir. Olhou para o céu... Deus o estaria punindo pelos pensamentos infames de tirar a própria vida? Pela agonia da mãe em ver seu filho trancado no quarto, quase sem se alimentar por tantos dias? Por ele ter matado seus avós? Este último pensamento quase o fez desfalecer. O padre mentira? Ele era também um dos filhos de Deus? Tinha mesmo uma missão a cumprir? Então por que justamente agora que tinha ouvido o que

precisava saber, merecia estar perdido ali, naquelas ruas frias e escuras, sem a proteção da mãe ou de um abrigo para proteger-se do frio? Andrew ouviu vozes se aproximando na rua escura. Viu apenas vultos, movendo-se na escuridão e ouviu a voz de sua avó, alta e clara, gritando para ele não ter medo, porque ela agora o faria dormir por um tempo.

Quando acordara, na UTI de um hospital público, vira sua mãe repousando em uma cadeira colocada ao lado de seu leito. Ele quis chamá-la, dizer que estava vivo, mas não podia se mexer. Havia tubos enfiados em sua garganta e estava amarrado na cama. Um dos olhos estava completamente tapado por uma atadura que lhe envolvia toda a cabeça. A única forma de comunicação era um raio de luz que penetrava na fresta apertada do outro olho ainda inchado. Não demorou para que a mãe despertasse. Andrew viu as lágrimas de emoção e felicidade escorrerem pela face pálida da mãe magra ao seu lado. "*Perdão, mamãe! Perdão!*" gritava em sua mente, mas nenhum som saía da garganta entubada de canos plásticos.

Passadas algumas semanas, ele finalmente criou coragem e contou tudo para sua mãe. Falou das vozes e principalmente da culpa pela morte dos avós. Falou que queria se matar, contou toda a conversa com o padre, de quem por sinal, ele se lembrava perfeitamente. Reforçou ainda, dizendo que o assalto e a surra que levava teria sido seu castigo, escolhido por Deus para se redimir do seu pecado mortal e que agora entendia que se sua vida tinha sido poupada é por que tinha mesmo uma missão a cumprir e expressou a imensa vontade que sentia agora de descobrir qual era.

Muito tempo se passara até este dia em que Andrew voltara ao mesmo hospital para visitar Natália. Tinha crescido e se tornado um homem forte de cabelos incrivelmente ruivos. Ainda fazia terapia, talvez para se livrar das vozes, talvez para encontrá-las. Mas nada mudara desde a sua infância e por isso sabia que a vida de Natália ainda não chegara ao fim. Qual seria a missão dela? Fosse qual

fosse, ele a amava como a uma irmã e estaria a seu lado, amando-a e ajudando no que fosse possível.

Das cartas de Natália,

Mais uma vez ouço teu chamado, minha fênix, e mais uma vez meu coração se põe em prantos. Vi tua imagem um dia desses, quase desfaleci tamanha a dor que atravessou meu peito. Era como se tivessem arrancado minhas entranhas e nada restasse dentro de meu corpo vazio e só. As pessoas não percebem que tua imagem está por todos os lados. Passam por ti, algumas chegam até a admirar tua beleza, sem saber quem tu és, minha fênix, sem se darem conta do que fizeste antes de partir. Muitas dessas pessoas ainda estão aqui por tua causa. Muitos já não poderiam ver a luz do sol, se não fosse por ti, por teres te sacrificado para poupar-lhes as vidas. E mesmo assim, insistem em negligenciar tua memória. Quisera dizer-lhes como tu foste importante, contar-lhes o quanto ainda és importante para mim e perguntar por que te ignoram. Mas tenho medo de olhá-los nos olhos. Tenho medo de que vejam a dor em minh'alma. Tenho medo de não poder me conter e chorar mais uma vez.

É, as pessoas esquecem rápido demais. Perdem suas memórias no tempo. Esquecem-se das coisas boas da vida, esquecem-se da própria vida e enfim, esquecem-se dos grandes heróis, como tu. Mas da tragédia todos eles recordam, comentam, veem as tragédias como se fossem o grande espetáculo da vida. E enquanto isso, não percebem que o verdadeiro espetáculo é a própria vida. Eu os odeio tanto quando ousam falar teu nome, blasfemarem contra ti, fantasiando bobagens, afirmando mentiras sobre tua partida. Oh, eu sei que nada disso é verdade! Eu acredito em tua inocência, minha fênix, eu tenho a certeza de que jamais abandonarias tua doce vida para partir em busca do desconhecido, da outra face da lua. Ainda que teu espírito seja um aventureiro (nós dois sabemos que és!) tinhas imenso amor a tua terra e a tua gente. Eu sei que nunca desejarias abandoná-los de uma hora para a outra. E talvez não tenhas desejado deixar-me tão cedo.

Hoje, especialmente hoje, sinto-te mais presente ao meu lado. Talvez por que hoje, oremos em teu nome. Tu sentes? Oh, minha fênix, como eu queria ajudar-te, dizer o que sinto ou simplesmente receber notícias tuas! É evidente o amor (indescritível!) que sinto por ti, criatura dos céus, parte da minha alma. Tu bem sabes que as almas são divididas para depois poderem se reunir aqui. E nós voltaremos a ser um. Não será tardio para ti, pois no campo em que agora habitas, minha fênix, não existe o tempo. Tão pouco existe espaço, então tens tu a liberdade de permanecer ao meu lado, velando minhas tristes noites de sono. Noites de sonho, as que sonho contigo. Eu gosto de acreditar que sim. Prefiro pensar que te encontras ao meu lado e certas vezes, chego a sentir o toque de tuas mãos.

Sinto-me meio idiota, escrevendo estas cartas para alguém que se foi. Mas é a minha forma de dizer que te amo, de contar-te o que sinto, como dói a tua falta, como desejo que estejas bem, em tua nova jornada. Quando escrevo cartas para ti, não o faço com intenção de enviá-las para qualquer lugar, apenas anseio que me ouças quando mentalizo estas sinceras palavras para ti. Da minha alma para tua alma. Sei que nossas vidas tiveram caminhos muito diferentes e distantes, mas acredito que entre as almas não há distinções. Somos iguais e assim seremos pela eternidade. Agora podes ver a verdade onde te encontras, adorada fênix? Sentes meus chamados, que já não mais são chamados, mas sim súplicas para que encontres teu caminho de luz? Sentes ao menos o meu amor por ti, tão puro e tão eterno, capaz de derrubar as barreiras da distância e da saudade, e de me fazer continuar a viver? Será o amor capaz de vencer as dimensões e levar a ti as minhas súplicas?

TERCEIRA LIÇÃO – Indo Cada Vez Mais Fundo...

Não era fácil entender, ou era ainda cedo demais para pensar em entender os desígnios do destino. De uma hora para a outra a vida passa de uma sucessão de vitórias a uma grande derrota e acaba com todos os sonhos, exclui todas as expectativas. Em um momento Natália é uma pessoa normal e feliz, segundos depois está em uma cama de hospital, quase morta. Justo ela, que desperdiçara tanto tempo para não fazer coisa alguma. Frequentemente ficava em casa sozinha, enquanto os amigos passeavam e se divertiam pela cidade. Quando insistiam em levá-la, Natália dizia que estava ocupada, que já tinha outro compromisso, que marcara um encontro, entre tantas outras desculpas que inventava para fazer parecer que era alguém importante, que era lembrada pelo mundo, que tinha amigos melhores para se divertir e coisas realmente importantes a fazer. Em nenhuma das vezes isso foi verdade. Fazia isso por que tinha vergonha, não tinha dinheiro para frequentar os mesmos lugares a que o pessoal do escritório costumava ir, tinha medo de não saber como se comportar em meio aos colegas, patrões e, em certas ocasiões especiais, com clientes mais próximos. Não queria fazer feio, não podia arriscar o emprego da sua vida. Chorava de vez em quando, pensando que sua solidão seria eterna e que apesar de estar rodeada de parentes e alguns vizinhos de apartamento, estaria condenada a passar o resto de seus dias presa ao trabalho, ou no pequeno apartamento de três cômodos, onde não tinha liberdade sequer de ouvir suas músicas favoritas.

A perspectiva agora era outra: perdera um tempo precioso, deixara de viver enquanto a vida passava como um filme na sua frente. De todos os sentimentos que lhe afloraram no coração quando recebera a notícia da sua doença, o pior foi o arrependimento por não ter feito nada. Arrependimento por ter sido covarde a vida toda e deixado as outras pessoas decidirem quase

tudo por ela. Até mesmo o minúsculo apartamento em que vivia havia sido escolhido a dedo pelo pai e a mãe. Ela não questionara. Era sempre preferível “engolir sapos” a começar uma briga. Só que agora ela sentia a garganta sufocar com todos os sapos mal engolidos que ficaram entalados na garganta, esperando uma oportunidade de saltar para fora. E saltavam pelos olhos em forma de lágrimas.

Naquele exato momento, Natália tomou a decisão: jamais deixaria de viver! Aproveitaria cada ocasião como se fosse a última, como de fato, poderia realmente ser. Começaria a dizer “sim” para as oportunidades que lhe eram oferecidas e as viveria o mais intensamente possível. Sairia. Dançaria. Cantaria (coisa que adorava fazer, mas morria de vergonha!). Agora não precisava mais mentir para os outros e para si, mostraria quem era de verdade e estava preparada para ouvir a desaprovação de quem quer que fosse. Já não teria que se incomodar com as opiniões alheias como fizera o tempo todo. Ela morreria logo e então se tornaria apenas uma lembrança para aqueles que a amavam. Pelos que não a amavam, não seria sequer lembrada e isso lhe parecia consolador. Jurou para si mesma que quando deixasse de vez o hospital, esforçar-se-ia para fazer tudo o que sempre sonhara. Pegaria sua bicicleta e sairia mundo a fora, sem rumo nem destino certo. Caminharia até a praia todo fim de tarde para ver o sol se pôr e nas manhãs de verão subiria ao último andar do prédio mais alto, só para vê-lo nascer. Comeriam alguns pratos exóticos que sempre sonhara experimentar, como sushi, caviar e acarajé. Não ficaria mais nenhum dia sem se deliciar com o chocolate que ela adorava, nem que isso lhe levasse todo o salário do mês. Pediria ao síndico do prédio um espaço vazio e abandonado no fundo do terreno e dedicaria suas horas vagas à jardinagem. Sempre quis passar algum tempo mexendo na terra, mas infelizmente, as horas de folga eram escassas e ela preferia descansar na solidão do seu quarto a praticar qualquer coisa que pudesse lhe dar algum prazer. Por pensar em prazer, lembrou-se de que precisava arranjar um namorado, com urgência. Não queria morrer sem conhecer o amor verdadeiro e, como estava prestes a

partir, não havia mais tempo para esperar o príncipe encantado. E depois, sua mãe dizia sempre que o amor se aprende, por que não tentar? Natália era jovem, mas já não era mais uma menina. Estava mais que em tempo de levar um relacionamento a sério.

Enquanto esperava o diagnóstico e fazia mais e mais exames, Natália continuava a planejar seu breve futuro. A cada minuto lhe ocorriam ideias mais loucas, vontades que ela mesma imaginava serem ridículas antes, mas que agora eram totalmente sensatas. Desejos escondidos, vontade de dizer para as pessoas coisas que jamais tivera coragem para contar. Desejava profundamente passar mais tempo na companhia de pessoas queridas, seus pais, irmãos, amigos e Andrew que não se enquadrava na questão "família" porque não era seu irmão, nem na questão "amigos", porque era bem mais do que um amigo. Ela soube que ele estivera ali, visitando-a, enquanto ainda estava desacordada. Perguntou para uma das enfermeiras se havia recebido visitas e comentou que não gostaria de ter sido vista em coma. A mulher descreveu Andrew como a sua única visita. Reconfortou-se ao saber que seus pais não foram ao hospital. Não queria que a vissem naquele estado lastimável, principalmente o pai, que era um homem muito nervoso. Imaginou que Andrew havia sido designado mensageiro da família neste caso, e também imaginou que ele tinha apreciado a missão.

Andrew gostava de passar o tempo visitando doentes e asilos. Ele sempre lhe contava histórias estranhas e era muito difícil não acreditar nelas. Jurava ver a morte acompanhando as pessoas a quem restava pouco tempo de vida e usava sempre um pequeno lenço vermelho amarrado ao pulso, dizendo que era para se proteger. Natália não tinha muitas lembranças felizes de sua infância com Andrew. Ele sempre fora uma criança diferente e por isso mesmo ela se aproximara dele. Sentia pena toda vez que o via na escola, sendo motivo de chacotas. Os colegas adoravam infernizá-lo, mas Natália logo se tornou sua defensora particular. Ele estava sempre isolado das outras crianças, geralmente com papel e lápis à mão, fazendo desenhos estranhos. Quando ela sentou-se ao seu

lado pela primeira vez no recreio, pensou que o menino iria morrer de tanto pavor! Encolheu os braços instintivamente em frente ao rosto, como se Natália fosse lhe dar uma bofetada. Ela assustou-se e pensou em correr para longe dele, mas olhou em volta, observou as outras crianças que brincavam sem se importar com a solidão e o desespero do menino ali sentado naquele banco gelado de cimento, sempre sozinho e esquecido. Viu que se ela não falasse com ele, se ela não o salvasse, ninguém mais o faria. Reuniu suas forças, tentando convidar o menino esquisito para brincar, mas quando abriu a boca, tudo o que saiu foi um trêmulo "oi". No fundo, Andrew lhe causava arrepios. Parecia um morto-vivo, um zumbi saído de um filme de terror. Tinha a pele muito clara e olheiras arrochadas ao redor dos olhos. Vestia-se sempre com roupas escuras que Natália imaginava ser um tremendo mau gosto da mãe do garoto. Mas para sua surpresa, o rapaz respondeu, no mesmo tom de voz, expressando o mesmo medo por ela, e foi a mesma sensação de arrepio que Natália percebeu percorrer o corpo do garoto, atingindo os pêlos dos antebraços desnudos por causa das mangas curtas da blusa de lã. A partir daquele dia, tornaram-se inseparáveis. Natália era o escudo de Andrew e impedia que as outras crianças o maltratassem. Chegava a elogiar os desenhos macabros do menino, tentando iluminar seu rosto solitário com um sorriso, mas um esboço de sorriso era tudo o que conseguia.

Natália não sabia explicar por que estavam unidos até hoje. Tantos anos haviam passado e ela continuava sendo o escudo de Andrew. Sentia como se tivesse nascido para protegê-lo, como se esta fosse a sua razão de viver. Certo dia ela comentou com Andrew como era impressionante as pessoas já nascerem destinadas desta forma, como ela fora destinada a ele para defendê-lo do mundo. Para sua surpresa Andrew reagiu ironicamente dizendo que era engraçado e perguntando-lhe quantas pessoas como ele — ou mais indefesas do que ele — havia na face da Terra e como ela nunca se preocupara em proteger nenhuma delas. Natália não soube responder, sentiu-se egoísta. Andrew então explicou que ela não fora destinada a ele e que cada um fazia sua própria escolha na vida. Ela

fizera a escolha de estar com ele em momentos difíceis e embaraçosos, apenas isso. Depois do sermão, abraçou-a docemente e beijou-lhe a face. Permaneceram por longo tempo abraçados, sem dizer nada, refletindo cada instante que passaram juntos.

Ela aguardaria o retorno de Andrew ao hospital. Certamente alguém já havia avisado a família de que ela retomara a consciência e no dia seguinte ele deveria retornar. Ela queria perguntar se ele via a morte ao seu lado. Tinha certeza de que ele não responderia e se conseguisse mesmo ver a morte a acompanhando, mentiria. De qualquer maneira, ela lhe faria uma surpresa, porque não estava nem um pouco deprimida, como era de se esperar, mas ao contrário, animara-se em pensar que sua vida começaria quando deixasse o hospital. Ela era apenas um bebê, ou um feto, esperando a hora certa de romper a bolsa da vida que a sufocava e renascer para uma nova fase, cheia de liberdade e descobertas. Agora pretendia descobrir o que realmente significava o livre arbítrio. Já não precisaria mais fazer o que não gostava. Poderia escolher se andaria ou não dentro da lei ou dos princípios morais e éticos, tão comentados no escritório Vasconcellos Ferraz. Começaria também imediatamente, um curso superior em direito. Pretendia dizer aos docentes tudo o que pensava ser errado, expor toda sua indignação, nem que fosse apenas para sentir o gosto de desafiar as pessoas bem mais experientes do que ela, como tantas vezes teve vontade de fazer com seus chefes e seus clientes, mas não pôde. Queria mostrar que, apesar de não ter estudado, ela não era uma leiga. Provaria que estudara muito, muito mesmo e que possivelmente, sabia dez vezes mais sobre os códigos jurídicos do que a metade dos advogados com quem trabalhava. Agora podia. Podia fazer o que bem entendesse e essa era uma sensação maravilhosa que ela jamais sonhara sentir. Também não precisaria se preocupar em pagar as mensalidades: arrancaria o dinheiro do seguro-saúde para a matrícula e depois, empurraria as parcelas com a barriga até chegar a hora de partir deste mundo. Como ninguém podia cobrar dívidas dos defuntos...

Quanto mais ela pensava e planejava como seriam seus últimos dias de vida, mais animada ficava em relação às expectativas felizes das quais se enchera. Teve de ser sedada para conseguir dormir porque a excitação era grande e ela queria demais começar a sua jornada rumo à liberdade, rumo à felicidade. Então o calmante começou a fazer efeito, mas ela fixara esse desejo em seu cérebro, para não esquecer e ter lindos sonhos. Seus olhos fecharam finalmente, mas a noite era escura e não tinha estrelas.

Das cartas de Natália,

Finalmente o céu azulou hoje. Depois de tanto tempo em meio à nevoa, que fazia parecer-me que o céu também guardara luto pela tua partida, minha fênix. Encontraste a luz, finalmente? Queria perguntar-te se já te sentes em condição de me dizeres se estás bem. Queria saber se tens recebido, desse outro lado os pensamentos positivos que tenho tentado enviar-te. Ter certeza de que podes ouvir-nos em nossas intermináveis orações e se tens gostado. Ajudamos mesmo fazendo isso, quando a vontade que temos (que eu tenho) é de chorar como uma criança e gritar teu nome aos quatro ventos? Poderias ouvir-me se eu gritasse a dor que sinto e que tenho retido no fundo de minhas entranhas a duras penas? Podes ouvir as orações silenciosas que insisto em escrever em minha mente o tempo todo? Eu sofro por ter que conter-me, deixo de expressar o que realmente sinto (tua falta, fênix!) para passar o tempo todo fazendo de conta que já te esqueci, que rogo para que sigas teu caminho (cada vez para mais longe de mim...) fingindo que tudo isso é para o teu próprio bem. Eu sei que tenho de convencer a mim mesma que isso tudo é verdade, mas a dúvida lateja em meu coração e faz-me pensar se tudo não passa de uma invenção. Mais uma cruel invenção dos mortais para que não soframos as perdas...

Mas eu posso sentir a tua presença, ainda que tente desligar os laços que nos unem, ainda que queira (ou não) te libertar. E quando olho para o céu azul que agora se estende por todo o horizonte é que tua presença se torna ainda mais viva e vibrante. Sinto como se voasses por este céu límpido, quase translúcido, minha ave, sinto como se pudesse te ver passeando sobre as nuvens. Teu eterno rastro impresso ao longe, muito longe daqui... Curiosamente, esta noite, sonhei com três iguais a ti. Estavam a rasgar os céus nublados daqui, talvez em tua memória. Agora que acordo, ouço perfeitamente o som de tuas asas, fênix, passeando despreocupado,

esperançoso quem sabe. Tu voas num vai-e-vem despreocupado, aproveitando a luz do sol, resplandecendo no azul deste céu que se apresenta agora sem suas vestes de luto. As nuvens também não choram mais. O período negro certamente já passou e não mais tornará a açoiar a minha alma. Sinto-me até mais feliz hoje, ao olhar para o céu. Sinto agora mais paz. A ferida estará finalmente se fechando? Não, nunca fechará. Apenas é preciso que eu aprenda a conviver com ela. Seguir com a dor que estará para sempre comigo, mesmo que escondida em um cantinho da alma, aquele cantinho que ocupaste, não por muito tempo e que se tornara mais evidente logo após a tua partida.

Estas palavras jogadas ao acaso no papel (assim como tantas outras que já foram ou que serão) como forma de aliviar uma alma agoniada, valem alguma coisa para ti? Podes ouvi-las enquanto as imagino para lançá-las ao papel gelado? Poderás vê-las ou ouvi-las sempre que desejares? Eu não saberei. Mas elas são para ti. E só para ti. Pelo bem que me causastes, ainda que involuntariamente, em apenas uma fração de segundo de tua existência. Causaste-me tanto bem apenas pelo fato de existires, de teres estado tão perto de mim, ainda que eu não tenha percebido em um primeiro momento, mas que veio a ficar tão evidente em tão pouco tempo. Apenas uma fração de segundo e a vida mudara completamente. E perdeste a tua. Desta forma passo a crer que tudo, inclusive o mal, serve ao bem. O bem que causaste em atrair todo o mal apenas para ti. Parecem horríveis estas últimas frases, mas elas trazem uma beleza imensa. Se todo mal serve ao bem, então isso praticamente anula a existência do mal. Como ouvi certa vez, se "o ódio não é o reverso do amor, mas sim o próprio amor que adoeceu", estamos todos livres do ódio e do mal? É profundo demais para mim, mas tu, onde quer que estejas, minha fênix, talvez possas encontrar as respostas.

QUARTA LIÇÃO – O Que Não Conhecemos Nos Assusta...

Andrew chegara cedo ao hospital. Tinha sido difícil convencer os pais e irmãos da moça a deixá-lo vir mais uma vez. Só permitiam uma visita por dia e ele pretendia se certificar de que a morte não viera durante a noite para acompanhar os últimos dias de Natália. Esperava em um banco de madeira pintado de branco, observando ao redor as macas que entravam e saíam do CTI todo o tempo. Algumas levavam cadáveres, outras tinham a morte na cabeceira. Médicos e enfermeiros as arrastavam pelos corredores, fazendo barulho por causa das rodas metálicas mal engraxadas. Ele já não se assustava com a figura. Depois de tantos anos de terapia, estava convencido de que se mantivesse uma fita vermelha amarrada ao pulso, estaria protegido e a manteria longe dele. Por precaução, amarrou um lenço, pois os lenços eram bem maiores que as fitas e enquanto dobrados, poderiam facilmente esconder aquele que era o seu verdadeiro amuleto: uma cicatriz sobre o punho esquerdo que fora o único presente que o pai lhe deixara. O corte e a marca dos três pontos eram vistos por baixo do lenço.

A surra era uma das pouquíssimas lembranças que tinha do pai. Fora em um dia quente de verão. Andrew assistia à televisão na sala de estar enquanto o pai bebia cerveja na cozinha, como era de costume. A mãe tinha acabado de sair para o turno de trabalho da tarde, quando Andrew ouviu uma voz sussurrar-lhe nos ouvidos que quem deveria estar trabalhando era o pai e mãe deveria estar em casa, cuidando do filho. Gelado e imóvel, Andrew pôs-se chorar. O pai, indignado com o choro e pelo fato de o garoto não explicar por que começara a chorar de repente, agarrara-lhe o pulso com toda a força, erguendo Andrew do sofá arrastando-o até o quintal. Não podia contar ao pai mais uma de suas esquisitices, temia magoá-lo e só Deus sabia o quanto ele se esforçava para ser um bom filho. Antes que ele pudesse juntar coragem para começar a contar, o pai

apanhou uma ripa da porta, há muito tempo quebrada, e com ela bateu em Andrew. Instintivamente, o menino levou as mãos ao rosto na tentativa de se defender, o que causou o corte no pulso. Desta vez quem o salvou de uma fratura maior foi uma vizinha (a única vizinha que tinha telefone e era encarregada de anotar os recados para quase todos os moradores da rua), que viera avisar que a mãe de Andrew havia sofrido um desmaio no trabalho e pedira a seu pai que fosse buscá-la.

Andrew não lamentava a surra. Ele aprendera com ela. Aprendera que não devia deixar transparecer quando ouvia as vozes. Aprendera que o castigo quando aplicado no corpo, não poderia ferir a sua alma se ele a fechasse em um canto escuro. Foi o que ele fez naquele dia e nos outros dias de punições que se seguiram desde então. Apanhara mais algumas surras em casa, apanhara outras na escola, mas nunca se deixou atingir na alma. E ele sabia como fazer isso. Resguardava-se dentro de si e em certas ocasiões, quando a violência era extrema ou cruel, ele sentia mesmo que deixava o corpo. Podia flutuar sobre seu corpo, esvaindo toda a dor, livrando-se do enjoativo cheiro do sangue que vertia das lesões. Ele sabia que era para o seu bem que apanhava. As vozes lhe contavam que tinha um espírito ignorante e que ainda não estava completamente formado, diziam que era como uma criança que ainda não tinha nascido. As provações fariam com que se desenvolvesse, aprendesse e ajudariam a torná-lo forte. Ele compreendia.

As visitas começaram. Ele foi o primeiro a entrar no leito aparelhado e ficou muito feliz ao ver Natália ainda dormindo, mas sem nenhum daqueles tubos enfiados no corpo. Permaneceu em pé ao lado da cama, gradeada para evitar uma possível queda. Ela abriu os olhos devagar e sorriu timidamente para Andrew. Este retribuiu-lhe o sorriso, mas quando foi perguntar se estava se sentindo melhor, ela o surpreendeu.

— Olá, Andrew! — cumprimentou ela, com uma voz animada, como se tivesse acabado de despertar de um sono cheio de lindos sonhos — Eu sabia que você viria!

— Sim, eu estou aqui. Mas foi difícil convencer seus pais para...

— Eu já sei, — interrompeu ela, cheia de vitalidade. Uma vitalidade que Andrew não recordava ter visto antes em Natália. — eles é que queriam vir, mas eu tinha certeza de que você os convenceria. Eu preciso mesmo conversar com você, Andrew. Quero que me diga se você está vendo a morte ao meu lado agora...

— Eu... acho que não é uma boa hora para conversarmos sobre isso... — Andrew sentira uma flecha atravessar-lhe o peito. Não estava acostumado àquele tipo de pergunta e, embora soubesse que as pessoas que o rodeavam tinham muita curiosidade, ninguém jamais se atrevera a perguntar-lhe diretamente. Talvez não acreditassem no dom que ele carregava consigo. Ele não as culpava. Aindanão estavam prontas para crer. Ele mesmo não fazia questão de contar o que ouvia, via e sentia, a quem não interessava receber suas mensagens. Natália era uma destas pessoas que não acreditava. Nunca o desrespeitara, pelo contrário, até acompanhava Andrew às sessões de terapia frequentemente e incentivava-o a procurar ajuda espiritual. Aquela pergunta foi a primeira prova de que ela passara a acreditar no seu dom. Ele apenas desviou os olhos dos dela, mirando ao longe e sentindo a dor angustiado-lhe o peito. Era mais confortável a ele saber que era considerado desequilibrado e até mesmo louco.

Por incrível que pudesse parecer, ele próprio tinha medo de perder o controle sobre o dom que lhe fora concebido. Quando contava com a desconfiança de todos, podia dizer a si mesmo que eles tinham razão e que tudo não passava de mera imaginação de sua cabeça. Mas quando aparecia alguém que acreditava, geralmente pessoas que haviam perdido entes queridos recentemente, Andrew tentava fugir e mantinha-se o mais distante que podia de tais pessoas. Ele não poderia atender aos seus pedidos. Não aliviaria suas almas e nem corresponderia aos anseios. Mas certas vezes quando fechava os olhos, ouvia as vozes pedindo que dissesse aos vivos que seus desencarnados estavam bem. Ele temia dar o recado, mas não conseguia se livrar das vozes enquanto

não lhes fazia a vontade. Então ele escrevia. Escrevia as mensagens e encontrava uma forma de entregá-las sem ser visto. Ele superava essas situações em pouco tempo, porque depois de entregues as mensagens, as pessoas e as vozes o deixavam em paz.

Mas Natália era diferente. Ela não iria embora e tampouco ele poderia seguir adiante sem ela. Respirou fundo e, mesmo temeroso, respondeu:

— Não. — respirou e acrescentou — Ela não está aqui com você.

Natália não sabia se acreditava em Andrew ou não. Era claro que se ele visse mesmo a morte acompanhando-a, não lhe diria. Ou diria? Ela considerava que ele não era uma pessoa normal, como todas as outras. E se tudo aquilo não passasse de invenção de sua mente perturbada? Para ela o fato de Andrew ter afirmado que a morte não a acompanhava não mudava nada. Ela era uma condenada. E morreria ainda jovem, hoje, amanhã... Natália percebeu a inquietação no rosto de Andrew. Já o vira assim antes e sempre que isso sucedia, ele sofria graves crises, chegando algumas vezes a necessitar de calmantes ou até mesmo de sedativos e internações. Arrependeu-se imediatamente da pergunta que fizera. Já que não acreditava nas visões de Andrew, não deveria mexer com isso. Mas o mal já estava feito e por mais que ela tentasse consertar, não tiraria o tormento que infligira àquela pobre alma doente.

— Desculpe-me, nem sei por que perguntei isso. De qualquer forma você não me diria a verdade.

— Eu disse a verdade! — quase gritou — Eu nunca menti pra você! Ela não está aqui agora, ela não virá buscá-la porque não é a sua hora!

— Desculpe-me... — repetiu ela em um sussurro. Mesmo as lágrimas que brotaram timidamente nos cantos de seus olhos não puderam apagar tamanha vivacidade de seu rosto, que Andrew não se cansava de contemplar mesmo sem poder explicar. De fato, ele

dissera a verdade. A morte ainda não viria buscá-la. Ou estaria se disfarçando para que ele não a visse? Ela não perderia seu tempo com isso. Ele tinha a impressão de que era ela, a morte, que não o via. Passava por ele, estendia-se ao seu lado, mas parecia não perceber sua presença. Certas vezes, demorava a levar alguém embora. Havia pessoas muito agarradas as suas vidas, muito presas a este mundo e eram estas as que davam mais trabalho à senhora morte. Nessas ocasiões, o processo podia levar dias. O moribundo agarrava-se ao corpo e a morte esperava pacientemente ao lado de Andrew. Já vira acidentes em que pessoas muito jovens perderam a vida e esses eram os casos mais graves. Os jovens eram ainda muito apegados aos corpos e não queriam deixá-los de maneira alguma. A morte é paciente e sabe esperar a hora certa, quando os aparelhos são finalmente desligados e os laços que os prendem aqui neste mundo são cortados, aí é o momento dela.

— Você não irá morrer tão cedo, pode ficar tranquila. — reforçou ele, agora se contendo para não magoá-la — Mas precisa descansar. Não será bom se tiver que passar o resto de seus dias sofrendo. Cuide-se. Resguarde sua saúde para usá-la pelo tempo que ainda lhe resta.

Ela se cuidaria. Precisava estar preparada para as aventuras que enfrentaria logo que deixasse o hospital. A ideia não fora esquecida no dia seguinte, nem no próximo, nem no outro, como era de se esperar, mas ao contrário, estava cada vez mais fixa no pensamento de Natália. Dava-lhe forças, evitava a depressão e fazia nascer uma energia que ela não sabia de onde vinha, mas que nunca sentira antes. Era como uma paixão de adolescente pela qual se vivia e morria, pela qual tudo se tornava possível. Essa energia lhe transformara em uma super mulher, capaz de realizar todos os sonhos, os desejos, fazia-a entender o que era viver e mostrava-lhe que nunca tinha sido feliz como gostaria. E como agora, ela seria.

Andrew preferiu voltar para casa andando. Estava frio, mas ele queria sentir o frio no rosto mais uma vez. E queria estar sozinho por alguns momentos, o que o ajudaria a pensar. Pensar em Natália,

no que ele vira em sua face. Não era comum ver felicidade no rosto dos doentes, isso ele sabia por experiência, pois costumava passar a maior parte do tempo visitando doentes. De onde brotara aquele olhar vivo, atento, aquela paixão de viver? Por que agora, quando a doença aparecera e era realmente grave? Ela sabia que, mesmo sobrevivendo, precisaria de tratamentos intensivos e constantes, e poderia carregar sequelas para o resto de sua vida. E *isso* lhe causara felicidade? Algo acontecera, Andrew sentia, mas não podia identificar ainda. Estava acostumado a desvendar os mistérios da alma das pessoas, as sensações negativas, a acalmar os pesadelos com suas palavras. Entendia perfeitamente os sentimentos negativos. Podia isolá-los, ajudar as pessoas a conviver com eles, e a relevá-los. Mas a felicidade o incomodava! A paixão incomodava-o! Ele jamais alimentara qualquer coisa parecida! Fora infeliz por toda a vida e sabia que todo mundo também era assim. Encarar a felicidade fora assustador. Como o desconhecido sempre é: assustador.

Das cartas de Natália,

Agora restara apenas o vazio. Tanto esforço, tanta busca e hoje deparo com a mais intensa solidão e culpa... Eu não deveria estar aqui, mas tenho que continuar respirando. Minha hora ainda não chegou, embora gostasse de poder reunir-me a ti. Que missão mais difícil! Será este o desígnio de Deus para nossas almas sofredoras? A eterna busca... Quantas encarnações mais serão necessárias para que nos encontremos?

Só a tristeza, esta sim é verdadeiramente infinita. Apenas a falta, pena a mim imposta de ter que seguir sem ti, minha fênix. Vejo a chuva mais uma vez e me recordo daquele glorioso céu azul do dia em que partiste para sempre. Podes ver através deste azul intenso? Olho o horizonte tentando enxergar o fim que se oculta atrás das severas gotas derramadas das nuvens. As montanhas já não existem, apenas o aqui é real. Já não há o infinito pelo qual passeavas, as paisagens a que tanto amaste.

Meus olhos estão cerrados, tanto quanto os teus, minha doce fênix. Cerrados pelas nuvens baixas que impedem a visão, e pelas tuas imagens que eu percebo terem desaparecido de minhas vistas. Por que insistem em levar-te para ainda mais longe de mim? Não percebem que te desejo por perto, para sempre guardado, intocado, em um recanto reservado apenas a ti. Não compreendem que, por mais que tentem afastar-te, mais presente tu te fazes e quanto mais tempo passar sem que possas regressar para mim, mais preparado e corajoso ficarás para vir até mim.

Hei de buscar-te, minha doce fênix, acharei uma maneira de buscar-te. Quero que estejas comigo cada vez que eu fechar os meus olhos. Mantenha-te em meus sonhos, mostra-me que estás bem, pois minha mente não pode mais inventar falsas imagens, falsas mensagens tuas. Eu preciso que me mostres a tua luz. Estarei atenta, como tenho estado desde que partiste. Esperando apenas...

Se tu estiveres pronto, porém, não me aflijas mais com essa espera, porque seria insuportável esperar até a eternidade.

QUINTA LIÇÃO – Ter Confiança...

Ela estava em casa. Fora-lhe recomendado que mantivesse o repouso por algum tempo, mas apesar da insistência da mãe, ela preferiu ir para sua casa. Sentia-se bem e não admitiria ser tratada como uma inválida. Queria pôr em prática os seus planos. Tinha medo que a paixão se extinguísse, medo de cair em depressão e perder a vontade enorme que sentia no coração. Começaria por falar ao síndico sobre o terreno atrás do prédio. Queria mexer na terra o quanto antes. Seria o princípio da mudança, o princípio de sua nova vida.

Assim que toda a família fora embora, Natália pôs-se a arrumar a casa. Estava há tempo precisando de um trato e ela imaginava que, se o aneurisma no cérebro aguentara todas as suas estripulias até agora, aguentaria uma simples faxina. Começou pela cozinha. Lavou a louça que estava sobre a pia, mas não satisfeita, retirou as que estavam no armário e lavou-as também. Depois limpou os armários, areou as panelas, limpou o chão engordurado da cozinha. Seguiu até o banheiro. Retirou as cortinas plásticas e as colocou de molho no sabão em pó com um pouco de alvejante, para afrouxar as manchas escurecidas de mofo. Sentiu vontade de tomar um de seus banhos demorados, mas tinha acabado de tirar a cortina para lavar. Imediatamente, afastou a sensação de culpa e resolveu se permitir mais do que um banho sem cortina, que molharia todo o banheiro: ligou o aquecedor a óleo na pequena circulação e deixou a porta aberta pra aquecer o banheiro todo. Lembrou-se da promessa que fizera para si mesma, no hospital e que poderia não ter outra oportunidade de se permitir aquele banho. E além do mais, ainda nem tinha começado a limpar o banheiro e a circulação. Poderia muito bem sujá-los primeiro para depois limpar!

Sentia-se bem embaixo da água quente e sem o ar frio a açoitar seu corpo. O aquecedor a óleo era potente o bastante para esquentar todo o apartamento. Ela se ensaboava e cantava sua

canção preferida. Em voz alta porque já não se importava se os vizinhos ouvissem e a achassem ridícula. Distraidamente, deixou o sabonete escorregar. Abaixou-se para juntá-lo e ao tentar se reerguer sentiu a tontura novamente. *Ainda não!*, disse repetidamente. Sentou-se no piso frio e molhado do banheiro e esperou alguns minutos. Os rodopios diminuíram gradativamente e ela conseguiu se reerguer, apoiando-se com cuidado nas paredes encharcadas. A cabeça doía um pouco, mas nada muito além do normal. Massageou o crânio com as pontas dos dedos e manteve os olhos fechados. Instantaneamente viu a cena do pesadelo em sua frente, pela primeira vez em todos estes dias. Não sonhara o mesmo sonho desde que estivera no hospital. Talvez fossem os sedativos, ela pensava, que a impediram de sonhar.

O coração disparou. Ela podia sentir o calor da explosão espelhado em sua pele. A impressão de perder alguém amado, a falta de alguém... quem poderia ser? Ela não vira nenhum rosto conhecido durante o sonho. Ninguém absolutamente entre os muitos que ela via. Homens e mulheres correndo e gritando aflitos, em todas as direções. Rostos molhados de lágrimas, como o dela própria. Os joelhos tocando o chão com força, como fizera há pouco no piso do banheiro. Podia sentir a terra sob os joelhos, as imperfeições do campo bruto. O peso do corpo a curvar-se sobre o colo era tão evidente quanto as palmas das mãos secando as lágrimas que corriam intensamente pelo rosto. Porém esta vez fora diferente das outras. Alguém se aproximara e segurara-lhe os braços, fazendo com que se levantasse. Ela vira apenas um vulto por detrás do véu acastanhado dos cabelos soltos pela face, que se desprendiam rebeldemente do chapéu de abas largas que usava para conter o forte sol. O vulto acolheu-a em um abraço protetor, e ela percebeu uma réstia de fogo sobre o que procurava consolá-la. Não teve dúvidas quanto a este fogo que já fora visto por ela milhares de vezes. Nada mais era do que os ruivos cabelos de Andrew. E ela o afastou de si, de modo que pôde contemplar seu rosto também marejado de lágrimas, e a mão forte que não soltava o seu braço a nenhum custo e a impedia de se aproximar.

Abriu os olhos, despertando do transe. Nunca prestara atenção a esta parte do sonho. Ficara preocupada apenas em reconhecer a pessoa amada que partira, mas não dera atenção ao amigo que a consolava. E sempre procurara espantar as lembranças do doloroso pesadelo para longe, o mais rápido possível. Agora que resolvera mudar toda a sua vida, faria diferente: concentrar-se-ia em recordar o máximo e melhor possível o sonho que a perseguia. Quem sabe assim pudesse desvendar o mistério ou livrar-se dele de vez? Pensou em primeiro lugar, que deveria contar a Andrew o que se lembrara desta vez. Se alguém pudesse lhe explicar por que isso acontecera, este alguém era Andrew.

Desceu as escadas, agora apoiada no corrimão. Não queria correr o risco de sofrer mais uma tontura e despencar escada abaixo. Como o amigo lhe dissera, precisava cuidar-se para viver bem o tempo que lhe restava. Conseguiu autorização para transformar o pequeno pedaço de terra do condomínio em um ornamentado jardim e depois seguiu em direção à floricultura que ficava a quatro quadras dali. Estava em busca das sementes. Não quaisquer sementes, precisava das sementes certas, que germinassem todo o ano, pois já era início de inverno e não correria o risco de perder toda a estação plantando as sementes erradas. Caminhou pelos corredores avaliando cada uma das espécies expostas em pequenos cachê-potes pelas prateleiras da loja de flores. Olhou minuciosamente para cada uma delas, cada espécie com sua cor diferente, trazendo consigo uma beleza única, que não era comum em mais nenhuma espécie. Observou como cada florzinha era única, com suas pétalas de tamanhos diversos, com tonalidades diferenciadas. Imaginou-se assim, como uma pequena flor de cor e tamanho diferente das demais, mas não menos bela e perfeita. Escolheu algumas espécies rasteiras de tons quentes, alaranjados e cor-de-rosa. Escolheu uma grama miudinha que mais parecia um tapete inteiro de veludo verde. Enfim, escolheu a flor que gostaria de ser. Uma minúscula rosa vermelha que se esparramava em galhos que se agarravam nas cercas e telas como um cipó. Percorreu mais uma vez os corredores da loja onde

encontrou um item importante: as pedras ornamentais. Separou variedades de seixo rolado branco, pedras de rio amarelas e cor de barro, algumas placas de arenito e separou também alguns cristais, mas depois desistiu, porque eram pesados demais para que pudesse carregá-los. Deu uma última olhada, certificando-se de que não se esquecera de nada. Feita a conferência das mercadorias, encaminhou-se ao caixa, para a felicidade da moça que a atendera. Pagou com cheque pré-datado, então agarrou todas as sacolas com uma única mão e caminhou para a saída.

Antes de colocar o pé na rua, deu uma última olhada para o lado e constatou que havia muitos cartazes, talvez comerciais, presos à parede lateral da floricultura. Aproximou-se. Eram cartazes de espetáculos. Gostou da ideia de sair para divertir-se um pouco. Era tudo de que ela precisava para renovar de vez suas energias. Olhou com mais atenção as datas e os horários. Muitas bandas de estilos musicais variados, mas nenhuma que ela conhecesse ou apreciasse. Duas peças teatrais, uma comédia e um drama. Estes lhe agradaram. Ela queria anotar as informações, mas não tinha caneta e nem papel. Largou seus embrulhos ali mesmo e voltou ao caixa, pediu-os para a moça que a atendera tão gentil e pacientemente. Anotou todos os horários e percebeu que entre tantos anúncios, não percebera um em especial. Tratava-se de um pequeno cartaz com o desenho de um avião e anunciava um show de acrobacias aéreas na cidade, dentro de alguns dias. Um famoso piloto, do qual Natália não recordava ter ouvido falar, estaria pessoalmente fazendo um espetáculo diferente, com novas e inusitadas manobras. Natália adorava esportes radicais e a aviação acrobática era, sem dúvidas, um esporte muito radical. Anotou esse horário em especial.

Ao chegar a casa, Andrew a esperava, confortavelmente sentado em sua sala-cozinha, lambiscando alguns biscoitos que encontrara no armário. Os pés estendidos sobre uma das cadeiras, fizeram com que Natália abrisse a boca para dar uma bronca, mas conteve-se, pois em sua nova vida, não havia tempo a ser

desperdiçado em broncas. Se a cadeira fosse suja, ela a lavaria mais uma vez e era só.

— Olá, Andrew! Chegou cedo! — brincou.

— Eu vim ver se está tudo bem. Encontrei a chave e entrei, espero que não fique chateada. Os biscoitos, eu...

— Está tudo bem — interrompeu ela, porque conhecia bem Andrew, e quando começava a se desculpar, levava tempo — Eu estou bem. Aliás, que bom que você veio, eu queria mesmo falar com você.

— Comigo? — Andrew encolheu-se na cadeira o mais fundo que pôde. Imaginou que viriam mais perguntas sobre a morte ou coisa parecida, mas Natália estendeu sobre a mesa o papel com as anotações e pediu que ele examinasse e escolhesse o que gostaria de fazer. Ele apontou surpreso para a peça teatral, a comédia. Gostava de comédias. Quando ria, esquecia por um tempo a dor que habitava o interior de todas as almas e que era tão claro para ele que quase podia senti-las.

— Hum! Teatro! Ótimo! — exclamou ela — Mas não tenho o que vestir para ir ao teatro. Você se importaria de me acompanhar em umas comprinhas?

— Só se você pagar um sorvete!

— Combinado! — respondeu decidida. Abandonou imediatamente as sacolas com as mudas de flores e desceram as escadas mais uma vez, rumo ao centro da cidade.

Caminharam, conversaram, experimentaram todas as roupas que tiveram vontade. Há muito tempo não passavam uma tarde tão agradável juntos. Sentaram-se no pátio da sorveteria, onde mesas de plástico foram negligentemente dispostas e cobertas com um quebra-sol de lona, improvisado. O local não era bonito, mas era agradável. Degustaram lentamente, um sabor de cada vez para não confundir o paladar. Andrew formava desenhos com a calda de

chocolate, fazendo Natália rir. Ela despejava refrigerante em uma taça cheia de sorvete, só para ver a espuma que se formava. A tarde era perfeita. Depois de tantos dias de frio cortante, finalmente o sol lhes dera a graça de sua presença, elevando um pouco as temperaturas. Mesmo assim o sorvete deixava Natália arrepiada a cada colherada e fazia os dentes de Andrew doerem.

Ele acabara de desenhar um gatinho com a calda de caramelo, e voltou-se para Natália, porém não encontrou mais aquele sorriso de minutos atrás. Ela estava pálida e tinha uma das mãos sobre o ventre. Segurava ainda a colher na outra mão e ele notou que tremia bastante. Agarrou-a imediatamente, temeu que Natália fosse desmaiar. Indagava o que estava acontecendo, seria a doença se manifestando mais intensamente agora? Ou eram os reflexos do tratamento, os efeitos colaterais das fortes drogas das quais se tornara dependente? Ela nada respondeu. O olhar fixo ao longe, além do horizonte e o medo expresso nos olhos. Ele sentia o medo. Decidiu não fazer mais perguntas. Ele já sentira muito medo na vida e sabia com era ruim dar explicações nessa hora. Mudou sua cadeira para o lado dela e entrelaçou-a com seus braços quentes. Natália estava inteiramente gelada.

Fora como uma dor aguda a atingir-lhe o peito e as entranhas. O ar esvaiu-se dos pulmões, sufocando-a, quase matando-a. Levou as mãos instintivamente ao abdômen, procurando arrancar a faca que, ela tinha certeza, alguém acabara de cravar em seu corpo. Baixou a cabeça e, para sua surpresa, não havia faca alguma. Natália se esforçava para puxar o ar até os pulmões, e só muito tempo depois conseguiu dizer a Andrew que estava bem. O coração acelerado parecia querer saltar pela boca. Agarrou-se a Andrew, ele era seu único refúgio e poderia salvá-la daquela dor, daquela sensação de quase-morte que acabara de experimentar.

— Eu... eu preciso contar uma coisa... — disse ela, sussurrando para que ninguém além dele pudesse ouvi-la — Aquele sonho que me persegue, você estava nele, Andrew. E eu acabo de ver o homem que morre a cada noite dentro da minha cabeça...

— Onde? Cadê? — quis saber Andrew, ou não. Apenas foi a única coisa que lhe ocorreu dizer. Aprendera que sonhos são lembranças. Lembranças de outras vidas, de pessoas que já conhecemos, com quem já convivemos. Ele aprendera hipnose e até mesmo fizera sessões de regressão em busca de pessoas, em busca de dar sentido aos seus sonhos. Conseguira. Encontrara muitas das respostas que procurava e mesmo algumas as quais não se atrevera a procurar. Todas elas estavam guardadas dentro dele, dentro da sua alma, apenas aguardando para despertarem. A cura estava em si, os motivos também estavam ali. Mas principalmente, as respostas. Se ele fora bem sucedido, quem sabe Natália também pudesse ser? Sabia que a amiga não acreditava nessas coisas de outras encarnações, mas não custava nada tentar.

— Ali! Já se foi! — respondeu ela.

— Você tem certeza? Quer dizer, não que eu esteja duvidando, mas... — ele se calou. É claro que ela tinha certeza. Tanta certeza que quase desmaiara. — Eu posso ajudá-la, se você deixar. Eu acho que sei de uma maneira eficaz de esclarecer isso tudo e, na pior das hipóteses, espantar esses pesadelos. Mas você precisa confiar em mim.

Ela confiava. Arriscava-se a dizer que ele era a pessoa em quem mais confiava na vida e lhe entregaria sua vida de olhos vendados. Ele a aquecera. O gelo e a rigidez estavam deixando o corpo dela, bem devagar. Já podia sentir o ar entrando pelos pulmões facilmente, apesar de persistir a dor no abdômen. Sentia-se um recém-nascido que acabara por aprender dolorosamente a respirar.

— Eu confio em você, Andrew. Farei o que você quiser que eu faça. Mas antes, preciso lhe explicar o sonho, com detalhes. Vamos para casa.

Das cartas de Natália,

A chuva. Vejo a chuva escorrendo pelas vidraças, tristes lágrimas lavando as tuas cinzas. Escorrendo devagar pelas sarjetas imundas, depois seguindo lentamente pelo dos rios, rumando sempre até encontrar o mar. Esta triste chuva me faz pensar em ti, minha fênix, em nossos espíritos. Faz-me ver que somos como estas gotas que se arrastam pelas janelas e acabam aqui neste mundo. Porém é preciso ainda, que aprendamos a seguir o rio, a acompanhar seu curso que finalmente nos levará para o mar aberto de onde viemos e para onde retornaremos sempre. Somos como as gotas que do doce rio, acabam por terminar no sal do mar. Depois tornamos a subir para novamente molhar os quintais, penetrar na terra quente e procurar a correnteza que nos levará mais uma vez ao princípio.

No mar nos reencontramos e poderemos sempre nos reencontrar. Somos um só, unimos nossas metades junto à água salgada que nos acaricia, que nos toca e depois nos liberta para que prossigamos o eterno adeus e o eterno retorno. Será este o sentido de tudo, minha fênix, chover, molhar, subir e chover de novo? Viver, amar e morrer para depois nascer de novo? E onde a felicidade se encaixa neste eterno círculo que nunca se abre? Será possível mudar o rumo da vida, minha fênix, refazer o que ainda não foi feito? Não, porque não há destino, apenas há escolhas e o que chamamos de destino nada mais são do que as consequências, recentes ou tardias, destas nossas escolhas ou das escolhas de outrem que se refletem em nós. E por que as minhas escolhas sempre me levam aos mesmos resultados? Tanta busca, tanta procura e acabo por encontrar de ti apenas as cinzas. E as tuas escolhas te conduzem a seres sempre estas minhas cinzas, cinzas do meu coração, cinzas da minha alma tão mortalmente ferida quanto o teu corpo escurecido pela fumaça.

Agora perco o rumo, minha doce fênix, pois já não tenho a ti e não sei mais a quem buscar. Partiste muito precocemente, deixaste-me sem perspectivas. Já não encontro mais vida em todas as coisas deste mundo. Tudo isso aqui se tornou inesperadamente morto, inclusive as pessoas. As pessoas para as quais olho na tentativa de enxergar a ti. Os olhos que não refletem para mim mais do que a tua própria imagem distorcida. O teu fogo vejo em olhos acastanhados, o céu que tanto amavas, quando os olhos são azuis, a fumaça em que te consumiste vejo em olhos negros e acinzentados. Nos olhos verdes, raras vezes encontrados, vejo teus próprios olhos mirando-me a face. Porém todos eles são olhos mortos, cegos que já não podem me mostrar suas suaves feições.

Oh, fênix! O que eu não daria para ver-te mais uma única vez? Posso te assegurar que são tão poucas as coisas as quais amo. Queria sentir-te por perto, poder andar a teu lado. Queria ouvir a tua voz falando-me ao pé do ouvido. Como desejaria que estivesses de volta! Queria ter poderes para poder te devolver a vida. Mas não tenho, minha fênix. Eu só tenho meu coração com o que arrisco chamar de amor, e a minha alma ferida, machucada por tua ausência. E tenho a dor que me proporciona tuas lembranças. Tenho a solidão que se tornou minha eterna companheira desde que partiste. E ainda me agarro às lembranças felizes de ti, porque não me canso de olhar para o teu lindo sorriso, sempre estampado em teu rosto sereno. Mesmo esta chuva sem fim que molha meu coração sem piedade é incapaz de apagar a imagem daquele teu sorriso. Mesmo porque eu não quero esquecê-lo nunca e se esquecer, irei buscá-lo no mais profundo recanto das memórias, só para poder contemplá-lo mais uma vez. Assim que tenho a ti dentro de mim: sorrindo! Como sorrias para todos os que te cercavam, como sorriste para mim.

SEXTA LIÇÃO – As Respostas Estão Adormecidas em Nós Mesmos...

— Você só aparecera agora para me amparar. Não entendo como, eu nunca havia passado daquele momento, mas agora pude ver tudo como se flutuasse sobre a cena, como se eu não mais fizesse parte dela. — explicava Natália para Andrew, que gravava tudo para mostrar ao seu terapeuta/hipnólogo — Também não vejo o rosto do homem morto, não o vejo mesmo antes de morrer, apenas vejo o fogo, sinto o calor do fogo chegando a mim e vejo a fumaça que se desprende do objeto em chamas. Estou, no entanto, longe demais para ver o rosto da pessoa que morre. E mesmo assim, quando vi o homem hoje, na sorveteria, sabia que era ele! Sinto como se o conhecesse há muito tempo, sem nunca ter trocado uma única palavra sequer com ele. Mesmo sem saber nada sobre ele, ao menos o nome, sem nunca ter ouvido a sua voz, sem saber nada da sua vida, eu tenho certeza de que era ele! Por mais que me esforce, eu não posso compreender! Por que uma pessoa que eu nunca vi antes, aparece-me nos sonhos? Por que a mim?

— Eu poderia lhe dar muitas explicações, querida Natália, mas acho melhor você marcar uma sessão de hipnose. Pode ser que eu emita uma opinião equivocada, o que a deixaria com mais dúvidas ainda. Você mesma poderá encontrar suas respostas. Elas estão em você e não em mim ou em qualquer outra pessoa.

— Hipnose? Não sei, não. Tenho medo.

— Não precisa ter medo. Já assistiu às minhas sessões, viu o que acontece. Não é nada de mais. É só uma indução voluntária para que você encontre o que procura.

— E se eu não gostar do que encontrar?

— É um risco. Nem sempre as visões são agradáveis e nem toda vez as respostas vêm da forma como gostaríamos que viessem. Há

lembranças que nos fazem sofrer e muito. É triste, por exemplo, assistir à própria morte. É triste ver sua família morrendo. Mas é necessário. Se estamos cobertos por um véu de ignorância, de esquecimento, como podemos saber a verdade? É preciso que aprendamos a romper o véu. Então libertaremos nossa memória e seremos livres para viajar ao passado quando e como acharmos melhor. Mas para isso, há que ter muita disciplina. Como em tudo o que se faz, pode ser bom ou ruim. Há riscos a correr. Se não houver coragem para superar estes riscos e disciplinar a mente, não adiantará de nada tentar. Coragem e fé, eu diria.

— Fé? Fé é coisa de igreja, não se enquadra muito a conceitos terapêuticos.

— Não, acho que você não compreendeu o que eu quis dizer. Você tem de estar apta a aceitar o que verá. Precisa querer voltar, deixar-se levar pelas palavras do hipnólogo. Tem de acreditar. Ou então não conseguirá. Há que se deixar influenciar, soltar as rédeas da própria consciência. Ainda que isso pareça assustador, visto desta forma, é bem mais simples do que parece. É só relaxar, o que eu admito, não ser fácil em todas as vezes. Mas não é impossível. Talvez não consigamos na primeira tentativa, então incluiremos mais uma dádiva aí, a persistência.

— Eu realmente estou em dúvida, Andrew.

— O que você tem a perder? Vamos, dê o primeiro passo em sua nova vida! Esta é a sua primeira chance. A oportunidade que precisa para descobrir o sentido da sua vida. O máximo que pode acontecer é não achar as respostas que procura, mas ficando aí parada, elas não virão até você mesmo. Você tem de querer, tem de desejá-las para que se mostrem. Da mesma forma que não poderá ganhar na loteria se não jogar, também não encontrará as respostas se não procurar por elas. Eu sou a prova viva disso tudo. Você me conhece desde que éramos crianças, sabe tudo sobre minha vida, acompanhou minha trajetória até aqui. Você pode dizer melhor do que ninguém quantas vezes eu me perdi, quantas vezes precisei da

sua ajuda para me reencontrar e você estava lá, pronta para me levantar, pronta para me amparar e evitar uma nova queda. Agora eu lhe peço que me deixe ajudá-la. Deixe-me retribuir a gentileza. Eu sei que posso lhe mostrar o caminho se você estiver disposta a percorrê-lo ao meu lado.

— É que os nossos casos são diferentes, Andrew...

— Sim, eu sei. Eu carrego comigo o mesmo sonho que você carrega consigo. Porém eu sonho acordado, sonho o tempo todo. Vejo a morte acompanhando as pessoas na rua, onde quer que eu esteja. Vejo as dores das pessoas, sinto-as em mim mesmo. Como você sente uma dor que não é sua, em seu sonho. Eu vejo as doenças nos corpos das pessoas, vejo as doenças das almas também. Eu percebo a presença de pessoas com quem já vivi, com quem compartilhei outra vida, sei que as conheço profundamente, embora elas nem sequer saibam que eu existo. Exatamente como aconteceu quando você viu o homem do seu sonho. No começo doía muito para mim, visto que não posso interferir em nada, o que adianta saber, para que ver estas coisas? Eu vi pessoas que amava morrendo e não pude evitar. Vi-os sofrendo, vi cânceres tomando conta dos corpos e não pude evitar. Por vezes tentei alertá-los, mas de nada adiantou. Eu passava as noites rezando para não ver mais a morte, rezando para que meu dom fosse tirado de mim. Era preferível não saber, assim poderia cultivar a esperança. Mas não pude mudar as coisas. Não se foge das consequências da nossa própria existência. Deixamos rastros quando passamos por aqui. Deixamos contas a pagar, deixamos amores ainda por viver. Ao contrário do que se pensa, não somos pré-destinados. Fazemos nossas próprias escolhas e, nesta vida ou em outra, pagamos o preço por elas ou colhemos os bons frutos que nos trazem.

— É, eu acho que nem sei o que é sofrimento, perante você, Andrew. Estou envergonhada de afligi-lo com uma coisa tão insignificante: um simples sonho.

— Os sonhos não são insignificantes. São expressões da alma e do corpo. Os sonhos refletem coisas guardadas nas nossas mentes. Nada, absolutamente nada é insignificante. Tudo tem um porquê. Eu vi você adoecendo, Natália. Vi o aneurisma crescendo dentro de você, dia após dia e vi que não será fatal. Se eu lhe dissesse, teria antecipado o seu sofrimento ou causado muito mais desnecessariamente. Não há dor que não possamos suportar desde que essa dor seja vinda de nós mesmos, de nossos atos, das nossas consequências. Já a dor causada pelos atos alheios, estas não sabemos que intensidade pode ter. E é bem possível que não consigamos suportar. E estamos expostos a isso o tempo todo. Ainda que não gostemos, as escolhas dos outros refletem em nós todo o tempo. Como você pode ver, a minha escolha de ajudá-la, reflete em sua opinião de procurar ou não as respostas às quais anseia por meio da hipnose. No entanto, você é livre para aceitar ou não, para seguir o caminho que achar melhor e essa escolha refletirá diretamente em mim. Alterará meu destino, você entende?

— Eu acho que sim. Eu vou com você, Andrew, afinal que mal pode ter? Em último caso, será uma experiência interessante.

Logo na primeira hora da tarde estavam os dois na sala de espera do terapeuta/hipnólogo de Andrew. Natália esfregava as duas mãos com ansiedade e mordiscava os lábios vez ou outra. Andrew percebeu seu nervosismo e estendeu sua mão em direção à dela, aquecendo-a e transmitindo segurança. Pouco mais de cinco minutos se passaram, que para ela mais pareceram uma eternidade, até que o homem baixo e magro surgisse à porta do consultório. Natália o imaginara diferente. Andrew havia lhe contado que para poder-se trabalhar com hipnose era necessário ter muita experiência. Logo ela imaginara um velho e ranzinza doutor, de vastos bigodes negros e com cara de inquisidor. Mas ele não se parecia nada com a figura sinistra que ela idealizara para um terapeuta muito experiente. Estava mais apropriado para um galã de novela das sete. Era jovem e tinha cabelos desordenados e sem corte definido, nem curtos, nem longos, ela os diria medianos. Não devia ter muito mais do que trinta

anos e trajava uma calça jeans comum e uma camisa branca de colarinho, as mangas arregaçadas até a metade dos braços e os dois botões superiores abertos. O rosto era liso e esbanjava um sorriso jovial. Não se via nem sequer sombra de que pudesse ter havido um bigode ali algum dia. A voz era suave e acolhedora e fez com que ela pensasse não ser difícil render-se aos seus encantos, deixar-se conduzir por ele. Ele os cumprimentou cordialmente e depois os convidou a entrar na saleta. O espaço era pequeno e mantinha uma semiluminosidade avermelhada, diferente do que ela imaginara, mas agradável e aconchegante. Não havia muitos objetos dispostos no ambiente. Estavam dispostas duas cadeiras pretas nas quais eles se sentaram, a mesa do doutor em madeira escura, onde jaziam pouquíssimos papéis e um antigo toca-fitas, um divã também negro que combinava perfeitamente com o estilo clássico das outras mobílias e um grande relógio de parede dourado que não emitia nenhum som, apenas permanecia movendo seus ponteiros e chamando atenção para si. O assoalho de madeira fora pintado de cor bem clara e embaixo do divã havia um grosso tapete felpudo de lã.

O terapeuta/hipnólogo perguntou se ela gostaria de conversar um pouco antes de começar a sessão. Ela olhou para Andrew interrogativamente, imaginando o questionário que se seguiria. Pensou que ele lhe perguntaria o nome e outros dados pessoais, e depois seguiria com perguntas bem pessoais do tipo: o que ela gostava de fazer, o que gostava de comer, com qual época se identificava mais, para depois poder induzi-la a pensar o que queria que pensasse. No final ela acordaria e não se lembraria de nada e então ele lhe diria que fora uma princesa ou quem sabe uma rainha, ou que fora alguma personalidade importante da história, porque eles eram sempre assim, diziam coisas para agradar a quem quisesse ouvir e assim garantiam uma clientela vasta e fiel. Achou melhor evitar o máximo possível a tal conversa e foi logo pedindo para iniciar o trabalho o quanto antes. Para sua surpresa, o terapeuta/hipnólogo não insistiu e ainda perguntou-lhe como

gostaria de ser chamada, algum codinome, seu próprio nome, algum apelido de infância...

— Natália. Apenas o primeiro nome. — ela respondeu convencida de que lhe daria o mínimo de informação possível. Mas não mentiria de maneira alguma. Ele lhe pediu que se deitasse ou sentasse confortavelmente no divã. Ela obedeceu lentamente. Pensou que então ficaria imóvel durante muito tempo, até que conseguisse se concentrar e atingir o nível desejado. Mas ele lhe garantiu que poderia se mover e trocar de posição sempre que lhe fosse conveniente. Ele perguntou se gostaria de ficar a sós ou se gostaria que Andrew acompanhasse a sessão. Ela pediu, receosa, que Andrew permanecesse na sala.

Então ele começou. Ligou o toca-fitas em uma música suave e lenta. Sentou-se na beira do divã e pediu a ela que relaxasse completamente. Primeiro os músculos da face. O pescoço e os ombros. Ela movia-se tentando encontrar uma posição confortável. Estava ansiosa demais para soltar o corpo. Os músculos estavam retesados, a boca seca, os nervos à flor da pele. Sentiu um calor em sua testa. Era a mão do terapeuta/hipnólogo que emanava o calor. Ele percorreu seu pescoço e ombros. Disse que ela carregava o peso do mundo nos ombros e que a partir daquele momento ele o seguraria para que ela pudesse relaxar. A tática deu certo. Ela foi se soltando gradualmente e depois de alguns poucos incentivos estava de olhos bem fechados e se via em um lugar tranquilo, cheio de paz e de verde. Estava em um jardim. A música continuava a tocar e ela já não ouvia nada além da suave música intercalada pela melodiosa voz do homem que lhe guiava os passos, que lhe mostrava o caminho a seguir. Sentou-se na grama, à beira de um pequeno barranco, bem ao lado de um espelho d'água. De dentro da água saltou uma luz colorida em raios azuis e vibrantes vermelhos que lhe envolvia todo o corpo, protegendo e amparando. A voz lhe pediu que olhasse mais profundamente para a água e prestasse atenção aos reflexos que ela emitia. Quando ela se curvou, no entanto, uma língua de fogo surgiu de dentro d'água quase a

alcançando. Ela tentava fugir, queria correr, mas as tentativas eram em vão e por mais que se esforçasse, seus pés permaneciam colados naquele lugar. Ela queria gritar, mas a voz não saía. Queria correr para longe, temia ser queimada, mas logo o fogo transformou-se em fumaça e a voz pediu que se aproximasse mais do lago e garantiu que nenhum mal a alcançaria enquanto a luz estivesse com ela. Explicou que aquela era uma luz de proteção, um escudo que não poderia ser atingido por nada. Ela voltou seu olhar para a água. Viu uma tragédia, pessoas correndo em todas as direções, lágrimas em cada rosto, em cada olhar. Lágrimas e sangue. Ela porém, não estava machucada e corria para o local do acidente e não para longe dele. Procurava por alguém. Quem? A voz insistia em perguntar. Ela não sabia. Não via ninguém, apenas a fumaça, o fogo já desfeito por muitos homens que carregavam latas e baldes cheios de água. Ela abriu passagem entre eles e finalmente viu um homem jovem, e ajoelhou-se ao seu lado. Queria tocá-lo, mas não tinha coragem. Ele estava ainda vivo, estava muito mal, tinha a maior parte do corpo queimado, o sangue molhava o que lhe restara da camisa, os cabelos estavam chamuscados. Ela chorava desesperadamente por ele e soluçava de forma tão intensa que já não conseguia mais responder às perguntas da voz que a encaminhava. Fora chamada de volta. A voz a chamava, ela não queria voltar. Não queria deixá-lo ali, ele precisava dela, ele queria lhe dizer alguma coisa. Ela queria ouvi-lo, mas a voz chamava cada vez mais forte e ela sentiu-se puxada para longe dele, para fora do lago, para a grama e o barranco no qual se sentara. A luz se apagara e foi mandado que abrisse os olhos.

Andrew observava apavorado. Ela estava sofrendo, fazendo com que ele também sofresse. Natália chorava e ele chorava junto. Queria se aproximar, segurar a sua mão, dizer que estava ali. Apesar de já ter passado por experiências semelhantes, não parecia doer tanto quando era ela quem estava lá. O sofrimento alheio doía bem mais nele do que o seu próprio sofrimento. De repente ela começara a soluçar e a se contorcer no divã. Gritava desesperada e já não seguia os conselhos do terapeuta/hipnólogo para que deixasse o

lugar, que voltasse para a luz, para o jardim que a protegia. Andrew sentiu medo. Por um instante pensou que ela se perderia, que não teria forças para regressar à realidade e percebeu que o doutor pensara a mesma coisa. O tom de voz se alterou, chegando quase ao desespero e aquela voz angelical com que ele estava acostumado desaparecera completamente, dando lugar a um homem autoritário que já não pedia, ordenava. O suor escorrendo pela testa o fazia perceber o quanto se esforçava para trazê-la de volta. Andrew sentia a transpiração brotar de seus poros também, enrijecia o corpo num esforço descomunal de ajudar, mesmo consciente de que não podia intervir.

Ela encheu os pulmões de uma só vez e abriu os olhos. Seu corpo tremia tomado por espasmos. Sentia-se exausta, estava ofegante, e lembrava-se completamente de onde estivera e de tudo o que vivenciara e sentira. Demorou um pouco até que se situasse e tornasse à realidade. Mesmo depois de despertada do transe, seu espírito parecia ter ficado preso naquele lugar, naquele momento e com aquele homem. Ao pensar nele, um flash luminoso percorreu o cérebro de Natália, iluminando a memória. Era ele! Ela teve certeza então, da força que os uniu. O homem com quem esteve minutos antes era o mesmo que vira na sorveteria, o mesmo que assombrava seus sonhos há tanto tempo. Seria aquela cena que aparecia no sonho e que ela não conseguia ver com nitidez? Não, ela tinha certeza. As roupas que usava eram diferentes, o cenário era outro e ela vira o rosto do homem perfeita e claramente. Isso não acontecia no sonho, ou ao menos ela não tinha consciência se acontecia, porém quando o encontrou naquela tarde, sabia exatamente que era ele.

Sentiu as mãos do doutor tocando-lhe o braço e isso a trouxe de volta para o mundo real. Ele erguera uma das mangas de seu casaco bege de lã e media sua pressão arterial. Ao lado do divã estava agora uma pequena mesa que ela não imaginava como viera parar ali, cheia de instrumentos médicos, estetoscópio, termômetro, até mesmo seringas e comprimidos. Calmantes? Talvez sim, ou

apenas analgésicos. O descompasso do coração foi diminuindo e a respiração voltava lentamente ao seu estado normal. Ela sentou-se e observou os olhos chorosos de Andrew. Levou as mãos ao rosto e percebeu que estava também molhada de lágrimas. Até mesmo o terapeuta/hipnólogo parecia ter derramado algumas gotas.

— Pulso OK, pressão OK, como você se sente, querida?

— Eu ainda não sei. Fisicamente bem, mas estou me lembrando de tudo o que vi. Acho que o senhor se esqueceu de me pedir para esquecer, não é doutor?

— Você só esquecerá se quiser. Gostaria que a fizesse esquecer-se do que viu, do que viveu?

— Não, não. Eu acho que a terapia não faria o menor sentido se eu não lembrasse o que vi e principalmente o que senti. Eu realmente estive lá? Por que... eu... foi muito real! Foi real até demais! Eu não imaginava que pudesse ser assim, tão... profundo? Eu acho que é essa a palavra. Profundo. Vocês ouviram? Eu falei enquanto estava lá? O que eu disse?

— Eu não pedi a você que contasse o que via, apenas insinuei o que deveria fazer, uma vez estando lá. Mas você disse que vira um acidente, um homem quase morto. E você chorou bastante. Eu pedi que olhasse com atenção o lago e encontrasse o que procurava. Você foi para aquele momento, então esse homem, ou esse fato, devia ser o que estava procurando. Espero que tenha encontrado respostas para os seus anseios.

— Quer que eu conte o que vi? Poderá me ajudar a interpretar o que vi?

— Eu aconselho que apenas guarde esse momento para si. Reflita e tire as suas conclusões. Na próxima sessão conversaremos a respeito. Não quero influenciá-la, a experiência ainda é demasiado recente. De qualquer maneira, se precisar de ajuda pode contar com Andrew. Ele sendo seu amigo, com certeza poderá ajudar a interpretar isso melhor do que eu.

Das cartas de Natália,

Hoje vi o teu céu. O céu límpido e azul que tu amavas, que era tão importante para ti. Fiquei observando o vento que soprava, procurando nuvens sem encontrá-las, exatamente como no dia em que tu me deixaste para sempre. O teu céu, igualmente límpido e azul, para o qual entregaste a vida. O céu pelo qual tu viveste por tantos anos, tua alegria, a razão do teu sorriso. Tu parecias um anjo quando subias aos céus! Encantavas a quem te via, encantavas principalmente a mim. O teu voo era como o canto das sereias, enfeitiçava, cativava. Assim me ganhaste, minha doce fênix. Olhei o horizonte, olhei mais longe o quanto pude e vi pássaros cruzando o teu céu, vi aviões passando, vi o vento ora mais brando, ora revoltado balançando as poucas folhas que restaram nas árvores cor de prata neste outono, mas não vi nenhum sinal de ti. Respirei fundo, sorvendo devagar o ar gelado, tentando sentir o teu cheiro. Fechei meus olhos, apertando as pálpebras, esforçando-me para esconder a luz do sol e te sentir ao meu lado. Foi então que te vi. Tu vinhas ao longe, veloz e imponente, cortando o céu a minha frente. Voavas para mim, as asas abertas como seus braços carinhosos sempre estavam. Tive medo, minha fênix. Desejei não mais abrir os olhos e quis ficar ali para sempre, esperando que tu chegasses, esperando-te como por tanto tempo tenho esperado. Porém, por mais que tentasses, tu não podias alcançar-me.

Estás longe demais, livre por este céu que era teu. E eu estou aqui, presa à solidão de ter tudo, mas não ter a ti, como tanto desejei. Ainda vejo a tua imagem impressa em alguns lugares em que tu estiveste. Ouço as pessoas dizendo o teu nome, e dizem muitas coisas sobre ti. Algumas são maldosas, outras benevolentes, outras ainda, tentam adivinhar o que sucedeu, descobrir o motivo pelo qual partiste. Eu sei que te tornaste um anjo, deves estar ainda, voando pelos céus, a imensidão azul que tu amaste e que agora, te pertence. A cada dia de céu azul posso ver-te sempre que

fecho os meus olhos. E à noite, quando a escuridão esconde todo o azul, tu ficas aqui comigo, sentas-te à minha cabeceira e velas o meu sono intranquilo e o tornas calmo, preenches meu descanso com doces lembranças tuas que se tornam sonhos dourados, minados de ti. Nessas horas, vivemos os momentos que não puderam ser vividos antes, todos os momentos em que não tivemos a chance de viver, para os quais não houve tempo... Tu precisavas mesmo ir embora? Queria saber se tiveste escolha, ou se não pudeste controlar a máquina. Eu queria ter ouvido tuas palavras, minha fênix, que talvez tenham sido destinadas a mim. Sei que o mistério teria sido esclarecido naquelas últimas palavras, que para mim, serão sempre um segredo inviolável.

Se eu pudesse adivinhar o que se passou na tua cabeça naquele momento, se eu pudesse reverter todo o passado e dessa forma mudar o teu triste presente. Quem sabe transformá-lo em um lindo futuro? Traçar para ti um destino promissor, realizar teus sonhos, concretizar planos que tu fizeras? Ah, se eu tivesse esse poder! Como eu desejo ter-te de volta! Por mais que compreenda o quanto é impossível, não consigo lutar contra este desejo. O amor não morre junto com aqueles que se vão. O amor permanece. Por mais que anseie por matá-lo, o amor que sinto por ti não se acabará.

SÉTIMA LIÇÃO – Não Existe Destino, Existe Escolha...

— Andrew, eu o vi de novo. Ele estava lá. O homem do meu sonho, o mesmo que vi na sorveteria. Eu estava em um lugar que parecia uma estação de trem. Houve um acidente, parece que os vagões descarrilaram e um deles explodiu. Não pude ver se o homem estava no trem ou se estava apenas na estação, mas ele foi arremessado pela explosão e lançado para não muito longe do fogo. Estava muito machucado, quase morrendo, seu corpo estava meio queimado. Ele queria me dizer algo, mas havia pessoas a minha volta e queriam me tirar dali. Eu me esforçava para ouvi-lo, mas a gritaria era enorme. Pessoas feridas corriam para todos os lados, homens tentavam apagar as chamas. Eu o amava muito e não queria deixá-lo, mas o doutor me pediu que voltasse. Eu não pude ficar mais. Não ouvi o que ele tinha a me dizer. Não encontrei o que queria.

— Não encontrou? Mas não era ele quem você queria ver? E ele não estava lá? Agora já sabe por que sonha com ele, por que o reconheceu quando o viu. Ele está presente no seu passado. Tiveram uma história juntos. Ele fez parte da sua vida. Isso explica o sonho, não explica?

— Explica em parte. Mas ainda faltam muitas peças nesse quebra-cabeça. Veja bem, hipoteticamente, pense em quantas pessoas estiveram conosco em nossos passados. Milhares, talvez até milhões. Algumas foram nossos pais, nossos filhos, nossos amores. Por que não nos recordamos de todos? Por que tinha de ser ele? Eu poderia me lembrar de qualquer pessoa, principalmente da minha família a quem sou mais apegada, não é? Mas não, só ele vive em meus sonhos. Só ele está preso a mim, preso ao meu destino. Por quê?

— Destino é uma palavra muito forte para ser usada nesse caso. E também não combina muito com passado.

— É claro que combina. Você mesmo me explicou antes de sairmos para a terapia, que o passado está diretamente ligado ao destino. Pois as nossas escolhas nada mais são do que linhas do destino que traçamos a cada dia. E que estas linhas se cruzam sempre, inevitavelmente. Nesse caso, as linhas que me prendem àquele homem podem estar mais do que entrelaçadas. Podem estar presas.

— Quando desencarnamos, a maioria das ligações são rompidas, para poderem ser refeitas de maneira diferente. Não trazemos conosco as ligações das linhas de outras vidas e por isso, os papéis se invertem constantemente. Filhos agora são pais, pais são filhos, homens são mulheres e assim por diante. Exatamente por isso nos são tiradas as lembranças. Porque com o uso da consciência não seria possível resgatar os erros, recuperar as linhas mal traçadas que deixamos nas nossas outras existências. É necessário recomeçar. Como recomeçar algo que não foi encerrado? Não faz sentido!

— Sim, faz todo o sentido do mundo! Eu não procurei me lembrar em vão! Eu não pedi para ver a morte daquele homem em meus sonhos! Como poderia se ao menos sabia que ele existia? Se a minha consciência foi apagada, por que então só ele permaneceu aqui? Está absolutamente claro para mim que temos algum assunto ainda por resolver. Eu tenho que encontrá-lo, preciso falar com ele. Você tem que me ajudar Andrew. É a minha sina!

— Sina não. É o seu carma.

— O quê?

— Carma. Quando não resolvemos algo que deveria ter sido resolvido em uma encarnação, podemos então gerar um carma. Isso explicaria sua insistência em chamá-lo de destino. As escolhas que

vocês dois tomaram em outras vidas acarretaram um carma. Agora não terão paz enquanto não resolverem isso.

— O que é *isso* exatamente?

— Os carmas podem ser muitas coisas, podem assumir várias formas. Os suicidas estão aptos a ter carmas, podem adquiri-los pelo ato de tirar a vida, visto que este é um direito que não lhes pertence. Geralmente entendemos as doenças congênitas, por exemplo, como carmas de atos violentos em outras vidas. As más formações, os fetos espontaneamente abortados ou os bebês que morrem ainda com pouquíssimos dias de vida, sem ter tido ainda a chance de cometer erros nesta encarnação. Pensamos que isto é como o pagamento de uma dívida contraída há muito tempo. Uma dívida com as forças da natureza, uma dívida com o próprio Deus.

— Então a minha doença pode ser o *pagamento* do meu carma? Eu desenvolvi o aneurisma para me autopunir pelos meus erros? Ou a mãe natureza decidiu que deveria ser assim? Porque como você sabe Andrew, eu não nasci doente.

— Você estava sim, com a doença dentro de você desde cedo. Quando a conheci já podia ver a mancha negra em sua cabeça. Pode ser que tenha nascido com ela. Eu sei que se tivesse dito algo, se seus pais tivessem acreditado e a levado a um especialista, nada teria sido detectado. Mas ela estava ali. Eu via. Eu ainda vejo. De qualquer forma, não penso que isto será fatal para você, nem que seja incurável. A medicina avançou bastante de uns tempos para cá e pode resolver o seu problema assim que a pressão diminuir e a operação possa ser feita. Não haverá risco de morte. Você estará curada e então, doenças curadas não são mais carmas. Ou são carmas resolvidos, dívidas pagas.

— Então o que devo fazer, meu amigo?

— O que o seu coração diz pra fazer, minha amiga?

— Eu... eu... não sei se devo...

— Vamos, decida-se! A hora chegou, este é o momento de escrever seu destino, atar ou desatar os nós! O que você quer fazer? Usufria do seu livre arbítrio!

— Meu livre arbítrio? Você tem razão Andrew, vou usufruir dele agora mesmo! Eu sei o que eu quero, não importa se devo, mas eu quero e muito encontrar aquele homem. Estou lançando-me de corpo e alma, ou só de alma, mergulhando nesse perigoso mar sem medo de me afogar. Você está mais do que certo. Se eu ficar aqui parada, lamentar-me-ei para o resto da minha vida — que segundo você, pode ser bem longa — por não ter tentado descobrir a verdade. E eu estaria traindo o juramento que fiz a mim mesma naquela cama de hospital. Eu jurei que viveria como se tivesse acabado de nascer. Não posso trair esse juramento. E se você estiver enganado e não me restar tanto tempo? Não posso deixar de viver! Não posso deixar de procurar por aquele homem!

— Você tem certeza?

— Eu nunca estive tão certa em toda a minha vida.

— Então conte comigo!

Os dois caminharam pelas ruas da cidade na tentativa de encontrar o tal homem. Natália estava atenta, arrumara-se especialmente para a ocasião. Algo lhe dizia que ele estava perto. Olhava atentamente para cada rosto, para cada olhar que se encontrava com o seu e lhe dizia que não era quem procurava. A noite caíra e o frio tornara a massacrar seus corpos. O movimento dos carros diminuía e aos poucos os transeuntes iam sumindo de vista, entrando em suas casas aquecidas ou nas escolas onde estudavam. Em breve, na rua, não haveria ninguém além dela e Andrew. O desânimo tomara conta do humor de Natália. Ela alimentara tanta certeza de que o encontraria que a decepção tomou conta de seu coração. Sentia-se como uma criança que anseia por um brinquedo novo e descobre que já passou das seis e terá que esperar pelo brinquedo até o dia seguinte. Voltou para casa. Pediu a Andrew que dormisse ali aquela noite, não queria ficar

sozinha, mas ele negou. Disse que ela precisava de um tempo para pensar e que, se ficasse, não a deixaria dormir porque costumava falar no meio do sono. Ela apenas assentiu. Andrew era sistemático. Ela sabia que ele não conseguiria dormir longe da sua cama, do seu colchão, do seu travesseiro... Preferiu não discutir e, mais uma vez, repetiu sua nova filosofia de vida: não havia mais tempo a perder com coisas sem importância, como discussões e desentendimentos.

Banhou-se demoradamente, relaxando como sempre e cantando alto. Depois vestiu sua camisola preferida, feita de algodão cor-de-rosa e deitou-se. Quis recordar todas as emoções da regressão, mas os olhos se fecharam antes que as lembranças brotassem em sua mente. Porém, acordou de madrugada. O mesmo sonho voltara a atormentá-la. Desta vez ela vira perfeitamente o rosto do homem, não morto, mas vivo, caminhando para algum lugar que ela não decifrara ainda qual era, parecia uma festa, um local muito movimentado, com pessoas curiosas carregando máquinas fotográficas e filmadoras, como se estivessem se preparando para registrar um grande espetáculo. Depois o fogo, e ela despertou, como sempre acontecia. Desta vez não ficou assustada. Quis saber se o rosto aparecera agora por causa da experiência de regressão, ou se já estava no sonho antes e ela apenas não prestara atenção. Abandonou a hipótese de que só o vira agora, porque viu o homem em carne e osso na sua frente, na sorveteria, e isso fora muito antes da regressão. Como o teria reconhecido se não pelo sonho? Revirou-se na cama tentando achar uma resposta lógica e convincente. Não a encontrou. Mas para que precisaria de uma resposta lógica depois de tudo o que vivera? O mundo estava diferente agora, porque agora ela tinha certeza de que muitas das coisas que julgara serem loucura, muitos conceitos antes descartados, não eram mais do que a pura verdade. Verdade dolorosa para ela, mas ainda assim, verdade. Dolorosa porque agora tinha certeza de que aquele terrível desastre em seu sonho não era apenas um sonho, era um desastre real. Ainda que não correspondesse exatamente ao que ela sonhara, o acidente existiu e nele aquele homem perdera a vida. *Mas não perdeu o espírito!*

repetiu para si, em pensamento. Seria essa a grande descoberta? Que o espírito era eterno e imortal como rezavam as religiões? Não. A surpresa eram as ligações entre esses espíritos imortais. Ligações mais fortes que a própria morte, ligações capazes de vencer as barreiras do tempo. Ela queria voltar mais uma vez. Decidiu procurar o terapeuta/hipnólogo assim que amanhecesse, sem hora marcada, sem aviso prévio. Precisava voltar e ouvir o que o homem lhe revelara antes de partir. A resposta poderia estar naquelas palavras que fora impedida de ouvir.

O tempo passava e mais uma vez ela estava a aguardar na antessala. Viera sozinha. Andrew deveria ainda sentir-se cansado pela aventura do longo dia anterior. Ela fora informada de que o doutor estaria atendendo outros pacientes, mas insistiu em esperar e esperaria o tempo que fosse preciso. Queria muito uma sessão, ainda que rápida, só para ouvir o que o homem queria lhe contar. O doutor não atendia sem hora marcada e blá, blá, blá, mas ela esperou mesmo assim. Não a expulsariam dali sem antes falar com o médico, disso tinha certeza. Esperou e esperou. Devorou mais de três revistas inteiras, daquelas gratuitas, distribuídas em lugares públicos e recheadas de propagandas enganosas. Seus olhos já estavam ardendo de tanto ler aquelas letrinhas miúdas das reportagens e fixar-se nas cores vibrantes e chamativas dos anúncios. Foi quando a porta se abriu. Nenhum paciente saiu, apenas o doutor, observando-a com espanto.

— Olá, senhorita Natália. Tão cedo de volta? Creio que tenha gostado da sessão de ontem, não é mesmo?

— Bem, eu vou direto ao assunto. Quero mais uma sessão, agora mesmo, se for possível.

— Ok, então, direto ao assunto. Não se pode fazer outra sessão tão depressa. É preciso esperar ao menos uma semana entre elas. Infelizmente não poderei ajudá-la.

— Não posso esperar uma semana! Eu preciso de uma sessão agora mesmo!

— Eu não posso mudar as regras. Se quiser conversar sobre a experiência de ontem, pode contar comigo. Mas não posso regredi-la agora e nem sei se poderei voltar a fazer isso com a senhorita.

— Então vamos conversar, doutor. Deixe-me explicar os meus motivos e depois, se o senhor resolver não me ajudar, eu entenderei e não voltarei a insistir.

Ele fez um gesto para que ela entrasse em sua sala. Ela obedeceu. Tudo estaria exatamente igual ao dia anterior, não fosse por um cheiro doce de incenso queimado. Um almíscar que lhe parecia familiar como, aliás, muitas coisas ali também lhe pareceram. Ela sentou-se não no divã, mas em uma das cadeiras postas à frente do terapeuta/hipnólogo. Pensava em qual seria a melhor maneira de persuadi-lo. Qual seria seu ponto fraco? Todos os homens tinham suas fraquezas e este não haveria de ser diferente e ela sabia como detectá-las, já usara isso milhares de vezes, sabia convencer quando necessário. Analisou-o por alguns instantes, mas sentia como se ele fosse resguardado por um escudo invisível e impenetrável. Em seus olhos não havia nenhum indício de tal fraqueza, nenhuma faísca de comoção, nada. Natália achou melhor contar toda a verdade pra ver no que dava.

— Eu não sei se tenho mais uma semana de vida, doutor. É por isso que preciso fazer isso hoje. Amanhã posso não estar mais aqui, o senhor compreende?

— Natália, eu acredito que tenha sentido certa resistência para voltar ao jardim, ontem. Eu tive que dispor de um esforço descomunal para trazê-la de volta. Cheguei a pensar que não conseguiria. Agora não me sinto seguro em relação à senhorita. Seria perigoso se voltasse lá. Sinceramente, eu tenho medo de perdê-la.

— Eu não vou me perder, doutor! Eu prometo! Voltarei ao jardim sempre que me for pedido! Podemos combinar um sinal, como um estalar de dedos, quando eu ouvir o sinal voltarei imediatamente!

— Não é simples assim. Isso não depende somente da sua consciência ativa e racional. É relativo ao subconsciente, a partes do cérebro que não estão diretamente em ação quando está acordada e exercendo a razão. Funciona mais ou menos como a face oculta da lua, não a vemos, não sabemos o que há do outro lado. Apesar de descobertas muitas coisas sobre as técnicas da hipnose, ainda existem muitas que são verdadeiros mistérios para nós, humanos. Ninguém consegue explicar precisamente por que as imagens se formam quando o paciente se encontra em estado de hipnose profunda; as áreas do cérebro, principalmente referentes à memória, são ativadas intensamente e isto gera uma mudança nos padrões de ondas cerebrais. Nós não temos como controlar essas ondas. E se você não quiser mais voltar, se bloquear a sua mente, eu não poderei influenciá-la a voltar. Daí, não tenho ideia do que pode acontecer. Eu não posso arriscar a minha carreira, madame. Sinto muito.

— Acho que o senhor não entendeu, doutor. Eu pago o que for necessário. Eu assino os termos de responsabilidade que o senhor quiser, isento-o de toda a culpa, caso aconteça alguma coisa comigo. Apenas peço que me dê mais uma chance. Eu preciso voltar! Agora!

— Moça, você ainda é muito jovem, não será demais pedir-lhe que espere apenas uma semana. E isso não é uma questão de dinheiro. Eu compreendo que esteja ansiosa, mas entenda...

— Eu entendo perfeitamente, doutor, acontece que descobri que tenho um aneurisma cerebral que pode se romper a qualquer momento e, eu realmente, posso não dispor de uma semana para esperar! Eu só tenho o dia de hoje! É assim que vivo agora! Só tenho essa hora para decidir o que fazer, preciso traçar o meu destino, curto ou longo, mas tenho de traçá-lo agora mesmo! Depois pode não dar mais tempo, pode ser tarde! Ajude-me, doutor! Isso pode ser uma maneira esplêndida de testar o seu controle sobre os pacientes. Pense, eu isento-o de toda a responsabilidade e o senhor pode me usar como cobaia para testar sua capacidade de influenciar as pessoas. Seria bom para ambos. O que me diz?

— É arriscado demais. Eu não posso...

— Esta pode ser a sua chance de ouro! O senhor pode ser pioneiro nesse tipo de pesquisa, pense! Eu lhe asseguro que não será fácil encontrar outra pessoa disposta a servir de pesquisa para a hipnose. Muitos sentem medo dessa prática que ainda hoje é vista como algo esotérico e não científico, como de fato, é. Chame o seu advogado, doutor. Pode preencher os papéis que forem necessários, mas eu tenho de voltar. Agora!

— Posso perguntar o que aconteceu de tão importante para que deseje isso tão desesperadamente?

Natália explicou, com detalhes, por que queria voltar ao passado. Pela primeira vez sentia-se viva e livre. Livre para buscar o que não conhecia, para lançar-se de uma maneira intensa, profunda. Descobrira dentro dela uma força de vontade antes adormecida, que ela nem sonhava existir. Descobrira que não há impotência perante a vontade. Que *querer* é o mesmo que *poder*, ou que o *querer* é uma força por vezes mais poderosa que o *poder*, propriamente dito. E ela queria muito. Sentia seu coração arder de tanto desejo. Sabia que sua alma não poderia partir para a grande viagem, sem antes resolver a pendência com aquele homem e que desta vez lhe fora ofertada a chance de descobrir a verdade. Era preciso se apressar. Se morresse antes, seu espírito não teria paz e quem sabe ficasse vagando pela terra, assombrando o pobre homem. Ela moveria os céus e a terra, mas não o deixaria escapar mais uma vez, não nesta vida.

— Você está pronta? — perguntou o terapeuta/hipnólogo. Ela fez um gesto afirmativo. — Vai mesmo assinar os papéis?

— Eu assino o que o senhor quiser, doutor. Não precisa se preocupar. Agora está mais ansioso do que eu. Só estou lhe pedindo que me ajude e serei grata ao senhor até o último dia de minha vida. — Ele ficou aliviado e envaidecido com a resposta e a afirmação. Aceitou ajudá-la, mas não se sentia seguro quanto a trazê-la de volta ou se a estaria realmente ajudando. Tinha certeza

de que se ela não saísse do estado de hipnose seguindo as suas ordens, a volta se daria espontaneamente, com o tempo. Sua dúvida era quanto tempo alguém poderia levar para regressar. Ou se a demora poderia ocasionar danos irreversíveis. De qualquer forma, o fato de ela haver lhe contado a verdade, já revelava carregar consigo um dano enorme. Poderia piorar? Ele achava que não, mas temia que a obsessão a enlouquecesse. Ficara tocada com a regressão do dia anterior, já não quisera voltar à realidade. Teria encontrado um porto seguro para fugir dos problemas desta vida e da própria doença, ou estaria mesmo procurando aquele homem? Ele já aceitara o desafio. Estava tenso, ela adivinhara. Era aconselhável que começasse logo.

Das cartas de Natália,

Abrandou-se a dor, é verdade, mas não se extinguiu esta eterna dor que lateja em meu peito. Nem mesmo o céu com suas imensas nuvens brancas, minha fênix, é capaz de enfeitiçar minha memória e fazer-me esquecer de ti. Tenho-te pedido por socorro constantemente, mas não são ouvidas as minhas preces. E tu permaneces aqui. Ainda vives. Estás vivo dentro de mim; quando muitos já te sepultaram, eu não pude abandonar-te. E sinto que jamais poderei. E a canção de amor continua a tocar em meu coração, e eu vejo o teu rosto, o teu sorriso mais uma vez e eu sinto o calor do teu carinho e eu te sinto...

Queria voltar àquele lugar, mas não me sinto capaz. Tenho medo de irromper um choro palpitante, tanto quanto palpitante está o meu coração, porque inquieto-me cada vez que penso em ti. Não sei se eu teria forças suficientes para suportar as vibrações emanadas naquele lugar. As tuas vibrações que ainda estão presentes por lá, mesmo depois de tantas outras pessoas terem tocado aquele chão. Chão queimado e impregnado de ti. Deixaste um pedaço da tua alma naquele pedaço de solo, minha fênix. Certamente te fundiste com a mãe terra naquele segundo tão precioso em que ela te acolheu. Tenho medo de ver a brotação do campo onde tu te foste ou quem sabe nasceram flores naquele lugar? Não seria esplêndido, flores colorindo o que antes foste tu?

Erguerão um memorial para ti, minha fênix, naquele lugar. Eu ergueria um castelo se pudesse, o que de nada adiantaria para ti agora. Não faria o menor sentido. Quisera ter te erguido um castelo enquanto ainda podias aproveitá-lo. Mas não o fiz. Ergo então, tardiamente, um castelo de emoções ou um castelo de orações, se preferires, embora eu pense que as emoções possam ser sentidas por ti mais intensamente. As palavras de nada valem. As emoções, no entanto, são valiosas. Até mesmo a dor tem o seu valor. Significa que és amado, minha doce ave, creio que compreendes.

Queria dizer-te tantas coisas, queria ter tido a possibilidade de dizê-las. Se eu tivesse te contado a verdade, ainda estarias aqui? Eu poderia ter mudado de vez o que aconteceu? Ainda me culpo. Fui inteiramente responsável pela tragédia. Poderia ter-te impedido, mas não o fiz. Quando percebi, era tarde. Tu já estavas a rasgar o céu sobre mim. Majestosamente, da forma mais linda que jamais fizeste. Tu parecias saber que seria a última vez. Tu também sentiste algo estranho no ar? Sentiste minha aflição quando me dei conta do que estava por vir? Viste o meu pobre coração saltando de dentro do peito, querendo alcançar-te?

Oh, fênix! Eu é que deveria ter partido! Tu eras cheio de saúde e de vida, e eu já me encontro condenada. Tu tinhas ainda muito o que fazer nesta vida, eu já não queria nada senão salvar-te. Fracassei, porém. E esse fracasso custou-te a vida. Custou-me a minha também, porque sem ti e carregando o peso da tua partida, já não vivo mais. E eu que pensei que a vida apenas começara! Como foi breve, minha fênix! Sequer cheguei a conhecer-te inteiramente, ainda que sentisse ter tido a ti por toda a eternidade. Ou ter-te perdido pela eternidade. Ainda não organizei corretamente esses meus pensamentos.

OITAVA LIÇÃO – Não Existe Acaso, Existe Consequência...

Ela estava em um automóvel que se movia em alta velocidade. Aparentava medo, pedia ao motorista que parasse, mas ele não a ouvia. Estaria bêbado? Não tinha certeza. Mas sabia que não estava em seu estado normal. Haviam discutido um pouco antes e ela não quis deixá-lo sozinho. Enfiou-se dentro do carro, colocou o cinto de segurança e ele não pôde mais arrancá-la do veículo. Ligou o carro e saiu, fazendo cantar os pneus. Partiu para o que ela pensava ser uma... autoestrada? Pista de corrida? Não sabia o que era, mas a estrada era asfaltada e estava deserta.

O terapeuta/hipnólogo lhe fazia muitas perguntas, desta vez. E sugeria o que ela devia perguntar. Ordenou-lhe que descobrisse onde e em que ano se encontrava. Mas ela não conseguia. Se falasse, o motorista ao seu lado seria agressivo com ela. Não queria distraí-lo naquela velocidade. Estava com muito medo. O doutor perguntara quem era ele. Ela apenas dissera não saber, mas olhou para o lado e o viu. As feições eram as mesmas, só que ele mantinha um bigode e a barba ainda por fazer. Vestia uma jaqueta esportiva bem diferente e tinha uma espécie de goma nos cabelos. Ainda assim era ele. O homem a quem ela procurava. Com toda certeza era ele. O terapeuta/hipnólogo insistia para que ela olhasse com atenção, pois não deveria equivocar-se, e ela sempre tornava a afirmar que era ele. Ela sentia a trepidação do carro, quase um voo, seu corpo estremecia no divã quão intensa e vívida era a cena. Ouviu o motorista reclamar de algo, não soube de que se tratava. Uma discussão violenta começara e o carro bamboleava pela estrada, avançando pela contramão e voltando. Nervosa, ela agarrara o volante, tentando controlar o veículo. Sentiu um solavanco e o mundo começou a girar. O carro capotara.

Natália abriu os olhos de supetão, respirando profundamente, como se tivesse acordado de um daqueles constantes pesadelos. O doutor não soube o que dizer, ainda não pedira a ela para retornar ao tempo real. Sentia que estivera no comando esta vez, ela fora influenciada e respondera a todas as suas perguntas, mas este despertar antecipado punha à prova mais uma vez o seu controle sobre as regressões de Natália.

— Por que me trouxe de volta, doutor? Eu não acabei ainda, não descobri nada, apenas vi o rosto do homem. Não troquei uma única palavra que pudesse me ajudar em algo. Era cedo demais para voltar.

— Eu não a trouxe. Você voltou sozinha. Acredito que possa ter morrido no acidente. Voltou enquanto o carro capotava, em alta velocidade. Duvido que tenha sobrado alguma coisa. Acho que vocês dois morreram juntos.

— Eu tenho como descobrir isso?

— Tem sim. Pode ver a cena como uma mera expectadora, ao invés de vivenciá-la como personagem. Pode flutuar sobre a cena e ver em detalhes o que aconteceu, mas eu não a aconselho. Pode ser traumatizante ver-se morrendo. Ainda mais dessa forma, não deve ter sido muito agradável.

— Mande-me de volta, doutor. Quero ser expectadora. Preciso descobrir ao menos onde eu estava e quando.

— É muito recente ainda, não posso hipnotizá-la novamente.

— Pense no seu estudo, doutor. Será o pioneiro.

— Não faz diferença, senhorita Natália. Você não tem pena de mim mesmo, não é? Eu preciso dispor de muita energia a cada sessão de hipnose. Não é tão fácil quanto parece! Tenho de concentrar-me e a minha cabeça já está doendo, se quer saber!

— Por favor, doutor! Só mais uma vez?!

— Está bem, está bem! Eu não acredito que esteja fazendo isso! Deite-se!

Ela obedeceu. Obedeceria sempre, porque precisava dele ainda. Esperava conseguir se auto-hipnotizar logo e então não teria mais que ouvir as queixas do doutor — e nem pagar pelas sessões. Fechou os olhos e relaxou. Apresentou certa resistência para aprofundar-se no transe. Era difícil ser expectadora da própria vida. Mais do que ela julgara. O doutor precisaria dispor de uma reserva extra de energia desta vez.

Finalmente conseguiu. Flutuava sobre o espelho d'água agora e via-se sentada à beira dele, olhando para dentro da água, atravessando-a com o olhar. Aproximou-se para observar melhor. Foi puxada para dentro. A água estava morna e não gelada como ela temia. O ambiente agora era outro. Via lá embaixo a estrada deserta, longínqua, cercada de espécies nativas. Não era uma pista de corrida, era uma mesma autoestrada, dessas que permitem uma velocidade muito grande. Estranhamente, permanecia deserta. Talvez ela é que não pudesse ver os outros carros, quem sabe a estrada estaria cheia de gente? Não queria distrair-se. O veículo chegaria em breve. Ela já conseguia ouvir o ronco do motor ao longe. Um ponto surgira rápido e inconstante. Era ele. Apenas uma imperfeição na pista fora o suficiente. O carro fora jogado para fora, despencando em uma ladeira enquanto era revirado pela força das pancadas que acertava nas árvores ao redor. Uma clareira ficara exposta e podia ser vista a fumaça que escapava debaixo do que fora o capô do automóvel transfigurado e irreconhecível. Ela observou o combustível derramado, aproximou-se para ver melhor o que era. Ela viu-se presa às ferragens, a cabeça esfaçalhada, coberta de sangue e outras secreções que não identificou. Estava morta. O homem ao seu lado, porém, ainda vivia. Parecia tonto e se esforçava para sair das ferragens. Também estava preso. Ninguém aparecera para ajudar. Ela olhava acima das copas das árvores. Não via ninguém. Quis gritar, chamar ajuda... não podia. Era expectadora, não podia interferir. Ele chorava. Vira-a sem vida ao

seu lado e então se acalmou. Recostou-se como pôde e esperou. Esperou a explosão que arrebatou-lhe a vida. Ela perdera-o mais uma vez. Era insuportável. Ouviu o doutor chamando-a de volta. Obedeceu.

— Eu avisei que não seria agradável ver-se morta. É sempre traumatizante assistir à própria morte. Mas é esclarecedor. A maioria das nossas dúvidas podem ser respondidas no momento em que morremos.

— E o senhor já morreu, para saber?

— Ah, morri sim! Sete vezes para ser exato. Sempre de morte natural, o que me faz pensar se desta vez sofrerei um acidente. Porém não quero acidentarme e então não faço escolhas que possam me levar a isso.

— Mas como o nome diz, um acidente não é esperado. Pode ocorrer ainda que o senhor se cuide, não pode?

— Não, necessariamente. Eu posso fazer com que escolhas não tenham como consequência um acidente, não posso? Não preciso andar de avião, nem de carro. Posso simplesmente caminhar e assim viver minha vida tranquilo e sem medo.

— Mas pode também ser atropelado, por acaso. Um atropelamento também é um acidente.

— Não existe acaso, não existe coincidência, não existe nada definido neste mundo. Por isso fiz a escolha de andar sempre atento. Se eu andar atento, não terei a infelicidade de ser atropelado. Eu posso evitar isso. E eu sei como evitar.

— E se for o seu carma? Se tiver que pagar esta dívida?

— Eu não tenho isso, não. Mas parece que a senhorita herdou aquele rombo na cabeça, não é?

Ela não se dera conta de que o aneurisma poderia ser mesmo consequência do acidente. As palavras do doutor mudaram seu foco

absurdamente. Ela jamais procurara motivos para sua doença. Isso simplesmente acontecera, ela não tinha controle sobre isso. Ou tinha? Se não tivesse entrado naquele carro, poderia ter evitado a consequência, o aneurisma no cérebro? É claro que sim. Fizera a escolha. Escolhera amarrar-se ao homem que amava (amava?), escolhera segui-lo em um momento de loucura, depois de uma séria briga entre os dois, ainda por cima sabendo que ele estava bêbado ou coisa assim. Ela certamente tinha consciência do perigo, mas escolhera assim mesmo correr o risco. Traçara seu destino: a morte. Se não tivesse entrado no carro, carregaria consigo o aneurisma?

Voltou para casa, deixando que o doutor descansasse. Ficou pensando na possibilidade de a doença ter vindo do acidente. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo quando a cena do capotamento voltou-lhe a memória. Embora Andrew tenha-lhe assegurado que não era fatal, era preocupante, por que se fosse mesmo um carma, ela sofreria indefinidamente com os sintomas e não haveria tratamento capaz de curá-la, como ele pensara. Ela tinha certeza de que as drogas não teriam um efeito duradouro. Já vira casos semelhantes acontecerem, num primeiro momento os sintomas desapareciam ou eram profundamente amenizados, mas depois de certo tempo de uso, as drogas perdiam o efeito e os sintomas retornavam. E esse era um importante motivo para que começasse a agir logo, antes que os remédios perdessem os efeitos. Natália sentiu aquela estranha força de vontade voltando a brotar em seu coração. Voltou para casa depressa, mas não pôde começar o plantio dos produtos que havia comprado na floricultura. Temeu não ter tempo suficiente e a prioridade agora era outra. Telefonou para Andrew e pediu que viesse o mais rápido possível. Queria que ele a ajudasse a traçar uma estratégia. Fariam uma varredura na cidade em busca do homem dos sonhos e das vidas passadas de Natália. Precisariam de um mapa e de um esquema tático.

— Mas Natália, eu não tenho ideia de quem ele seja! Onde procurar? Não podemos fazer um retrato falado e espalhar pelas ruas como se ele fosse um criminoso procurado pela polícia! —

reclamava Andrew, tentando convencê-la de que seria completamente inútil procurar por alguém sem saber sequer o nome.

Ela não se deixava abalar pelos comentários infelizes do amigo. A cada hora, a cada minuto que passava estava um passo a mais perto do fim de sua vida. Ela não queria morrer sem encontrar aquele homem, ainda que fosse apenas para olhá-lo nos olhos, descobrir algo comum sobre a sua vida e perguntar se ele a reconhecia. Só isso bastaria para ela. Só precisava saber por que a ligação não se romperia, por que ainda estava tão ligada a ele. Ela não descansaria até descobrir a verdade.

— Mas eu sei por onde começar! Vamos até a sorveteria, mais ou menos no mesmo horário. Se ele passou por lá ontem, pode ser que seja uma rota constante. Quem sabe mora ali perto, ou então trabalha por ali? Vamos esperar no mesmo lugar de ontem. Eu pago o sorvete.

— Nesse caso, vamos sim. Mas e se ele não voltar?

— Voltaremos depois de amanhã e depois se for preciso. Esperarei até que ele apareça.

— Esperará? — A pergunta atingiu-a como um punhal que acabara de ser cravado no peito. Sabia que não poderia esperar muito tempo. Mas o que mais poderia fazer se a única pista que tinha era que ele passara naquele local, no dia anterior?

— Você tem razão. Eu não posso esperar. Não vou ter tanto tempo, não é?

— Desculpe Natália, não foi isso que eu quis dizer. Apenas sugeri que ele pode não voltar. Mas também pode ser que volte, quem sabe hoje mesmo? Vamos até a sorveteria! — desculpou-se embaraçado.

— Obrigada, meu amigo, mas você tem razão mesmo. Não precisa se desculpar. Eu acho que estou enlouquecendo e preciso

que me puxe de volta à realidade se eu me perder. Exatamente como você fez agora. Estou perdida... — ela chorou. Andrew abraçou-a sentindo-se culpado por ter acabado de tirar a razão de viver de Natália. Queria consolá-la, dizer-lhe que achariam o homem a qualquer custo, mas não achava também que fosse justo mentir, alimentar esperanças que, se não fossem satisfeitas, poderiam piorar a situação toda.

— Eu posso convidá-la para assistir àquela comédia que você sugeriu ontem? Sei que não está muito animada para encarar esse programa de índio comigo, mas creio que será bom. Para nós dois. Esses dias foram carregados o bastante. Temos que descansar, distrair nossas cabeças e os corações para colocar as ideias de novo em seus lugares. Você verá que se mudar um pouco o foco, a solução pode aparecer quando menos se espera por ela.

Natália aceitou. Descansou até de tardinha, mas passou o resto do dia com fortes dores na cabeça. Optou por não tomar analgésicos antes da hora de sair. Quanto menos se drogasse, maior seria a durabilidade do tratamento, mesmo que provisório, estenderia seu tempo de vida. Ainda que Andrew não aprovasse, ficou a maior parte do tempo à janela de seu quarto. O homem poderia passar na rua em frente e ela não queria perder isso, se acontecesse. Observava atentamente cada rosto, cada olhar, cada expressão. Ele não viera. Quando faltava uma hora e meia para o início da peça, ela começou a se arrumar. Tomou seus analgésicos e vestiu-se com primor, porque ele poderia aparecer lá no teatro e ela não podia fazer feio caso o encontrasse. Dez minutos antes da chegada de Andrew, ela estava pronta. Sabia que ele odiaria se ela se atrasasse e não queria estragar a diversão de Andrew.

Seguiram de táxi até o teatro. Ela prestava atenção a cada pessoa com quem cruzavam, olhava atenta para os motoristas dos outros carros que passavam lentos ou apressados ao lado do táxi. Seguiu com sua procura até o final do espetáculo, mal aproveitou a peça. Da mesma forma no trajeto de volta para casa, olhando em volta, para cada rosto... Decepcionara-se. Ele não estava por aí,

aproveitando a vida noturna. Mas se desistisse e se entocasse dentro de casa seria pior. Certamente ele não bateria a sua porta e também não apareceria em sua janela pedindo-lhe as tranças ou montado em um cavalo branco, tal qual o príncipe encantado.

Despediu-se de Andrew com outro abraço apertado. Pediu desculpas por não ter se divertido e haver estragado a diversão dele também. Fechou a porta. Estava no seu mundo. Mais um banho demorado, depois a cama e o sonho. Mais uma noite mal dormida, acordando em meio à madrugada. A sequência nunca se alterava. Então, perder o sono e devanear até amanhecer. A diferença era o desânimo que aquela única palavra de Andrew, a única e pequena pergunta que ele fizera, lhe proporcionara. Parecia que ele a tinha despertado do transe hipnótico, não o das sessões de regressão, mas no qual entrara desde que acordara naquele hospital, entre a vida e a morte. A felicidade e a força de vontade inicial desapareceram e ela passou toda a tarde alternando-se entre o desejo de encontrar o homem do sonho e o começo da depressão.

Nos momentos de depressão não sentia vontade alguma de voltar ao consultório do doutor, conforme deixara combinado. De que adiantava tudo aquilo, se o seu passado não mostraria onde encontrá-lo ou o que ele esperava dela? Para que continuar sofrendo ao perdê-lo de novo, tantas vezes seguidas? Talvez ela nem o encontrasse nesta vida, talvez ele não quisesse saber dela, tinha que considerar a possibilidade de que todos os espíritos, encarnados ou não, são livres e que não poderia obrigá-lo a ouvir uma palavra do que tinha a lhe dizer. Fechou os olhos e reviu o rosto dele, de todas as formas que conhecera. Voltou a sonhar, e este era um sonho lindo, sem desastres.

Das cartas de Natália,

A solidão nunca se cansa de açoitar-me a alma, de ferir meu coração. Por mais que eu me esforce, por mais que faça, jamais conseguirei esquecer-te e se conseguir viver com tua triste lembrança, já serei uma pessoa menos amarga do que tenho sido. Sem querer, a tua falta reflete-se em minhas atitudes, em minha vida inteira. Não posso mais ser a pessoa que um dia eu fui, porque já não te tenho a meu lado. A vida fez com que eu te buscasse, revelou um desejo intenso, uma necessidade de ti, para depois arrancar-te da maneira mais brutal, da forma que eu mais temia. Era mesmo necessário? Eu não me canso de repetir a mesma pergunta. Não admito que tu tenhas sido sacrificado pela cruel vida, e que eu, uma condenada, ainda esteja aqui, gozando de vida. Será este o grande objetivo da vida, o objetivo de Deus, (atrevo-me a dizer) causar dor e nada mais do que perda e solidão?

Se a ligação de nossas almas não se rompeu, e se tudo isso realmente tem algum objetivo perante as idas e vindas dos nossos espíritos imortais, quando acabará esta minha sina de perder-te? Até onde terei que pagar por um pecado que eu nem sei se cometi, e que tu, certamente, não cometeste? E onde foi que nós erramos? Eu não encontro as respostas, por mais que me esforce, ainda que não faça mais nada além de pensar. E são essas dúvidas que me estão enlouquecendo, que me tiram a paz e que me transformam em conflito. E agora é só isso que eu sou. Dúvidas e conflitos. Mas é preciso seguir... Por que tu és agora, imortal, minha doce e adorável fênix, e às vezes eu te sinto aqui, ao meu lado, a velar o meu sono como tu fazias.

O que mais posso esperar da vida que ainda me resta, senão vazio, dor e ausência? Quero crer que tu retornarás, minha fênix, que estarás novamente em meus braços, e tais pensamentos é que me mantêm viva. É nestes tristes e irrealizáveis pensamentos que eu encontro a força de que preciso para abrir os meus olhos a cada dia

que passa, que reúno coragem para acordar depois de cada noite de sono e de sonhos... sonhos nos quais tu sempre apareces para me dizer que estás ainda vivo, mesmo que distante, que ainda habito em teu coração, assim como tu habitas no meu e o habitarás para sempre. Nesses sonhos, minha fênix, é que vivemos o que a vida não nos permitiu viver de verdade. É ali que eu realizo todas as expectativas que tive contigo, quando estiveste aqui, tão perto, e quando eu, por omissão ou por medo, deixei de realizá-los ao teu lado.

É desta forma que tenho passado os meus dias, torcendo para que a noite chegue logo, para que a escuridão venha ao meu encontro e para que o brilho prateado da lua que mora neste céu noturno, me ilumine e me traga sonhos. Anseio para que as horas passem depressa, e que chegue logo o momento em que tu virás buscar-me, e só então, minha fênix, ficaremos juntos por toda a eternidade.

NONA LIÇÃO – Toda Viagem é Solitária...

— Natália, Natália! Ei, sua dorminhoca! Levante-se e venha abrir a porta pra mim! Natáliaaaaa! — Andrew a chamava no corredor. Já era tarde, passava das dez horas. Ela deveria ter se cansado mesmo no dia anterior. Nunca a vira dormir tanto. Batera à porta muitas vezes, poderia ter acordado até um surdo com todo aquele barulho. Porém ela não viera. Teria saído cedo de casa? Mas ela lhe afirmara que o esperaria, ele viria buscá-la para uma nova sessão. O terapeuta/hipnólogo havia telefonado para ele, reclamando do atraso. Ela não aparecera no consultório. Olhou no esconderijo da chave, no qual ela mantinha uma cópia para ele e para o caso de perder a sua. Não encontrou nada. Ela tinha de estar em casa ainda. No banho? Encostou o ouvido na porta, mas não ouviu o barulho do chuveiro. Começou a preocupar-se. Sabia que algo estava errado. Ele sentia mais uma daquelas intuições que não falhavam nunca. Seu sexto sentido lhe dizia que arrombasse a porta e que o caso era urgente. Ele o fez e, conforme já sabia, Natália tivera uma crise e estava desacordada, ainda na cama. Em coma novamente? Não teve tempo de avaliar. Agarrou o telefone e em menos de dez minutos a ambulância estacionara em frente à entrada do prédio, onde Andrew e um dos vizinhos já aguardavam com Natália desacordada nos braços.

Prestados os primeiros socorros, constatou-se que ela não estava em coma, apenas desmaiada. Não souberam responder por que não acordava, independente do estímulo que lhe era dado. Levaram-na para o hospital mais uma vez. Andrew permaneceu ao seu lado. Pediram um exame aprofundado do cérebro de Natália. O aneurisma podia ter-se rompido. O resultado viera depressa. A artéria dilatada estava intacta, não se romperia ainda. Porém a pressão intracraniana aumentara e foi percebida uma alteração nas ondas cerebrais. Necessitava intervenção cirúrgica e a família teria de autorizar. Andrew pediu uma cópia do laudo do exame e antes de

dirigir-se à família, procurou o terapeuta/hipnólogo para mostrar-lhe o resultado. Ouvira-o explicando mais de uma vez que os estados hipnóticos profundos alteravam as tais ondas cerebrais, e como ele era médico, poderia lhe explicar o que acontecera.

— Deus do céu! — foi a resposta do doutor. Analisou as imagens atentamente. Parecia que ela estava mesmo em transe. Como poderia? Para controlar a própria mente desta forma eram necessários anos de experiência. Ele mesmo com todo o conhecimento que tinha e muito, muito tempo de treinamento, não chegara nem perto do que ela conseguira com duas sessões. — É impossível!

— O que foi, doutor?

— Andrew, leve-me ao hospital agora mesmo! Não podemos permitir que lhe abram a cabeça! Ela está... ela está em transe profundo, como não conseguiu ficar nem mesmo durante as sessões! Isto é... é inacreditável... é impossível...

— Então vamos logo, doutor, não temos muito tempo!

A recepção no hospital não foi muito calorosa. O terapeuta/hipnólogo não era ainda muito respeitado pelos demais médicos, a hipnoterapia sendo ainda muito nova e os espíritos ainda jovens e inexperientes demais para aceitá-la como a ciência que realmente é. Andrew insistiu para que o deixassem vê-la, antes de tomar qualquer decisão em nome da família, que em breve estaria ali, mentiu. Depois de conversarem com médicos, dirigentes, diretoria geral e mesmo com um dos residentes, seguidor da doutrina espírita que os ajudou a convencê-los a ceder, receberam permissão para entrar. Natália estava sendo monitorada. Qualquer alteração na pressão e eles operariam mesmo sem a autorização que pediram. Um dos médicos da clínica insistiu para acompanhá-los. Não tiveram como negar, uma vez que essa era a condição essencial para que o doutor pudesse ver Natália.

Ele concentrou-se, procurando uma luz. Não sabia por onde começar. Podia hipnotizar pessoas facilmente influenciáveis, mas nunca fizera o oposto, ainda mais com uma mente decidida como a de Natália. Ela era um caso à parte, e o estado em que se encontrava, não era para qualquer um. Apenas um de seus diversos pacientes conseguira alcançar tal estado de concentração. Um doente de câncer em fase terminal. Ainda assim, com muitíssimo esforço e durante pouco tempo. Natália conseguira sozinha um efeito duradouro. Ele a considerava brilhante. Era mesmo uma mente a ser estudada, e não aberta como se estivesse em um açougue. Concentração. Influência. Começaria do início, como em uma sessão normal.

Quase meia hora e nada. O suor escorria da testa do doutor, a respiração estava cansada pelo esforço excessivo. Tentara muitas coisas, como contar de trás para frente, pedir que ela voltasse ao jardim, mover um pêndulo improvisado diante dos olhos, mesmo fechados. Nada. O diretor ordenara que se retirasse imediatamente. Ele se negara, alegando que ela era sua paciente e estava sob os seus cuidados por livre e espontânea vontade. O diretor ameaçou chamar a polícia. O doutor não podia arriscar sua carreira. Olhou para Andrew, pedindo silenciosamente que entendesse. Era a sua carreira que estava em jogo, seria a sua vida ou a dela. Saiu do quarto, deixando Andrew aos prantos, implorando para que não a operassem. Ele sentou-se ao lado do travesseiro de Natália, conversando normalmente, porque sabia que ela o ouvia. Falou do homem do sonho, os dois achariam um jeito de encontrá-lo. Falou dos novos analgésicos, que não viciavam e nem perdiam o efeito. Finalmente pediram para que também se retirasse. Andrew concordou, mas antes, aproximou-se do rosto de Natália e deu-lhe um beijo na face, convidando-a a levantar-se e ir embora com ele.

Milagrosamente seus olhos se abriram devagar. Ela agarrou-se à mão de Andrew e pôs-se a chorar. Ainda não tinha percebido que estava em um quarto de hospital e por um momento, pensou estar no consultório do terapeuta/hipnólogo, então percebeu que a luz

estava clara demais, branca demais, como ele jamais permitiria. Respirou fundo, como fazia a cada despertar de um transe. Olhou em volta, arrancou o grampo preso ao dedo indicador que monitorava a pressão e os batimentos cardíacos. O diretor entrara no quarto e observava a cena pasmo, junto com o médico responsável pelo caso da garota.

— Eu o ouvi, Andrew! Escutei o seu chamado! Estive muito longe, e acredite, ele estava lá! Morto! Já o encontrei morto! Nenhuma palavra, nenhuma pista do seu paradeiro nesta vida! Não encontrei nada além de cinzas! — Andrew apertou a mão dela contra seu peito. Beijou-a na face mais uma vez. Precisou apenas olhar para o médico e o diretor para que eles se pusessem a fazer novos exames e liberassem a entrada do terapeuta/hipnólogo, mais surpreso ainda com a volta espontânea de Natália ao seu estado de consciência total.

Em menos de duas horas ela foi liberada. Ninguém acreditava como a pressão diminuía espontaneamente em tão pouco tempo. A artéria continuava intacta e parecia até menos inchada do que antes, nos primeiros exames. Foi imediatamente liberada. Assinou alguns termos que ela sequer perguntou o que eram, ou para que serviriam. Queria ir para casa o mais depressa possível.

Andrew estranhou-a no caminho de volta. Desta vez ela não se esforçara para ver os rostos que passavam, nem olhava na direção dos carros. Seguiu em silêncio todo o trajeto, embora ele tenha tentado puxar assunto algumas vezes. Desceram do táxi e subiram as escadas sem trocar palavra. Estava sobre a mesa o panfleto do show aéreo. Andrew aproveitou pra incentivá-la a sair mais uma vez de casa. Percebera a reação dela à sua insinuação no dia anterior e tomara a decisão de incentivá-la em sua busca. Pelo menos assim, a veria motivada e mais forte para suportar o que estava ainda por vir, os sofrimentos que enfrentaria em breve, que ele sabia que viriam porque via isso quando olhava nos olhos dela, e que imaginava estarem relacionados à sua doença.

— Vamos, querida! De que adianta ficar enfiada dentro de casa! E na volta podemos passar lá na sorveteria! Eu pago desta vez, heim!

— Ah! Andrew, às vezes penso que tudo isso não passa de uma grande loucura. Já não tenho tanta certeza se quero mesmo encontrá-lo. Talvez seja melhor eu aceitar meu destino e o destino daquele homem. Não tenho certeza se vou conseguir escrever nossa história, mudar o rumo das coisas, você entende, Andrew?

— Eu entendo. Mas enterrar-se será a pior escolha, Natália. Você está indo bem. Confesso que fiquei surpreso com a sua reação corajosa quando descobriu a doença. Desesperada, quem sabe, mas corajosa. Eu a julgava muito mais frágil. Uma menina, aquela criança que só brincava com o garoto esquisito porque era tão solitária quanto ele. Aquela menina que me tirou do fundo do poço quando eu pensava estar perdido, que me trouxe de volta a sanidade quando eu pensei estar louco, mas que só fez isso porque tinha medo de ficar sozinha. Você precisava de mim, tanto quanto eu de você. Mas a criança cresceu, e eu não havia percebido que ela se tornara esta mulher forte e cheia de garra que você está se mostrando agora.

— A ideia de morte não é tão ruim quanto eu pensava, Andrew. Foi isso que eu fui obrigada a compreender. A gente vive pensando que nunca vai chegar a nossa hora, mesmo correndo riscos o tempo todo. Mas quando se sabe que resta pouco tempo, aí a perspectiva muda. Mas não muda exatamente para pior. Eu acabei entendendo, talvez por consolo, que não terei de perder as pessoas que amo, já que partirei antes delas. Que não preciso de uma caderneta de poupança, porque não levarei o dinheiro para o meu caixão, e então, posso viver da forma que achar melhor estes últimos tempos. Tempo este que não posso garantir se serão anos, meses ou apenas dias. Quem sabe algumas poucas horas? E em poucas horas eu posso decidir fazer algo com que sempre sonhei, por exemplo. Posso sair por aí gritando como uma louca, cantando ou abraçando cada pessoa que encontrar, porque já não tenho que me preocupar com o

que vão pensar de mim. Eu posso fazer o que desejar e, no entanto, o que eu mais desejo não está ao meu alcance e dependeria de muito mais tempo do que disponho. Não é irônico?

— Supondo que voltemos à estaca zero, esquecendo aquele homem dos seus sonhos, o que mais podemos fazer para aproveitar este tempo que nos resta? Já estava resolvido, não estava? Estes *folders*, não foi você mesma quem os trouxe para me convencer a acompanhá-la? Tenho uma boa notícia: você conseguiu. Eu vou com você, mesmo porque sem mim, a diversão não teria a menor graça, não é mesmo?

— Como você é convencido, Andrew! — ela respondeu já com um sorriso no rosto. Ele podia estar certo, aquele homem era apenas um pequeno detalhe e a vida seguiria seu rumo, com ou sem ele. Por que perder o seu precioso tempo atrás de alguém que ela nem sabia exatamente quem era? Pensou em tudo o que planejara quando voltara do coma. Isso sim é que era viver! Olhou para a sacola de flores que abandonara em um canto da cozinha. Mas a vontade de plantá-las sumira ao mesmo tempo em que a uma tristeza profunda se instalava em seu coração. Onde antes morava a esperança, agora restara o vazio. Estava faltando algo e ela não poderia morrer sem encontrá-lo. E o pior é que ela sabia o que era.

— Então arrume-se, mulher, quero levá-la para almoçar fora antes de irmos para lá. Aproveite que hoje é tudo por minha conta! — ele tentou manter o bom humor, mesmo sabendo que Natália estava triste. A luminosidade que a envolvia enfraquecera desde que vira o tal homem na sorveteria. A luz que antes costumava cintilar muitos tons de azuis e púrpura, agora não passava de um triste cinza que ia escurecendo à medida que os dias iam passando. E a mancha na cabeça de Natália ficava também mais evidente a cada dia. Não aumentava, Andrew percebera, mas estava cada vez mais negra e mais profunda do que antes. Quem sabe ela tivesse razão e a sua hora estivesse próxima? Não era isso o que Andrew sentia. As energias emanadas do corpo de Natália eram ainda muito vivas, ele nunca se enganara nesses casos. Já vira milhares de condenados. A

morte acompanhava a cada um deles, as auras eram apagadas muito antes de a hora chegar e a de Natália estava ali, acinzentada, mas acesa. Andrew respirou fundo, tentando encontrar a melhor maneira de animá-la mais uma vez, trazer de volta aquela força que ele vira em seus olhos, a vontade maximizada de viver intensamente. Mas isso também tinha sido antes que ela visse o tal homem. Tudo o que ele tinha visto de bom percorrendo-lhe a alma fora antes de ele aparecer. Se Andrew pudesse ao menos compreender que ligação tão intensa era aquela, que era capaz de atravessar tantas vidas... Mas ele não podia. Já vira muitas coisas curiosas, até mesmo assustadoras, ele diria. Presenciara reencontros incríveis, vira muitos mistérios sendo esclarecidos com terapias de regressão ou apenas usufruindo o que ele costumava chamar de seu sexto-sentido. E logo agora que precisava ajudar Natália, uma pessoa a quem amava, que era uma das mais importantes da vida dele, sua intuição lhe traía e seus pressentimentos falhavam. Fechou os olhos por um instante, tentando se concentrar, arrancar de si mesmo a resposta de que ela precisava. Ele que já fora a salvação de tanta gente, que já aliviara tantas dores, agora estava impotente perante Natália. Não queria fazer de conta que tudo aquilo era normal, por que ele tinha certeza de que não era, então não poderia ignorá-la. Ele estaria traindo-a, traindo sua confiança se não acreditasse nela, trairia até a si próprio, a sua compreensão da vida tão duramente entalhada em sua alma. Não, não passara por sua cabeça negar que a ligação entre aquelas duas almas pudesse ter sido perpetuada. Tudo o que ele sabia, tudo o que aprendera e o que conhecia, era como uma gota em meio ao oceano, comparado aos mistérios que ainda não conseguira explicar.

— Vamos, então? — Ela saíra do quarto vestindo um confortável moletom cor-de-rosa. Trazia os cabelos presos e não usava maquiagem. Nada se parecia com a mulher deslumbrante que ele levara ao teatro. Andrew quis dizer-lhe que se arrumasse com um pouco mais de boa vontade, quis até sugerir fazer-lhe um penteado exótico, ajudar a encontrar um vestido no armário, mas teve medo de magoá-la. Não que ele se incomodasse com isso, absolutamente,

mas era mais triste ainda vê-la perdendo o amor próprio. Natália sempre gostara de andar arrumada, bem vestida, tinha um ótimo gosto para cores e sabia exatamente quais lhe caíam bem. Gostava de usar vestidos que lhe conferiam um ar de menina-moça, mas também era uma dama fatal, quando a ocasião assim exigia.

— Vamos. — respondeu apenas. O que ela menos precisava era de críticas e já que soaria falso um elogio sob tais condições, apenas ficou quieto.

Andrew emprestara o carro de um amigo, mas Natália insistiu em ir caminhando até o centro. Ela já não pretendia procurar o homem do sonho pelo caminho, mas queria sentir o calor do sol em sua pele. Andrew não a contrariou. Ele também gostava de longas caminhadas, admirava as paisagens, ainda que não muito belas, das ruas da cidade. Andaram devagar, observando cada casa, cada pessoa que entrava e que saía. Senhoras que trabalhavam em seus jardins e senhores que varriam as frentes dos quintais e juntavam as folhas secas espalhadas pelo vento de final de outono. Viam o céu preguiçoso com ralas nuvens branco-amareladas, semelhantes a pedaços de algodão desfiado. Andrew chamou a atenção dela para um pequeno avião que passou depressa sobre a cidade. Todos pararam para olhá-lo, porque não era um avião qualquer e não era comum uma visita ilustre em uma cidade do interior como aquela, onde a vida ainda não era tão apressada, onde as pessoas ainda conheciam umas às outras e que mantinham suas raízes humildes.

Natália olhou para o pequeno avião que traçava uma linha no espaço, sem muito entusiasmo. Perdera a vontade de assistir ao espetáculo, perdera a vontade de tudo. Já não pensava mais em plantas, as pobres flores que a esta altura, agonizavam e apodreciam em sua cozinha. Não voltara a conversar com o síndico sobre o pequeno pedaço de terra nos fundos do condomínio. Não gastaria uma fração do seu pouco tempo de vida se embelezando. Não precisava mais disso, não precisava mais de nada. Nem sabia ao certo por que tinha aceitado o convite de Andrew. Preferia estar em casa, debaixo das cobertas, sozinha, pensando. Ou quem sabe

começaria a escrever um diário, ou um livro contando a história chata e sem graça de uma condenada. Não teria a mínima disposição para escrever. Queria mesmo ficar deitada, olhando o teto branco-amarelado do seu quarto desarrumado, por que não terminaria sequer a faxina que começara. Nem o banho quente e demorado a atraía. Temia ver as imagens do sonho novamente, e ela não queria mais do que espantá-lo, para nunca mais ser obrigada a ver aquelas imagens horríveis outra vez. Também não pretendia voltar ao consultório do terapeuta/hipnólogo. Apesar de ter se apegado a ele, pois era uma pessoa maravilhosa e se dispusera a ajudá-la apenas por bondade, sem exigir que assinasse nenhum dos termos que sugerira, e haver arriscado sua carreira por ela.

Almoçaram. Andrew insistiu para que ela comesse um pedaço da suculenta picanha servida na tábua, mas ela não estava com fome e ficara só com a salada. Enquanto ele enchia o prato com massas e carnes, ela mordiscava uma folhinha de alface, procurando enganá-lo, fazendo de conta que estava se deliciando com a salada ao molho rosado. Mas ele a conhecia bem demais para ser enganado. Pensou em dizer algo divertido na tentativa de animá-la, mas nada lhe veio à cabeça. Não seria indiscreto ou inadequado, contando alguma piada idiota. Também seria exagerado comentar sobre o homem do sonho. Logo agora que ele tinha decidido ajudá-la em sua busca, inesperadamente ela desistira. Ele não aprovava mesmo a tentativa de encontrar alguém de quem nem se sabia o nome, mas tinha que concordar que ela estava muito pior sem esperança. Se continuasse assim, definharia em pouco tempo.

Das cartas de Natália,

Anjo dos céus, por que foste embora eu sofro, sem ti para alegrar a minha vida. Foste nobre, entretanto, em teu ato final livrando-nos da desgraça que se anunciava sobre nossas cabeças. Muitos intuíram sobre o que haveria de suceder, mas não houve como impedir a tua sorte, teu destino cruel, foi impossível espantar o espírito da sombra que insistia em levar-te pela eternidade.

Anjo dos céus, que com tuas imensas asas azuis voavas entre nós como que para alegrar-nos. Hás de alegrar agora os seres divinos na tua morada celestial. Farás as mesmas estripulias para diverti-los? Agora tens tuas próprias asas, um duo de amor e paz, antes expressos em teu rosto sereno e sorridente. Ainda voarás sobre nós, anjo, estendendo teu manto flamejante pelos céus vermelhos de raios crepusculares.

Anjo dos céus, tu estarás sempre comigo a cada entardecer, agregando o mais puro significado aos meus dias sórdidos e sem graça. Não haverá nenhum dia de minha vida, vida com a qual tu me presenteaste, que eu passe sem lembrar-me fortemente de ti. O teu semblante marcante ficará impresso em minhas pupilas e certamente guardo um pedaço de ti em minha alma, que jamais poderá ser apagado ou esquecido.

Anjo dos céus, eu sei que estás bem, feliz e solto no ar, conforme gostarias. Passarás a eternidade a flutuar em paz ao som da mais harmônica sinfonia angelical. No entanto partiste deixando saudades naqueles que te serão por todo o sempre gratos. Haverá outros como tu, presentes ora ou outra para nossa apreciação, mas algum deles teria sido capaz de se doar de corpo e alma como tu?

Anjo dos céus, recebe estas minhas singelas orações e as flores que te serão ofertadas, como prova da minha gratidão, da gratidão de todos os que estavam à mercê da catástrofe, dos que tu salvaste em teu último ato. Saiba que tu jamais serás esquecido e não

deixarás de ocupar um lugar que será só teu em nossos corações. Oro por ti hoje, oraremos por ti sempre. Que a nossa fé, por vezes meio distorcida, seja o bastante para aquietar teu espírito e que iluminemos teu caminho com as velas que te dedicamos.

Anjo dos céus, nesta hora em que os raios alaranjados atingem o meu corpo é que posso sentir tua presença plenamente, como um protetor, um guardião a cuidar de todos nós. Já não sinto mais o calor que o sol nos propicia, apenas os raios de luz que me trazem à memória o teu rastro que rasgava veloz o claro céu de abril. Imprimiste a tua marca no nosso céu, e em tantos outros. Fizeste-o com uma perfeição digna dos heróis, como tu foste.

DÉCIMA LIÇÃO – Um Anjo do Céu...

O aeroporto era pequeno, fora desativado havia alguns anos por falta de infraestrutura para receber aeronaves de grande porte. O mundo mudara depressa e agora um pequeno grupo de instrutores de voo, apaixonados pela profissão, tentavam a duras penas manter o sonho vivo. Aquele show era para eles um marco, significava a ressurreição da instituição falida, a abertura de novos horizontes que atirariam as pessoas a fazerem doações. Era o início de uma pequena escola de voo que durante muitos anos fora o sonho daqueles que o fundaram, e que agora, estava prestes a se tornar realidade nas mãos dos filhos e netos, todos amantes da aviação.

Natália e Andrew chegaram cedo. Mal tinham sido abertos os portões e eles já estavam lá na frente, bem perto da longa pista onde o homem desceria com sua pequena máquina de sonhos. Ela não queria esperar porque sentia frio, apesar do sol quente, o vento gelado açoitava seu rosto. O abrigo que vestia deixava transpassar o ar gelado que lhe inundava o corpo. Andrew insistiu que ficassem. Não queria correr o risco de não conseguir um lugar privilegiado para assistir ao espetáculo, afinal, não era sempre que teria a oportunidade de pedir um autógrafo ao famoso piloto. Tirou a jaqueta de couro que vestia e a colocou sobre os ombros de Natália. Não era muito quente, mas seria suficiente para impedir o vento.

Ela olhou em volta, as pessoas chegavam de todos os lados. Motoqueiros, motoristas, ciclistas e também havia os que caminharam quilômetros para chegar até ali. Imaginou se ela teria tido a mesma coragem que essas pessoas, a força de vontade, se era semelhante à vontade de viver que ela sentira quando saiu do coma. Naquela hora ela julgou-se mais forte que o próprio mundo ao seu redor, naquele momento poderia ter vencido inúmeras batalhas, até mesmo uma guerra, a eterna guerra que declarara contra si mesma, e tudo isso sozinha. Sentira essa vontade de andar

quilômetros a fio em busca de algo que lhe fizesse ver a verdadeira beleza. Não a beleza dos corpos, dos objetos, mas a beleza da vontade, que fazia com que os olhos brilhassem. A vontade que nascia do desejo e que dava sentido à vida. E quando se perdiam todos os desejos, como ela estava perdendo agora, não havia mais motivos para continuar vivendo. Uma pessoa sem desejos era o mesmo que uma pessoa morta, que anda e respira, mas já não tem alma, um corpo seco.

Era isso que ela estava se tornando. Um corpo seco. Perguntara-se milhares de vezes se precisava ser assim. Lembrava-se das palavras de Andrew e do terapeuta/hipnólogo quando disseram que o destino é escrito por cada um de nós, mas não podia explicar por que um destino que ela jamais imaginara, agora se abatia sobre ela em forma de maldição. Como poderia ter desejado ver em seus sonhos alguém que jamais conhecera? Ainda que toda aquela história de vidas passadas fosse real, e por mais que tentasse analisá-la como algo diferente de um delírio, não encontrava motivos que justificassem aqueles miseráveis pesadelos. Não podia haver memória que resistisse a uma nova encarnação. Mesmo porque, ela nem estava certa se realmente acreditava em tudo aquilo. A experiência fora muito interessante, mas não provara que teoria da reencarnação era verdadeira. Ela podia ter sido induzida apenas, a imaginar tudo o que vira. O terapeuta/hipnólogo era um homem esperto e experiente, parecia amigo e agradável, mas tudo poderia ser um disfarce para conseguir mais e mais pacientes. Quem sabe fora induzida para que visse o que queria ver? Nesse caso ainda precisaria encontrar uma explicação razoável para o transe que se dera sem o auxílio do doutor. Para isso ela ainda não encontrara uma justificativa convincente. Será que estivera apenas sonhando? Dormindo profundamente, tão profundamente que não acordara nem com o chamado de Andrew, com as sirenes da ambulância, com os médicos no hospital a examinando, com as agulhas introduzidas em seu corpo para os exames... Isso era ridículo! Definitivamente não estivera dormindo! E também não precisara da intervenção do terapeuta/hipnólogo para fazê-la ver o que queria,

ela mesma fora capaz de procurá-lo, de encontrá-lo, bastou se concentrar da maneira que aprendera. Tinha que admitir já ter experimentado sensações semelhantes, principalmente durante o banho, quando relaxava completamente. Porém, nunca se deixara ir tão longe. Não sabia como ir tão longe. Agora sabia. Estava livre para viajar quando e como bem entendesse. Só precisava de silêncio e uma vez satisfeita essa condição, voltaria ao passado, onde e quando escolhesse, sem interferências ou induções, mesmo que tudo não passasse de um delírio de sua mente, tentando se enganar, mentindo ao insistir que aquilo fora realidade algum dia.

Os aplausos a distraíram. Não havia percebido o barulho do motor ou o pequeno ponto que se movia no horizonte. Ao seu lado Andrew vibrava. Não era muito chegado a espetáculos como aquele, mas aprendera com Natália a admirar o esforço de pessoas que dedicavam a vida a divertir os outros. Era preciso ter coragem para ser capaz de executar tamanha loucura. Ele dissera isso a ela uma vez, ela respondera que quando se faz o que se gosta, a coragem surge espontaneamente. E reforçara sua tese dizendo que não é o dinheiro que move o mundo, mas sim as paixões. Ele compreendeu que ela encontrara uma verdade na qual ele ainda nem pensara. Estava certa. Para entender melhor ele começou a observar pessoas apaixonadas, como suas auras eram vermelhas, carmins e vibrantes. E como eram realmente corajosas! Uma pessoa apaixonada era capaz de mover montanhas, de fazer chover, se preciso fosse. Milagres eram operados pelos apaixonados, o tempo todo. Andrew sentiu-se meio tolo por não ter percebido isso antes. Apesar de tudo o que via, de seu aguçado sexto-sentido, não se dera conta justamente da força mais poderosa que existe e que move o mundo, a paixão. O etéreo amor então, mesmo sendo duradouro, cantado pelos poetas como uma força inimaginável, não era mais do que o sustentáculo da paixão. A diferença é que nem sempre no amor encontra-se a força necessária para superar certas dificuldades, enquanto que a paixão torna-nos invencíveis.

O avião se aproximou rapidamente curvando-se em um rasante sobre os hangares do aeroporto, levando ao delírio as pessoas que ali aguardavam. Ainda faltavam algumas horas para o início da demonstração, mas o piloto fizera questão de sobrevoar a cidade antes de pousar. Andrew não gostou do exibicionismo, preferia que o piloto fizesse aquilo apenas para testar o equipamento, ou verificar o vento, mas que guardasse o espetáculo para o momento devido. Mais algumas voltas e uma pirueta, só para aquecer ainda mais o público. Voou para a cabeceira da pista, preparando-se para o pouso. Desceu suavemente, como em um balé perfeitamente ensaiado, o oposto das manobras loucas que fazia no ar. Manobrou a aeronave de maneira a deixá-la de frente para as pessoas curiosas, que pretendiam fotografá-la. Se tivesse acontecido há alguns meses, Natália seria a primeira a furar a barreira de seguranças, com bloco e caneta à mão, tentando colher um autógrafo. Convenceria o próprio piloto a tirar ao menos uma foto consigo, que colaria na porta de sua geladeira para que todos vissem como ela era importante, como fora privilegiada, escolhida para chegar tão perto do ídolo. Mas agora isso tudo não fazia mais sentido. Para que iria desejar guardar um retrato por tão pouco tempo? Não teria sequer para quem mostrá-lo! Dois homens da segurança aproximaram-se do avião, ajudando o piloto a desembarcar. Natália viu apenas de relance por detrás das cabeças e braços que acenavam para o piloto, a sombra do macacão verde-musgo e o capacete azul e branco. Ao seu lado, Andrew ainda vibrava. Vibrava com mais emoção agora que estava tão próximo. Pulava e acenava, como se o piloto fosse lhe dar atenção especial no meio de tanta gente. Segurou Natália pelo braço, puxando-a para o final do corredor improvisado com cordas que isolavam a entrada do homem para um dos hangares, propositadamente transformado em um acolhedor camarim. Dali era possível vê-lo nitidamente e sem a interferência das pessoas a sua frente. Aguardaram espremidos entre as cordas e as pessoas que os empurravam e que, assim como Andrew, queriam ver e, se possível, tocar no piloto.

O homem finalmente terminara a entrevista ao jornalista ao lado da aeronave, terminara as gracinhas para o público e começara a caminhar em direção ao hangar preparado especialmente para ele. Vinha com o capacete embaixo do braço, mantinha um andar tranquilo e sorria. Sorria para as pessoas como se fosse um velho amigo de cada uma delas. Segurava as mãozinhas das crianças que escapavam por baixo das cordas e ainda concedeu algumas fotos aos que estavam mais próximos, ignorando os apelos dos seguranças. Parecia à vontade no meio da multidão de estranhos. Quando chegou muito perto, Andrew notou que Natália não conseguiria vê-lo de onde estava e arrastou-a para sua frente, na beira da corda. Este seria um dos dois momentos de que dispunham para conhecê-lo pessoalmente. O outro seria na hora em que ele saísse para novamente entrar no avião e dar o seu show, mas Andrew não tinha certeza se depois conseguiria um lugar tão bom quanto aquele, porque haveria muito mais gente ali, querendo aproximar-se de novo.

Abraçou Natália pela cintura, a fim de protegê-la dos empurrões. Ela esticou o pescoço para poder ver melhor o homem que se aproximava a passos lentos. Ele virou-se diretamente para ela. Natália levou as mãos aos lábios empurrando o corpo de Andrew para trás, inexplicavelmente. Ela parecera não gostar do que vira, apesar da simpatia do piloto. Abriu caminho pela multidão e correu para longe dali. Andrew não sabia o que fazer, olhou mais uma vez para o homem, que seguia seu trajeto como se não tivesse percebido o incidente. Correu atrás de Natália. Por um momento pensou tê-la perdido em meio à multidão. Saiu de perto do tumulto formado pelos curiosos e viu Natália em um canto da cerca que isolava a lateral oposta à pista de pouso. Estranhou sua postura, ela agarrava-se à cerca com uma das mãos e com a outra esfregava os olhos em um gesto de desespero. Andrew não soube o que fazer. Contornou toda a tela, de maneira a ficar na frente de Natália. Ela soluçava tanto que já não podia respirar direito.

— Meu Deus! Natália! O que houve? — perguntou abraçando-a, tentando conduzi-la para a tumultuada saída. Ela resistiu. Não sabia se queria ir embora. Estava tentando retomar o fôlego para então explicar a ele o que acontecera. Concentrou-se no ar que entrava em seus pulmões dolorosamente, tentando sorvê-lo com mais força. Colocara uma das mãos no peito, tentando conter o coração que queria saltar pela boca, e acalmar a ânsia que lhe percorria o estômago.

— Eu... eu o vi... ele... ele...

— O quê? Quem? Ele?

— Eu vi... é ele.... é ele... — ela teve de reunir todas as forças para conseguir explicar. Seus joelhos tremiam demais para sustentar o corpo e ela temeu uma queda. Segurou-se em Andrew com ambas as mãos, enquanto ele enxugava-lhe as lágrimas.

— É ele, o homem dos meus sonhos! É ele! Como pode ser, Andrew? Por que você me trouxe aqui? Eu não quero vê-lo morrer mais uma vez! Leve-me pra casa! Tire-me daqui!

— Calma, Natália! Você precisa se acalmar primeiro! Vai ser impossível sair daqui agora, a saída está bloqueada, tem muita gente chegando, não vai dar pra sair. Fique calma, vamos comprar uma garrafa de água gelada pra você se acalmar. Assim que pudermos, vamos para casa. — Andrew não sabia o que dizer para acalmá-la. Porém sabia que aquele homem não morreria hoje, porque a morte não o acompanhava. Sua aura era viva e intensa, mas ele não tinha certeza se em casos de acidentes inesperados as auras também se apagavam antes da hora da partida. Ele brilhava, emanava paz, um sentimento bom. Quando o viu, ainda que de longe, Andrew sentiu sua vibração. Era muito forte e contagiante, como poucas vezes ele vira. Isso explicava sua popularidade. O exibicionismo a que Andrew se referira logo à chegada do piloto, agora era visto por ele de maneira diferente, um ato de boa vontade para com as pessoas que estavam observando sua chegada, ansiosos por diversão. Muitos não tinham acesso a atividades de

lazer, esta seria para eles uma oportunidade que poderia não mais se repetir.

Andrew aprendera que não devia julgar as pessoas pela aparência, ou pelo que quer que fosse. Essa era uma lição difícil de ser seguida, visto que pelas experiências de vida acumuladas no decorrer dos anos, era quase impossível não ter um pré-conceito em relação aos outros. Em certas ocasiões nem mesmo era preciso conhecer a pessoa para pensar (geralmente algo ruim) dela com uma opinião previamente formada. Acontecia muito com os artistas da televisão. Andrew acumulava certa antipatia por alguns personagens, e mesmo inconscientemente, acabava por emanar vibrações negativas aos atores. Teve a oportunidade de ver um desses atores de perto e, da mesma forma que ocorrera com o piloto, viu que estava enganado e que aquela pessoa era linda, não só por fora, mas tinha um espírito lindo também. O preconceito podia mesmo acabar com qualquer um, ele via milhares de pessoas sendo infelizes justamente por causa dele. Andrew não condenava os preconceituosos, pensava que, no fundo, todas as pessoas alimentam um ou outro preconceito, ainda que não o comentem, que o escondam. Não só a discriminação racial ou a doentes portadores de enfermidades contagiosas e incuráveis como a AIDS, mas o preconceito contra as mulheres, contra os homens, os altos e os baixos, os inteligentes e os nem tão inteligentes, os muito belos e os nem tão belos, o preconceito sobre as crianças, estas que Andrew considerava as maiores e principais vítimas. Ele próprio sofrera muito com o por isso quando era criança e ainda sofria depois de adulto. Aprendera a lidar com essas situações, já fora chamado de idiota, de charlatão, de louco, mas aprendeu a não dar tanta atenção a opiniões destrutivas como aquelas, ele não precisava prestar atenção, porque sabia que não era nada daquilo. Mas o que ainda doía fundo em sua alma era o preconceito do pai. Às vezes, em sua mente, Andrew podia ouvi-lo mil vezes o chamando de esquisito. Essa era uma ferida que seguia aberta e ele pensava ser incurável. Nem com tantos anos de terapia e de ter encontrado as respostas para o comportamento do pai, era impossível não associá-lo à falta

de amor de um homem para com seu filho e era impossível não sentir a falta deste amor de pai, não se sentir mais rejeitado e, vez ou outra, esse sentimento renascia em Andrew com mais e mais força. Embora a mãe fizesse de tudo para suprir a falta, dando a ele amor em dobro, o amor do pai era especial, era diferente, não menos importante, embora a mãe tentasse convencê-lo o tempo todo de que era supérfluo.

Voltou de seus pensamentos, de sua viagem particular. Era Natália quem precisava dele agora, tinha de achar uma maneira de mantê-la ali até a hora do espetáculo, tinha de provar para ela que o futuro poderia ser bem diferente do passado e aquele homem não morreria agora, não esta tarde. Comprou-lhe a água e ela bebeu meia garrafa de uma só vez. Ainda tremia e as mãos estavam geladas. O objetivo fora alcançado depois de ter sido abandonado. Andrew sentia-se culpado por ter insistido que ela viesse. Poderia ter sido melhor para ela ter rejeitado o convite, assim não ficaria sabendo quem era o homem do sonho e quem sabe encontrasse outro motivo de viver. Agora ele não tinha ideia se fora bom ou ruim ela tê-lo encontrado. Estava ali, tão perto, o objeto de tanto desejo, tão intocável. Ele era inalcançável, por mais que tentasse, não conseguiriam chegar perto dele, muito menos trocar ideias, mesmo porque, se tentassem explicar a história toda, seriam certamente chamados mais uma vez de loucos. Mas já que acontecera dessa forma inesperada, era melhor enfrentar a fera. Faria com que ela ficasse, assistisse a todo o show e visse que ficaria tudo bem, que ele sairia dali vivo. Poderia ser que isso, apenas, servisse para resolver os problemas de Natália. Quem sabe ela só precisasse saber que ele permaneceria vivo após o reencontro dos dois? Era uma tática de gênio! Por que ele não pensara nisso antes?

— Tire-me daqui, Andrew — ela pedia, agora mais calma.

— Eu acho melhor ficarmos, Natália. Fugir não mudará as coisas. Ficar pode mudá-las.

— Você pensa que eu posso salvá-lo? Eu posso? — Andrew viu a esperança inicial nascer de novo nos olhos de Natália. Não era exatamente o que ele queria lhe dizer, que ela podia salvá-lo, mas era melhor não contrariar nem afirmar.

— Se for embora poderá? — a força voltara ao corpo de Natália. Se queria mesmo resolver seu possível carma, se procurara por ele durante todo aquele tempo, por que fugir agora que o encontrara? Sentiu-se covarde e envergonhada. Lembrou da coragem que sentira dias antes, de como teria sido capaz de mover o mundo todo, de revirar os céus e a terra para encontrá-lo e agora ele estava ali, tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Ele seria capaz de reconhecê-la? Ela também habitaria seus sonhos, assim como ele vivera nos dela? Precisava saber e, se fosse verdade, seria fácil mudar a vida dele, escrever seu destino como ela sonhara tantas vezes. Sentiu uma forte pontada na cabeça. Não, o aneurisma não podia se romper justamente agora, teria de esperar mais um pouco. Ela tinha uma missão e não podia partir sem antes cumpri-la. Passou a mão pela testa e sentiu pequenas gotas geladas, suor que escorria apesar do frio e do gelo que lhe percorria o corpo. Respirou fundo, precisava se acalmar, aquela excitação poderia alterar a pressão, matando-a antes que pudesse falar com ele, olhá-lo nos olhos.

— Não vou embora. Vou ficar. Leve-me até ele, Andrew.

— Isso eu não posso fazer. Ele está cercado de seguranças, ninguém pode chegar perto, como você está vendo. Apenas o pessoal do aeroclube tem acesso ao hangar onde ele se encontra. Nós somos reles mortais, minha querida. Por que permitiriam nossa entrada?

— Mas eu tenho que pensar em alguma coisa. Logo. Antes que ele comece o show. Depois de voltar ao céu, aquele anjo, não mais o alcançarei. Vamos Andrew, de volta à beira da corda! Lá é o lugar onde ele poderá me ver. Você acha possível que me reconheça?

— Sim, eu acho perfeitamente possível. Mas pode ser que não aconteça. A memória dele pode estar bloqueada, a ligação pode

partir só de você, assim ele nada sentirá ao vê-la. Não passará de mais uma expectadora, mais uma fã.

— Eu posso me tornar uma fanática, posso me atirar nos braços dele, uma fã apaixonada!

— Será arrancada dos braços dele pelos seguranças. E ainda fará com que ele não queira mais falar com você. Pense, coitado do homem! Deve passar boa parte do tempo fugindo desse tipo de fanático. Imagine quantas mulheres dariam a vida para dar uma voltinha naquela máquina! E quantos homens também!

— Está certo. Posso fingir que estou passando mal e assim, chamar a atenção dele.

— O máximo que conseguirá é chamar a atenção da equipe médica, ou dos bombeiros. Imagine quantas vezes as pessoas já passaram mal durante as apresentações dele, em meio a tanta gente, quem sabe com muito calor... Terá que ser mais criativa.

— Está bem, eu posso telefonar para a direção do aeroporto e mentir que tem uma bomba no hangar dele! Essa foi boa, não acha?

— Foi! Boa para chamar a atenção da polícia! Ficou maluca?

— Desta forma eu impediria o show e talvez ele sobrevivesse!

— Mas o que lhe garante que ele morrerá durante o show?

— Bem pensado, Andrew! Pode ser que o avião caia enquanto ele volta para casa também! Por que não pensei nisso antes? Terei que mentir que há uma bomba no avião, é claro! Assim ele não voltará! Estará a salvo!

— Você é maluca! O que está dizendo?

— Não posso deixá-lo morrer, Andrew! Não, desta vez!

— Ele não vai morrer! Fique tranquila, a morte não está com ele. A aura está brilhando, muitas cores, muitas cores mesmo! Eu garanto que ele não vai morrer hoje!

As palavras de Andrew fizeram Natália despertar das alucinações que a enfeitiçavam. Andrew disse para ela, um tempo atrás, que ela não morreria em breve, porque a morte não a acompanhava. Ela duvidara. Mas ele tinha razão. Estaria certo mais uma vez? Ela queria muito acreditar. Confiar nele significava assistir ao show normalmente, com o coração na mão, apreensiva, mas fazendo de conta que estava tudo bem e que ele não morreria. E se Andrew estivesse enganado? Se ela assistisse à morte daquele homem mais uma vez, de verdade, no presente, e sequer tentasse fazer algo para impedir, seria o mesmo que abdicar da própria vida, da própria paz. Se ele morresse, ela seria a responsável, seria culpada por não tê-lo impedido enquanto podia. E nunca, nunca mais teria uma noite sequer de sono tranquilo, não haveria uma noite em que ele não viesse atormentá-la, como vinha fazendo há meses.

— Você tem certeza?

— É claro que tenho. Pode confiar em mim.

Ela confiava. A ponto de lhe entregar a própria vida, mas não sabia se entregaria a vida daquele homem. De fato, nada poderia fazer para impedi-lo. Andrew estava certo, o máximo que conseguiria era ir parar na cadeia, ou na melhor das hipóteses, responder a um processo em liberdade, o que não a ajudaria em nada, caso ele não morresse hoje, porque ela pretendia acompanhá-lo aonde quer que fosse.

A hora chegara. Ele viria pelo corredor entre as barreiras de cordas e seguranças, sorrindo e acenando. Passou bem perto de Natália, mas por mais que tenha gritado e chamado, ele não olhou para ela. Correu numa linha paralela à corda, abrindo espaço entre as pessoas, como um tigre feroz, tentando acompanhá-lo, ainda gritando e chamando. Ele virou-se de repente, deu seu último sorriso e colocou o capacete. A multidão, enlouquecida, fazia muito barulho, de forma que ele nem notara a presença dela entre tantos que imploravam um único segundo de sua atenção. Caminhou

lentamente para o avião. Antes de embarcar, deu um último aceno para os fãs, segurando alto um lenço azul e verde, onde se podiam notar pequenos detalhes em amarelo, que pelo visto, era o seu talismã. Ligou os motores e taxiou até a cabeceira da pista.

Natália rezava de olhos fechados, pra que não tivesse que assistir mais uma vez à morte daquele homem. Era egoísta, e sabia, pois não rezava pela saúde dele, para que tivesse sorte, mas sim para que Deus evitasse o seu sofrimento, o sofrimento que seria perdê-lo mais esta vez. O pequeno avião decolou. Natália agarrou-se a Andrew com força, enterrando a cabeça no peito do amigo, que olhava a aeronave curioso. Ele apertou-a em seu peito. Então pediu que olhasse para cima, assistisse ao show, por que aquele homem, aquele profissional que dedicara a vida a alegrar as pessoas, certamente não aprovaria sua tristeza perante o seu voo. O que ela devia fazer agora, era honrar a coragem dele, admirá-lo enquanto executava as manobras linda e perfeitamente, era isso que ele esperaria dela. Natália não recusou. Ergueu os olhos devagar, para vê-lo. Não adiantava mesmo fugir do pesadelo, ele a encontraria de qualquer maneira. Se houvesse de ser agora, que fosse, então.

Das cartas de Natália,

A solidão e a espera acabam por me empurrar outra vez para ti. Procurei motivos, razões de viver sem ti rabiscando em minha história belas figuras, como fizeste pelos céus. Viver sem ti: palavras duras, melancólicas, que me causam apenas dor e sofrimento. O caminho é difícil, minha fênix, escuro. Tenho tentado vencê-lo, não encontrei a estrela guia para iluminá-lo, porém. Queria que fosses tu. Não virás, ao menos para clarear as noites sem lua. Tu foste a estrela mais iluminada de todo o firmamento. Quando sorrias, inundavas de luz todos os corações de quem tinha a sorte de estar perto de ti. Teu sorriso, sempre acolhedor e amistoso, transpirava vontade de viver, tua alegria e, para mim, transpirava o próprio amor. Como pôde, no entanto, este amor ter-se esvaído? Ter abandonado a ti, mas ainda estar tão vivo e forte dentro de mim?

A razão torna-se por vezes mais irracional do que a própria ignorância. Sendo, então, o amor, não mais do que a razão que se instala nos corações, que escreve sabiamente por caminhos adversos, como é possível que não se extinga ao perceber que estou para sempre sem ti? Porque esperar por alguém que já não mais poderá voltar, não me parece demonstração de razão ou de sabedoria, deste brincalhão, que é o amor. Eu preferiria partir para sempre, perder-me nos abismos eternos do teu céu, minha fênix, a ser obrigada a seguir este caminho escuro, por vezes, tenebroso, sem ti para escoltar-me, sem tua presença para aliviar este meu triste coração.

Então, por que eu fui poupada? Queria ter estado contigo naquela hora em que partiste. Queria ter corrido para junto de ti, perder-me contigo, viajar para a eternidade... Mas eu não tive forças. Fraquejei e fraquejo outra vez agora, ao escrever tais palavras neste papel sem vida, que jaz sob minhas mãos agora, frio e fosco, como teu corpo, sem vida... Quanto tempo mais de espera? Eu descobri que a vida seria breve no pouco tempo que restava, e

então a desejei longa e plena, por ti, minha doce fênix. Agora, porém, que tenho a plenitude outrora desejada, não a quero e apenas desejo que não se prolongue a triste vida. Sigo as controvérsias desta existência, com a certeza de que nunca, nunca mais, poderei esquecer-te.

Tu me aqueceste com o teu calor, ainda que por pouco tempo, mas que foi o necessário para tornar-te meu. E agora que te foste, resta-me apenas o frio, o gelo que consome minha alma, já não mais iluminada pelo sol que foi para mim o teu sorriso. E sinto o frio. E ouço a tua voz sussurrando ao meu ouvido, como fazias. E então imagino que tornas a me aquecer, fecho os meus olhos para buscar-te no infinito. Ah! Minha fênix, chego a ter a ilusão de sentir o teu calor por um breve instante, mas que para mim, vale mais do que a imortalidade poderia valer. Tenho seguido adiante, agarrando-me a estes poucos instantes que me aquecem a alma e aos momentos em que as lembranças tuas aquecem meu coração.

DÉCIMA PRIMEIRA LIÇÃO – Cada Vez é Especial...

Mais uma vez espremiavam-se entre as cordas e os seguros e o povo clamava pelo herói. Tudo correria bem, sem acidente, sem morte. Ele descia da sua carruagem branca, verde e amarela, em homenagem ao seu país. Sorriso no rosto, como antes de embarcar, capacete azul embaixo do braço. Como era lindo, ela ainda não percebera? Tinha rosto de anjo e olhos de demônio. Olhos capazes de enfeitiçá-la, torná-la volúvel, mais do que já era. Não era de admirar que tivesse tantos, ou melhor, *tantas* fãs. As garotas gritavam desesperadas, histéricas, o nome dele. Como ela pensava em fazer. Mais uma vez teve os olhos abertos por Andrew e mais uma vez ele tinha razão e tudo estava bem. A tática de fingir estar passando mal também estava sendo usada por algumas daquelas garotas. Os bombeiros tomavam conta disso, evidentemente. Como fora tola em pensar que conseguiria chamar atenção para si. Ela e aquele homem eram de mundos completamente distintos, não apresentavam semelhança alguma. Ela não era ninguém, não passava de uma pobre mulherzinha do interior, sem muita perspectiva de vida. Aliás, era uma condenada, fora marcada pela morte. Ele, ao contrário, vivia dentro de um conto de fadas, em mundo de sonhos, por que tantos ansiavam, mas apenas os eleitos alcançavam. Ele fora eleito. Era um ídolo, um exemplo a ser seguido. E tinha uma vida inteira pela frente, um luxo ao qual ela já não poderia se dar. Perguntara se ele era feliz? Estava explícito em seu sorriso.

Passou mais uma vez ao seu lado e se olhou para ela, foi tão sutilmente que ela não percebeu. Então era isso. Ele se despediria do seu amado e amante público e voaria para longe, muito longe dela, sem sequer tê-la visto. Tanto tempo sonhando reencontrá-lo, imaginando a cena sob diversos ângulos, de muitas maneiras, vendo-se como a heroína que salvaria o herói, livrando-o da morte,

e agora que estava ali nada saía nem parecido com o que imaginara. Ele não a viu, se viu não a reconheceu. Era mesmo muita pretensão da sua parte querer que ele lembrasse. Muito tempo se passara, muitas coisas foram vividas desde então.

Ele finalmente voltara ao avião. O sonho estava acabado. Andrew abraçou Natália, convidando-a para irem embora. Não havia mais o que ver ali. O aeroporto estava quase vazio, e o piloto já ligara os motores para partir. Ela quis ficar. Observou-o até sumir no horizonte. Perdera-o mais uma vez, mas desta vez não fora para a morte. Perdera-o para a vida, a vida que ele tinha, a vida que construía para si. Desejou profundamente que chegasse em segurança aonde quer que estivesse indo, e prometeu a si mesma que o encontraria de novo. Agora sabia quem ele era, e não seria difícil rastreá-lo. Bastava olhar sua agenda nos jornais, as cidades sempre noticiavam espetáculos inusitados como o que ele fazia. Esse pensamento trouxe de volta toda a determinação que Natália se esquecera de alimentar. Agora encontrara mais uma vez um motivo para viver, para lutar e mais uma vez o motivo era ele.

A noite descera seu véu no infinito. Não havia estrelas, havia apenas uma enorme lua cheia, e as nuvens que surgiram no fim da tarde, contrariando o azul do céu que se mostrara durante todo o dia. Fora um dia anormalmente claro, de um céu límpido como há muito não se via por aquelas bandas. Natália permanecia na janela, olhando para aquela lua e suspirando, sentindo o vento frio e suspirando. Andrew ficaria ali com ela aquela noite. Preparou um jantar leve para ambos, ensopado de frango, embora ela lhe assegurasse estar sem apetite. Olhando, sentindo e suspirando, ela era capaz de imaginar o rosto do piloto no brilho daquela lua, que também a observava, quem sabe levando notícias suas, trazendo notícias dele...

Olhar, sentir e suspirar era tudo o que ela queria, tudo de que precisava, mas Andrew insistiu em servir-lhe o ensopado. Ela teve de aceitar, ele prepara a mesa com cuidado, usara os guardanapos azuis porque sabia que ela os apreciava. Usara o que sobrara das

rosas de Natália para decorar um pequeno vaso vermelho que destacava sua especial beleza sobre a toalha de linho branca. Até mesmo as cadeiras mereceram sua atenção, ele as forrou com um leve tecido de algodão, também vermelho, que Natália não fazia ideia onde encontrara e que combinava perfeitamente com o vaso e as rosas.

Fizeram a refeição em silêncio. Natália, a cada colherada sorria, pensamentos distantes transpareciam naqueles sorrisos, Andrew quase podia adivinhá-los, mas não quis estragar aquele momento que era mágico para ela, então nada disse até o fim do jantar. Enquanto sorvia o caldo quente, ela olhava para o nada, mirava o espaço muito além de Andrew, além de tudo o que era material. Os olhos desfocados e a imaginação correndo solta, ela não prestava a menor atenção ao que estava fazendo, alimentava-se com gestos mecânicos, sem se importar se o fazia da maneira correta. Ela não tinha ninguém a quem impressionar.

— Andrew, eu quero procurá-lo mais uma vez. Não sei se devo, talvez não tenha, como você disse, oportunidade de chegar perto dele, de falar com ele, mas eu queria muito tentar fazer isso. Você sabe o que tudo isso significa pra mim, não é? Você entende a minha ligação, o meu compromisso com ele.

— Eu nem sei o que eu realmente compreendo, Natália. Isso está muito acima da compreensão. Você deve ouvir seu coração, mas não pode se esquecer da razão também. Não adianta se jogar de corpo e alma, fazer loucuras para chamar a atenção dele, é preciso pensar antes de agir. Pensar principalmente no momento em que conseguir o que deseja. Se ele a receber, se ouvir o que você tem a dizer, o que exatamente você dirá? Não pode simplesmente chegar dizendo que ele é um condenado, que a morte está próxima — mesmo porque, não sabemos se está — nem alertá-lo sem mais e nem menos sobre abandonar a sua profissão de uma hora para a outra. Isso soaria como uma loucura. Poderia até fazer com que ele não quisesse mais vê-la.

— E é por isso que eu não sei se devo ir atrás dele. O que eu poderia dizer, Andrew? Eu preciso contar a verdade, ainda que ele não acredite em mim.

— Mas em que isso ajudaria? Dessa forma você evitaria que ele se acidentasse? O fato de você tê-lo visto morrer em suas encarnações anteriores, não são garantias de que ele passara pela mesma experiência nesta vida. Pode ser que desta vez tudo aconteça de maneira diferente. Você já pensou nisso?

— Eu já pensei, sim. Nesse caso teríamos tempo... — ela interrompeu a frase. Ia dizer que teriam tempo para conversar, para conviver e resolver de uma vez os problemas do passado, mas lembrou-se de que, na verdade, quem não tinha tempo era ela. Ele talvez tivesse todo o tempo do mundo. Ela não. — Quer dizer, nesse caso ele teria tempo para digerir tudo o que eu lhe contasse. Quem sabe eu o colocaria em contato com o doutor, ele poderia ajudá-lo. Mostraria para ele tudo o que eu vi.

— Ele pode não querer. Pode até ser que queira, mas não consiga. Nem todas as pessoas estão sujeitas à hipnose, há muitos que só conseguem experimentar um leve estado hipnótico depois de muita insistência. Tem que querer, ter vontade e paciência.

— Mas considerando que tudo corra conforme o planejado, que eu consiga falar com ele, mas que ele se recuse a ser hipnotizado, existe a possibilidade de o doutor hipnotizá-lo mesmo contra sua vontade?

— De maneira nenhuma. Isso é coisa de cinema. Como você sabe, para entrar em estado hipnótico necessita-se de muita concentração. Se a pessoa não quiser, a mente bloqueia essa concentração e ele não é hipnotizado. É preciso estar disposto, ou no mínimo curioso, para conseguir passar por essa experiência, ainda mais nos casos de regressão quando o cérebro tem de querer ativar a memória adormecida para conseguir buscar e interpretar coerentemente o que até então esteve guardado, fora de alcance. Não é possível hipnotizar alguém contra a sua própria vontade. Não

há como invadir as mentes alheias, sem a devida permissão. Chato, né? Seria legal descobrir os segredos dos outros, saber o que pensam, que visão têm da vida. Você não acha?

— Que coisa feia, Andrew! Querendo bisbilhotar a mente alheia!
— os dois riram com a reprimenda de Natália. Na verdade ela adoraria poder invadir as mentes das pessoas, precisava muito invadir a mente daquele homem, e colocar todas as lembranças de volta aos seus lugares. Assim, ele poderia fazer as escolhas certas, conforme o doutor lhe dissera, poderia evitar outra tragédia.

— Mesmo assim eu quero tentar, preciso tentar. Ou não partirei desta Terra em paz. Só conseguirei descansar depois de falar com ele, de explicar o que eu vi e pedir-lhe ao menos que tenha cuidado e que eu o quero vivo.

— Nesse caso, farei uma lista das próximas demonstrações. Eu irei com você.

— Não quero incomodá-lo, Andrew, você tem suas obrigações aqui.

— Estou precisando mesmo tirar umas férias e, além disso, eu adoro viajar! Uh! Vai ser o máximo! Uh! — Natália riu de novo com o bom humor de Andrew. Depois voltou à janela, suspirou mais um pouco e foi para a cama. Andrew se encarregou de arrumar a cozinha, ela estava feliz e ele estava feliz por ela. Sabia o quanto era importante cumprir a missão que ela mesma traçara para si. Estaria ao seu lado, viu que a aura dela começara a ganhar cores novamente e isso o alegrava muito. Se estivesse forte, poderia lutar com mais forças contra a doença instalada no cérebro e podia muito bem vencê-la.

Com a lista em mãos, Andrew analisava quanto custaria a viagem a dois. Teriam que ir voando, pela estrada não chegariam a tempo. Ela não queria se atrasar, preferia chegar bem antes para poder vê-lo pousando. A chegada era uma oportunidade preciosa, não seria bom perdê-la. Ainda era preciso pesquisar os horários dos

voos, porque um pouco antes do espetáculo, os aeroportos eram fechados e o tráfego aéreo interrompido. Natália entregou o telefone e a lista telefônica a Andrew, que se encarregou de escolher o que fosse mais prático, e mais econômico também.

Embarcaram uma hora antes do meio-dia. Andrew levava um pacote de bolachas de água e sal para almoçar no caminho, Natália preferiu não levar nada. Estava ansiosa e a ansiedade tirava-lhe o apetite. Aterrissaram em menos de três horas, uma viagem que, de carro, levaria pelo menos onze horas. O aeroporto ainda estava deserto, apenas algumas pessoas da organização do evento passeavam pelo local, analisando as condições climáticas, a infraestrutura, e montando as bancas que venderiam os *souvenires*. Ela quis ficar ali mesmo e esperar, mas Andrew preferiu dar uma volta para conhecer a cidade, o show demoraria a começar.

Tudo ali era diferente, as pessoas andavam apressadas pelas ruas movimentadas, enquanto os automóveis moviam-se devagar, enfileirando-se nos congestionamentos. Ninguém conhecia ninguém, mesmo porque, ali ninguém tinha tempo para olhar para o lado, para ver os rostos que passavam, as vidas que se cruzavam. Natália sentia-se invisível naquela cidade. Não importava se estivesse elegantemente vestida ou com um simples agasalho no corpo, ninguém via, ninguém notava, ninguém se importava. Todos muito concentrados em suas tarefas e obrigações, trabalhando, lutando para conseguir um bom salário, porque isso traz segurança. E também traz desejos. Desejo de ter uma casa maior, um carro melhor... desejo de tornar-se um escravo, tendo que se obrigar a trabalhar mais para manter o melhor padrão de vida e ter cada vez menos tempo para a família, para as paixões, para todas as coisas que realmente importam nesta vida. E então quando menos esperassem, a vida poderia lhes pregar uma surpresa, destas que a bem humorada vida pregara a Natália. Ela sabia que então eles veriam quanto tempo perderam buscando coisas que só o dinheiro poderia comprar, porque foi essa a sua primeira grande revelação. Dinheiro é importante, sim, mas não é tudo na vida. O amor é

infinitamente mais importante e, justamente por isso, infinitamente mais difícil de conseguir.

Natália insistia para que Andrew a levasse de volta ao aeroporto, já estava exausta de tanto caminhar olhando lojas e vitrines, e estava também angustiada e com medo de perder a oportunidade de falar com o piloto. Ele finalmente concordou. Pegaram o primeiro táxi disponível que passou e voltaram. Àquela hora já havia alguns curiosos esperando. Natália, agora cuidadosamente arrumada, escolheu seu lugar na fileira da frente, bem ao lado das *tietes* do piloto. Ela vestia um elegante vestido preto e meia-calça da mesma cor. Calçara um sapato de salto baixo, mais confortável que os de saltos altos, mas não menos elegante. Sabia que se destacaria no meio das adolescentes fanáticas, vestidas com seus berrantes tons de cor-de-rosa, que variavam desde o rosa bebê e o rosa chá, até o mais vívido rosa-pink. Se ele não percebesse a sua presença desta vez, só podia ter problemas de visão, pensava Andrew.

O som do motor já podia ser ouvido e o ponto se movendo ao longe já era notado, aproximando-se depressa, fazendo o coração de Natália disparar de tanto medo. Medo de não conseguir alertá-lo, o que era bem provável, e mais uma vez assistir ao voo daquele anjo com o coração na mão, com o medo de que algo desse absurdamente errado. Outra vez ele dera algumas piruetas antes do pouso, e uma volta sobre a cidade. Aquele era um procedimento padrão ou ele apenas queria desfrutar da vista? Ela estava quase convencida de que era a segunda opção. Achava que era mesmo lindo ver tudo aquilo lá de cima, apesar de não ter espiado pela janela do avião em que viajara porque ficara com medo. A aeronave se posicionara para o pouso, as meninas, enlouquecidas, gritavam e erguiam suas faixas cobertas de declarações de amor, que tapavam a visão de Natália. Ela permaneceu onde estava, mesmo porque não teve forças para mover mais nenhum músculo só em pensar que ele já estava tão perto. O capacete fora retirado e os gritos desesperados das meninas aumentaram. De novo as mesmas

táticas, tentar burlar a segurança, fingir estar passando mal, entre outras um tanto mais apelativas. Natália permanecia parada, congelada. Quanto mais ele se aproximava, mais congelada se sentia e a única vontade que tinha era de sair correndo dali mais uma vez, de se esconder em um canto escuro e não sair de lá nunca mais.

Ele veio em sua direção, passou mais uma vez sem se dar conta de sua presença. Ela estava escondida entre todas aquelas garotas, que de tanto pular acabaram por empurrar Natália bem mais para trás do que ela precisaria estar para que ele a visse. Outra vez, entrevista, entrada no aeroclube, saudações às autoridades, mais entrevistas, show, entrevistas e despedida. Nenhum olhar, nem mesmo se dera conta de que ela existia e que estava ali por sua causa. *Todos estão aqui por sua causa, por que comigo haveria de ser diferente? Só mais um rosto em meio a tantos outros, mais uma fã desesperada...* pensava enquanto voltava ao encontro de Andrew, desanimada, quase sem esperança de que conseguisse fazer com que ele a notasse. *Ele é um anjo do céu, um lindo e inalcançável anjo...*

Das cartas de Natália,

Tudo ainda te traz a mim. Qualquer brisa que sopra emaranhando meus cabelos, que toque a minha face, qualquer vento forte me carrega em tua direção. Qualquer réstia de sol que brilha rasgando as nuvens passageiras que formam nos céus desenhos esplêndidos, tais como tu fazias. A ferida de meu coração jaz ainda muito imatura. Não criou defesa contra os assédios das coisas ao meu redor. E por isso ainda dói tanto. Assim como a culpa ainda assola minha alma que continua infeliz por ti. Não porque imagine que estejas sofrendo, absolutamente não acho, mas por ter que contentar-me em viver neste plano sem tua presença. É triste. Eu sei que não posso enviar-te as energias negativas da minha dor, é preciso que te libertes, mas em certas horas é para mim impossível não senti-las. Eu queria espantar a falta que tu me fazes. Queria poder esquecer-te ainda que por um pequeno momento. Queria poder aceitar o consolo das pessoas ao meu lado, mas parece que esse consolo só aumenta minha dor, minha saudade.

Tenho tentado afastar a dor e emanar para ti apenas as vibrações positivas para que consigas alcançar a luz. Agora compreendo que não devo chorar, tampouco chamar por ti, sob a possibilidade de desencaminhar-te do teu verdadeiro destino, tirar-te de teu caminho de luz. Já não mais clamo pelo sinal que não pudeste enviar-me (ou enviaste?), espero que não mais te preocupes em acalmar minha alma e meu coração, pois agora compreendo que esta é a minha missão e não a tua. Confesso que agi de forma mesquinha, mas tão grande ainda é o meu apreço por ti... Estive perdida na ignorância, não queria ter te prejudicado, então. Peço que perdoes estes meus atos ignorantes. Estou aprendendo devagar, ainda com medo de aprofundar-me mais. Sei que não estou pronta para tentar enviar qualquer energia que te possa ajudar a caminhar, aqui conto com auxílio de pessoas mais evoluídas do que eu nesses assuntos espirituais. Se achares que

será proveitoso para ti, escreve-me uma carta, eu a espero. Porém se julgares desnecessário dar-me este presente, não ficarei de forma alguma contrariada. Apenas gosto de esperar por notícias tuas. Acredito que seja uma forma de alimentar as minhas esperanças, sem prejudicar-te.

A fase da revolta, no entanto, já passou. Não estou mais rebelada contra os céus por terem te levado embora, para tão longe de mim. Agora compreendo que tu serás imortal, tal como eu e que haveremos de nos encontrar novamente e mais uma vez, e outra ainda... Também entendo que nada acontece por acaso e que teu destino já estava traçado desde antes de nasceres. Infelizmente não pude alterar este triste destino que te aguardava. Eu fui muito ingênua ao pensar que poderia. Mas se não o tivesse tentado, passaria a viver em frustração e quem sabe, enlouqueceria. Já me sinto suficientemente inválida por ter tentado e falhado. E sinto ainda o tamanho de meu egoísmo ao pensar que eu poderia agir contra as leis da natureza, a lei do destino.

Oh, minha ave dos céus, eu ainda te desejaria tantas vezes ao meu lado! Ainda tenho vontade de gritar quando revejo a cena de tua partida. Ainda me perco em devaneios e em sonhos impossíveis imaginando como teria sido ter-te aqui comigo por mais um breve instante. Espero sinceramente que não entendas estas minhas inúteis atitudes como uma afronta à tua iluminação ou a ti próprio, aceita-as apenas como a minha maneira de orar por ti e para que me perdoes se eu merecer. Sigo tentando me concentrar em tarefas corriqueiras, tirar-te de minhas mais profundas lembranças, mas ainda sinto o meu corpo arrepiar-se uma vez ou outra, quando insistes em voltar com mais e mais força em meus pensamentos.

DÉCIMA SEGUNDA LIÇÃO – Sonhos São Possíveis...

Foi Andrew quem teve a brilhante ideia. Pesquisariam a vida inteira do piloto em jornais, revistas e internet. Quando reunissem bastante informações, estudariam e decorariam fatos importantes da carreira do aviador, não seria difícil conseguirem credenciais falsas, carteirinhas de imprensa e então fingiriam serem dois renomados repórteres da pequena cidade onde moravam, doidos por algumas palavras dele. Ele os atenderia, sempre tratava bem aos repórteres, às pessoas da imprensa que o recepcionavam nos aeroportos de todo o mundo. Não seria diferente com eles, ou seria? Mesmo sem ter certeza, Natália estava animada, animada de verdade, pela primeira vez. Já organizara, inclusive, um formulário com as perguntas que deveria fazer sobre a sua carreira, sobre a sua vida, e algumas que ela pessoalmente gostaria de fazer, disfarçadas entre as outras.

Partiram para mais um canto do país. A viagem desta vez não fora tão agradável quanto a anterior. Não havia voos agendados para a presente data, então tiveram que seguir de ônibus em uma viagem que durou mais de treze horas. Chegaram exaustos. Natália não conseguiu dormir durante o trajeto, teve medo de sofrer um acidente na estrada e a cada vez que fechava os olhos era precocemente despertada pelas buzinas dos outros automóveis ou pelos solavancos dos trechos imperfeitos de asfalto e estrada de chão. Andrew também não conseguiu relaxar, mexia-se na poltrona constantemente, tentando encontrar uma posição confortável que lhe permitisse ao menos uma soneca, mas as costas doíam e, não bastasse o ruído do motor a perturbar, ainda tinha de aturar as pessoas que não paravam de conversar e outros ainda, que dormiam tão profundamente que seus roncos eram capazes de acordar todos no ônibus inteiro.

Andrew procurou um hotel próximo à rodoviária e alugou um quarto com duas camas de solteiro e, apesar dos protestos de Natália, não partiriam direto ao aeroporto, precisava descansar, ou então não conseguiria assumir o personagem que criara para ele. Aconselhou-a a fazer o mesmo, pois não poderia encontrar-se com o homem dos seus sonhos cheia de olheiras, como se fosse uma bruxa. Ela não teve alternativa, senão ceder. Dormiram por longas horas. Natália não sonhara com o homem, ou com a explosão desta vez, sonhara com um lindo campo florido, parecido com o que vira durante as sessões de hipnose, correria solta por aquele imenso campo verde até encontrar uma linda árvore, cheia de folhas que produziam uma agradável sombra debaixo de si. Ela sentou-se àquela sombra, sobre as imensas raízes que brotavam desprotegidas de dentro da terra, escondendo-se do sol que, ela sentia na pele, estava muito quente. O despertador a acordara. Andrew o deixara ligado por precaução porque não queria desperdiçar as longas horas de sacrifício que passara naquela viagem atrasando-se para o pouso do piloto, pois seria a melhor oportunidade de aproximação que teriam.

Ela vestira-se depressa. Agora não trajava mais o lindo vestido preto, mas sim um elegante terninho de crepe, guardado bem no fundo do armário para ocasiões especiais. A blusa branca que se mostrava discretamente por debaixo do casaco contrastava com o cachecol de lã vermelho. Pregara na gola o crachá de imprensa que Andrew habilmente providenciara para os dois. Ele, não menos alinhado, vestia uma calça social preta, feita de lã fina que além de aquecer, deixava-o alguns quilos mais magro, combinando com a camisa branca de mangas longas e casaco de couro preto. Estavam ambos muito elegantes e pareciam mesmo pessoas importantes. Andrew estava nervoso e preocupado, não com o piloto, a quem Natália se encarregaria de entreter, mas com o pessoal da administração. Será que ligariam para verificar suas credenciais? Se o fizessem, eles estariam ferrados!

Pegaram um táxi em frente ao hotel. Teriam tempo de sobra para convencer a organização do evento sobre suas identidades, e ainda conseguir um bom lugar para apreciar a habilidosa descida do piloto. Andrew pagara pela corrida, com as mãos trêmulas, não estava acostumado a mentir e a inventar estórias, esperava ser convincente, por Natália, porque aquela era a missão de sua vida. Dirigiram-se imediatamente ao comitê organizador do evento. Andrew tomou a iniciativa, foi logo apresentando as credenciais de imprensa para um homem rabugento que fazia a segurança logo na entrada. Não foram barrados e isso já era um grande alívio, porém antes de ter livre acesso à área da imprensa, era preciso que conversassem com a diretoria geral do evento (e aquilo tinha uma vasta hierarquia, iriam demorar até chegar à diretoria geral!) que se encarregaria de checar os dados e permitir, ou não, o acesso dos dois. Duas horas depois e estavam frente a frente com o presidente do aeroclube (enfim, o diretor geral!), que depois de alguns telefonemas, que nada tinha a ver com checagem de dados ou verificação de credenciais, pediu a um dos seus diversos secretários que os acompanhasse ao camarote especialmente reservado aos repórteres.

O coração de Natália acalmou-se. Andrew conseguira, ela estava orgulhosa do amigo, pois ela mesma não poderia ter tido ideia melhor. Olhou para Andrew com o canto dos olhos e sorriu, discretamente para não chamar atenção, mas a vontade que teve foi de pular ao pescoço dele, abraçá-lo e enchê-lo de beijos de agradecimento; se o plano desse mesmo certo, seria graças a ele e à sua ideia maluca! Sentaram-se confortavelmente, desfrutando uma garrafa de água mineral gelada, especialmente servida para ambos. Natália segurou a mão de Andrew, ele entendeu o nervosismo da amiga, sentiu sua ansiedade mais uma vez, só que agora seu sexto sentido dizia que essa sensação estava para se alterar profundamente. As vibrações que de seu corpo emanavam agora deixavam transparecer também uma esperança, uma nova forma de esperança que não se baseava apenas em sonhos, mas em fatos concretos, em acontecimentos reais e que poderiam realmente se

tornar reais a partir da possibilidade que ele inventara para ela. Vibrava também naquela mão, a gratidão que ele sabia que viria mais tarde em forma de palavras, mas que ele nem precisava escutá-las porque já sabia o que ela lhe diria, já sentira a gratidão no calor da sua mão.

Um ponto negro acabara de surgir no horizonte. Ficava maior e mais barulhento a cada minuto, vinha depressa na direção da pista de pouso. Estranhamente desta vez, não fizera nenhuma gracinha antes de alinhar-se para a descida. Pousou com a suavidade de sempre, porém quando o capacete foi retirado, revelando o rosto do amigável piloto, o que se viu não foi exatamente o sorriso de sempre, mas um olhar gélido e preocupado, que Natália não conseguiu interpretar. Antes que pudesse dizer algo, os outros repórteres já se levantavam para sair correndo em busca de informações, mas ele sequer trocou com eles as palavras de costume, caminhou rapidamente para o seu "hangar particular", deixando entrar apenas o pessoal da diretoria. Nem ao menos deixou-se tocar ou fotografar pela legião de garotas que se esticavam atrás das barreiras que protegiam sua passagem.

Natália o seguiu incansavelmente até a porta do hangar, mas foi impedida de seguir adiante. Esperou minutos, que pareceram séculos, sentada no estreito degrau que ladeava o hangar. Encostou-se nas paredes, tentando ouvir o que se passava lá dentro, perguntou para cada segurança que saía do local, mas nenhum deles tinha autorização de passar qualquer informação à imprensa. Por um momento, Natália odiou a credencial presa à gola do casaco, mas logo esqueceu o ódio, porque ela, que agora era da imprensa, estava infinitamente mais perto do tal homem do que as dezenas de meninas com seus vestidos cor-de-rosa espremidas na beira da corda. Enfim, o diretor geral saiu ordenando que reunissem os da imprensa porque o piloto diria algumas palavras. Natália, que não voltara para o camarote, como os demais, aproveitou para ficar bem à frente da porta do hangar, onde ele pudesse vê-la inteiramente. Todos se acomodaram e ele começou a desculpar-se.

— Bem, — começou o diretor geral — sinto ter de informá-los de que o espetáculo programado para esta tarde está cancelado! Infelizmente não há nada que possamos fazer porque houve um pequeno problema com o motor da aeronave, mas retomaremos a apresentação em uma próxima data, que garantimos, será uma festa mais emocionante do que este aniversário do nosso município! No entanto, não podemos colocar em risco a segurança de todos insistindo em seguir com o show programado, seria irresponsabilidade da nossa parte, porque hoje é dia de festa, de comemoração e não de desastre, não é mesmo? Peço-lhes que permaneçam no aeroporto e desfrutem da estrutura que montamos especialmente para vocês! Pedimos desculpas, juntamente com este homem, que permanecerá aqui, participando desta festa que é de todos vocês! Passo a palavra a este corajoso piloto, que não mede esforços para levar alegria aonde quer que vá!

— Eu gostaria primeiramente de reforçar o pedido de desculpas, já mencionado pelo diretor em meu nome, e assegurar a todos vocês que voltarei o mais breve possível, assim que o problema for solucionado, e mantereí meu compromisso de alegrá-los com minhas manobras. Espero que entendam que seria muito perigoso voar com a aeronave em condições nas quais se encontra, não usarei termos técnicos para explicar o problema, visto que há muitos leigos aqui presentes e porque não nos interessa saber que parte exatamente pifou... — ele riu e as tietes da primeira fila também, Natália apenas levou uma das mãos sobre o coração, percebendo que o olhar do homem agora se voltava para ela — Mas como eu ficarei por aqui, terei tempo de sobra para receber algumas pessoas no hangar. Aviso-os também de que o sorteio que contemplará alguns felizardos a um passeio de helicóptero continua valendo, porque a festa ainda não acabou, e os premiados podem escolher entre o passeio pelos céus, a entrada aqui no hangar ou ainda poderão escolher um brinde de sua preferência entre as diversas lembrancinhas ofertadas pelo aeroclube. Aos nossos amigos repórteres — ele olhou para Natália mais uma vez — que quiserem saber mais detalhes, basta cadastrarem-se junto à organização do evento. Eu receberei a cada

um, cedo ou tarde, peço-lhes apenas que tenham paciência, pois preciso também consertar meu avião. No mais, gostaria de agradecer a presença de todos, aos que moram aqui perto e também aos que percorreram muitos quilômetros para assistir a este espetáculo. Sei que muitos, inclusive, vieram das redondezas, das cidades menores as quais nem sempre tenho o privilégio de visitar, mas asseguro-lhes novamente que terão sua recompensa, e prometo que criarei uma acrobacia nova, exclusivamente para vocês. Tenham uma boa festa!

Natália estava pasma! O avião quebrara e ele estava ali, vivo e radiante. Embora preocupado, estava alegre e inteiro! E ele a vira, agora ela tinha certeza! O que lhe restava era bolar mais uma pequena estratégia e agendar com a diretoria uma entrevista exclusiva. Correu para o guichê de entrada, procurando com os olhos o diretor geral, precisava ir direto a Deus se queria um milagre, ou mais uma vez teria de enfrentar a ira de todos os santos, até que alguém resolvesse se livrar dela, expulsando-a ou coisa parecida. Viu o vulto ao longe, mas ele parecia estar caminhando rumo à saída. Tentou correr, mas quase foi esmagada pelas pessoas que se amontoavam para comprar a rifa do passeio de helicóptero que agora, poderia ser revertida em alguns minutos na companhia do famoso piloto. Muitas mães, cujos filhos sonhavam ser piloto, compravam cartelas inteiras tentando satisfazer a vontade dos pequenos. Natália entendia que aquilo poderia servir de inspiração e incentivo para todos aqueles garotos, mas tinha de passar e empurrava-as uma por uma para o final da fila. Andrew já se perdera dela há tempo. Não era um homem magro e pequeno e não pôde passar pelos primeiros amontoados de gente. Simplesmente entrou na fila, quem sabe estivesse com sorte e fosse premiado? Isso certamente resolveria os seus problemas. Olhou para o lado e viu Natália voltando desanimada para o seu lado. Pela expressão do seu rosto, percebeu que não tinha conseguido o que queria.

— E então, falou com ele? — Andrew foi logo perguntando.

— Falei, sim. Mas ele disse que as exclusivas serão concedidas apenas aos representantes da imprensa local. Ou seja: estamos fora!

— Ainda não estamos, não! — disse Andrew, sorrindo e balançando o único bilhete da rifa que comprara.

— Valeu a tentativa, mas com esse bilhete você pretende entrar no hangar do piloto? Você viu aquelas mulheres com as bolsas recheadas de cartelas inteiras? Elas, sim, serão premiadas!

— Ah! Mas não temos dinheiro para recheiar a sua bolsa de cartelas inteiras! Além do mais, qualquer bilhete poderá ser sorteado, não é verdade? O importante é que eu estou concorrendo!

— Você é um sonhador, Andrew.

— Sou sim, o que tem de errado nisso? Os sonhos são a nossa única razão de viver, você mesma não estaria aqui se não fosse pelo seu sonho, lembra-se? Que graça teria viver sabendo exatamente o que iria acontecer, usando a razão somente, se é a emoção dos sonhos que nos move?

— É bem diferente o meu caso, Andrew. Você não pode comparar uma ligação de muitas encarnações com um bilhete de rifa...

— E por que não? Sonhos são sonhos. Por que um dos meus seria menos importante do que um dos seus? Está sendo egoísta.

— Desculpe-me, não foi o que pretendi. Apenas acho que as chances de ser sorteado são muito baixas, eu diria que são quase insignificantes.

— O meu bilhete tem a mesma chance de ser sorteado que qualquer outro vendido daquela rifa, nem mais e nem menos. Pode ser que ganhe, pode ser que perca, quem saberá? Eu acredito nos sonhos, se não acreditasse, dificilmente estaria aqui com você agora. Eu encararia você simplesmente como uma louca, uma doida de pedra, jamais teria feito parte dessa loucura. Veja, isso não é

mesmo uma loucura? É sim. Uma maravilhosa loucura, um sonho realizando-se aos poucos, no seu devido tempo. E é lindo isso! É uma maneira maravilhosa de levar a vida, assim, vivendo sonhos. Se eu tivesse suspeitado que seria tão bom, teria corrido atrás de muitos outros sonhos, que foram morrendo com o passar do tempo, que perderam a cor, perderam o sentido e deixaram de existir.

— O sonho de encontrar o seu pai, por exemplo? — Andrew não gostou da referencia de Natália. Ele estava mesmo pensando nesse sonho, na vontade quase morta de encontrar o seu pai, mais uma vez, ao menos para lhe dizer que sentia muito por tudo... Mas não estava preparado ainda para ouvir sobre ele e nem para falar dele. A pergunta tão direta o constrangeu e ele não soube como respondê-la. Como sempre fazia quando, na verdade, não sabia o que fazer, ele fugiu. Saiu de perto de Natália, correu em direção a uma das barracas que vendia souvenirs e fingiu estar interessado no funcionamento de um pequeno avião movido a corda.

Natália o machucara. Viu que dissera uma grande besteira. Ora, por que precisava machucá-lo dessa forma? Ela não quis colocar o dedo na ferida de Andrew por todos estes anos, mas sentia que ele precisava se abrir com alguém. Ele se fechou ainda mais desde que o pai partira. Embora tenha se sentido aliviado com o fim dos castigos, das surras e das intermináveis discussões, ele sentia falta de uma figura masculina para ter em quem se espelhar. Era amigo do pai e dos irmãos de Natália, mas estes não substituíam o homem que deveria ter estado ao seu lado na maior parte de suas vidas, que deveria tê-lo acompanhado nos momentos importantes, assistido às reuniões da escola, brincado de soltar pipa, ensinado a pescar e a caçar, ir ao estádio para ver o time favorito jogar, entre tantos outros momentos que Andrew gostaria de lembrar, mas que não passavam de páginas em branco na sua história. Depois de todo esse tempo, ele ainda se recusava a falar desses assuntos, porque ainda carregava sobre os ombros a culpa de o pai ter ido embora, culpa porque a mãe teve de assumir sozinha, além da educação do filho, as despesas da casa; culpa pela morte de seus avós, porque

adoeciam com mais frequência enquanto se esforçavam para suprir as necessidades especiais de Andrew, as terapias e os tratamentos que a mãe não conseguia pagar apenas com o salário de costureira.

Ele aprendeu a conviver com a culpa. Aprendeu que as escolhas de cada um deles é que determinou seus destinos, mas como ele era um "garoto esquisito, um louco", como o pai sempre dizia, acabou por influenciar a todos os que amava, os que o amavam e queriam apenas ajudá-lo. Isso afetou o rumo das coisas. Teria sido tão diferente se o pai não tivesse sido covarde, se tivesse encontrado outra saída senão fugir de Andrew e de seus problemas. Mas agora era tarde e de nada adiantaria ficar remoendo as angústias do passado. O que fora feito antes já não tinha mais volta. O que poderia ser feito agora era a única coisa que importava, porque embora ele não tenha conseguido ainda encontrar respostas que justificassem a atitude daquele homem, se não fosse por ele ter feito o que fez, Andrew talvez não tivesse se tornado a pessoa livre que era hoje, e quem sabe ele o tivesse mandado para um hospício, para o resto de seus dias. Decidiu que quando o encontrasse, se o encontrasse de novo, não iria dar bronca, conforme planejara todos esses anos, iria agradecer a ele por tê-lo deixado sob os cuidados da mãe e dos avós, dessa forma ele foi amado e recebeu todo o apoio que uma família pobre como a dele, pode dar.

Natália caminhou até ele. Não disse nada, só encostou a cabeça no ombro do amigo. Ele entendeu o pedido de desculpas mais uma vez, e beijou-lhe a face. *Agora vê se pensa antes de falar!*, dizia ela para si mesma. Andrew segurou o pequeno avião em frente a ela e começou a explicar o funcionamento do pequeno brinquedo. Era uma réplica quase perfeita do avião de manobras que fazia o show, diferenciava-se apenas por não haver o nome do piloto pintado no lado de fora. Os alto-falantes chamaram a atenção de Andrew de repente. Chamavam os portadores dos bilhetes de rifa para que se aproximassem do local do sorteio, que começaria em alguns instantes. Ele segurou a mão de Natália, ansioso, e caminhou para a beira da corda que separava o público do pequeno palanque

montado especialmente para o globo do sorteio. Passados uns cinco minutos, uma linda moça loira, vestida com roupas brilhantes e chamativas, subiu ao tablado de madeira, seguida por um dos organizadores do evento. O sorteio começaria. Andrew apertava a mão de Natália, estava nervoso, por isso não gostava muito de jogos, eles sempre o deixavam nervoso. A loira começou a girar o globo, enquanto o helicóptero descia para a apreciação dos que sonhavam dar uma voltinha pelas alturas.

Caiu a primeira bola. Ninguém acertou. A segunda, Andrew não marcara, mas muitas outras pessoas sim. Desta forma, seguiu-se o segundo sorteio, o terceiro e os outros nove. Andrew acertara no máximo três das cinco dezenas que de precisaria. Estava tudo bem, ele estava acostumado a perder. Mas este era um presente que queria muito poder ter dado a Natália, então não pôde deixar de decepcionar-se com o resultado.

— Então, vamos embora? — perguntou ela.

— Mas... já? Ainda é cedo! Vamos ficar mais um pouco! Você quer comer alguma coisa?

— Está bem, vamos ficar. Que tal cachorro-quente?

— Ótima ideia! Lancharam ao lado da pequena lanchonete móvel. O cachorro-quente estava delicioso e Andrew acabara de repetir. O lugar ainda estava bem movimentado e o imprevisto não espantara as pessoas que tinham vindo prestigiar o evento. Andrew ouviu um novo chamado nos alto-falantes. Era a voz do organizador responsável pelo sorteio, anunciando que quatro pessoas não apareceram para requisitar os prêmios e conforme as regras, passada uma hora sem aparecer o premiado, realizar-se-ia um novo sorteio. Era o que aconteceria naquele momento e mais uma vez os portadores foram convocados a se dirigirem ao tablado. Natália notou a animação voltar ao rosto do amigo, que largou o sanduíche comido pela metade e correu para a beira da corda. Ela temeu mais uma decepção.

A primeira bola caiu. A segunda, seguida pela terceira. A quarta bola, e até então Andrew não acertara nenhum número. Próximo sorteio, mais um e finalmente o último. Natália o puxava para longe, mas inexplicavelmente, as bolas foram se ajustando à cartela de Andrew. Acertara os primeiros quatro números, mas faltando apenas a última dezena, a sorte lhe traíra e ele errou. Olhou para os lados, ninguém apareceu. Mais uns minutos de espera e, como o helicóptero tinha hora marcada para ir embora, mais uma bola foi sorteada. Inacreditavelmente, era a dezena de Andrew! Natália não podia acreditar. Ele subiu ao tablado, para conferir se realmente ouvira direito. Eram suas dezenas! Ele ganhara!

— Viu, querida? Quem disse que sonhos são impossíveis? — brincou ele com Natália.

Das cartas de Natália,

Estou só. Tenho muitas pessoas, companhia, amizades, pessoas. Todas iguais, insistindo em dizer-me que eu preciso me livrar do que resta de ti, minha fênix. Pessoas que me veem dentro dos seus próprios propósitos, de me tirar a dor que sinto, de me salvar do sofrimento em que me deixaste. Eu não posso... Ao menos sei se tento, porque esta é a herança que recebi de ti, a dor, o sofrimento e a solidão. E eu já me acostumei com esta triste herança. E cada vez que chega até mim esta dor, é porque eu me recordei de ti, das horas felizes em que esboçando teu sorriso luminoso e esse olhar que foi capaz de enfeitiçar-me, de ganhar-me para ti, completamente, em uma entrega de corpo e de alma, mas principalmente, de coração.

E como eu amei cada segundo em que fui tua, minha doce fênix, e como eu desejei que estes breves momentos fossem infundáveis. Não hei de esquecer-me jamais. A tua lembrança é ainda muito forte e assim permanecerá pela eternidade. Porque tu estás impresso na história, porque deixaste a tua marca no mundo, e essa marca é profunda demais, forte demais para ser esquecida. E porque essa marca é diferente daquelas com as quais riscavas os céus, que de tão frágeis e leves, se deixavam apagar pelos caprichos dos ventos. E quem poderia imaginar que, justamente por essas marcas, feitas de nuvens, é que tu alcançarias a imortalidade! Tu chegaras a te imaginar assim, minha fênix, imortal, impresso para sempre, não somente na minha memória, mas na memória do mundo?

De fato, escreveste a tua história. Sozinho, ou quem sabe com o auxílio de poucos. Estarás agora no paraíso? Tu foste um vencedor, e justamente por isso, não mereces nada menos do que o paraíso. Não apenas por teres vencido a barreira que separa os homens dos céus, mas também por teres vencido a indiferença que separa os homens da compaixão e do amor. Tu foste um vencedor, porque foste capaz de vencer os preconceitos, das outras pessoas e de ti

mesmo. Porque tiveste a coragem de lutar com todas as tuas forças atrás de um objetivo que não beneficiaria apenas a ti, mas que pelo contrário, exigir-te-ia sacrifícios e perdas que exigiriam que abrisse mão de muitos dos teus sonhos, para devolver a vida a alguém que, mesmo sem oportunidade, ansiava por viver.

E foi assim que seguiste o teu caminho, que escreveste esta tua linda história, com compaixão, com a sabedoria de quem tem a certeza de estar fazendo a coisa certa. E com amor. Amor de um pai que acaba de dar vida a um filho. Amor de um homem, que trouxe para mim, uma simples mulher, tão mais humilde do que tantas outras que cruzaram teu caminho, a felicidade do verdadeiro amor e a oportunidade de vivê-lo, ainda que por muito pouco tempo.

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO – Não Há Amor Sem Liberdade...

Depois de fazerem a escolha, foi pedido que aguardassem na entrada do hangar. Seriam os últimos a entrar e desfrutar alguns minutos da companhia do piloto. Natália perguntou se poderia entrevistá-lo durante a conversa, mantendo assim o seu disfarce de repórter e foi avisada que se o homem concordasse, poderia fazer as perguntas que desejasse. Estava trêmula, quase tendo certeza de que não conseguiria. Na verdade ainda não tinha decidido como dizer para ele, contar da ligação que os unia, fazê-lo desistir da perigosa profissão e passar a não correr mais riscos. Sabia que não seria uma tarefa fácil, mas ela tinha de ser corajosa, a vida dele estava, de certa forma, em suas mãos.

Andrew esperava entusiasmado. Nunca fora fã do piloto maluco, mas agora que começara a acompanhar a sua carreira, que aprendera sobre ele nos jornais e nas revistas, viu que havia construído uma imagem totalmente distorcida sobre ele. Antes o julgava egoísta e arrogante, agora o achava generoso e sensível, o que aconteceu depois que Andrew conheceu o trabalho que ele fazia, que não se restringia apenas ao avião, mas mantinha um orfanato inteiro com a verba arrecadada durante os eventos de que participava. Não bastasse a ajuda financeira, ele promovia muitas atividades de lazer para aquelas crianças a quem a vida não dera, e provavelmente nunca daria, oportunidade nenhuma, e ainda fazia visitas frequentes, sempre que tinha uma brecha na agenda. Desde então, tornara-se fã, não só do seu trabalho, de arriscar a vida daquela maneira, mas também do bem que essa sua escolha causava às dezenas de crianças de quem ele cuidava.

A porta se abriu e uma das mães com um filho enlouquecido de alegria, acabava de deixar o hangar do piloto. Eles seriam os próximos. O coração de ambos queria saltar pela boca. Andrew

segurou a mão de Natália com força, misturando o suor de nervosismo dos dois e fundindo suas energias e expectativas. Na outra mão, Andrew segurava o bloco de papel e a caneta que trouxera para a suposta entrevista. Uma voz pediu para que entrassem e fez Andrew tremer tanto que o pequeno bloco escorregou-lhe das mãos. Ele abaixou-se para juntá-lo, enquanto Natália já se dirigia até a porta do hangar. Andrew moveu a cabeça em direção à porta e viu de relance o piloto em seu macacão verde-musgo, o capacete azul, largado sobre uma pequena mesa redonda ao lado de um aconchegante estofado vermelho, onde seriam recebidos em um segundo. Andrew mirou o rosto do piloto e tamanho foi o arrepio que o percorreu que derrubou a caneta que segurava. Não viu aquele luminoso sorriso expresso em sua face, mas deparou-se com uma luz quase apagada, sem as cores costumeiras, como se uma força muito negativa tivesse se apossado dele. Levantou-se e entrou.

O homem era educadíssimo e foi pedindo que os dois se sentassem. Andrew escolheu a ponta do sofá, deixou que Natália ficasse mais perto dele. Ela abriu a bolsa, puxando a extensa folha na qual escrevera com antecedência as perguntas que gostaria de fazer. O homem olhou para o crachá, preso à gola do casaco de Natália e foi logo avisando que a entrevista fora marcada para logo depois do encerramento da festa e que o diretor geral o prevenira de que não devia falar com repórteres antecipadamente.

— Bem, — começou Andrew — aqui está o bilhete sorteado, se quiser pode conferi-lo. Isso nos torna aptos a estar aqui agora e, penso que é nosso direito de fãs lhe fazermos algumas perguntas.

— Sim, é claro. Se eles não concordarem com isso, então, peço-lhes que mostrem esse bilhete para eles.

— Então... é... hum... — Natália gaguejava e não conseguia ler as perguntas do papel. Seu corpo tremia e ela mal conseguia respirar. Andrew, percebendo o seu estado, tomou-lhe a folha das mãos, e começou ele mesmo.

— Bem, primeiramente, gostaríamos de parabenizá-lo pelo seu excelente trabalho.

— Muito obrigado. Espero que tenham assistido à minha última apresentação pela TV a cabo, na qual apresentei manobras inéditas.

— É, nós acompanhamos. Mas refiro-me ao seu outro trabalho, o trabalho social que faz com aquelas crianças do orfanato.

— Ah, sim. Eu não costumo dar entrevistas sobre esse assunto, como vocês devem saber. As crianças são a minha vida e não faço questão de usá-las para minha autopromoção. Espero que vocês entendam e, se quiserem falar sobre o avião e as manobras, sejam bem-vindos, caso contrário, não poderei ajudá-los. — respondeu ele, educadamente, sem ser, em momento algum, rude ou alterar o tom de voz. Andrew imaginou quantas vezes ele teria precisado sair de situações iguais àquela. Certamente estava acostumado a dar sempre a mesma resposta para os enxeridos repórteres.

— O que exatamente aconteceu com seu avião? — interrompeu Natália.

— Ainda não tenho certeza, mas acredito que tenha sido algum tipo de desgaste durante meu trajeto até aqui. A viagem foi longa e isso seria perfeitamente natural.

— Isso já aconteceu com você outras vezes? Já levou algum outro susto durante os voos?

— Sim, com certeza. Já houve muitas colisões com aves, por exemplo, o que é sempre um susto, enfrentei apagão de motores, entre outros sustos maiores. Mas acredito que tudo isso é normal perante a frequência e a quantidade dos voos.

— Você tem medo de cair?

— Não. Eu estou ciente dos riscos que corro lá em cima.

— Mas... e se você cair.. quero dizer, se for fatal... não se importa? Não pode simplesmente ignorar o perigo desta forma... —

Andrew percebeu que a voz de Natália começava a se alterar. Parecia que estava se contendo para não romper em choros ali na frente do piloto.

— Eu amo voar. Sempre sonhei ser piloto, tentei entrar na Academia da Força Aérea, mas não fui tão inteligente ou estudioso quanto deveria. Como vocês também já devem saber, tive uma infância muito pobre e não pude me preparar como gostaria para todas as provas e concursos da Academia. Quando arranjei um trabalho e finalmente pude financiar um bom curso preparatório, era tarde demais. Não que a minha vontade tivesse morrido, mas simplesmente porque o tempo passa e nós ficamos velhos demais para certas coisas. As oportunidades já não são mais as mesmas. E é por isso que eu agradeço todos os dias por ter chegado aonde cheguei. Comecei minha carreira como piloto privado, pilotando jatinhos para empresários, ainda muito jovem. Assim que arranjei meu primeiro emprego, a primeira coisa que fiz foi me associar no aeroclube da minha cidade. Na época, só se pagava um valor simbólico, nada que eu não pudesse arranjar. Então comecei a frequentar os hangares do pequeno aeroporto, mas nunca encontrava alguém por lá. Não tínhamos muita coisa, apenas um ultraleve e um avião monomotor, ano 1947, todo colorido, usado apenas em ocasiões especiais, uma ou duas vezes por ano no máximo. Aquele avião era o meu maior desejo, embora um instrutor de voo que raramente eu encontrava por lá, vistoriando o pobre avião abandonado, me garantisse que havia maiores e melhores do que aquele, que ele chamava carinhosamente de Sucata. Eu sabia, já havia visto muitas aeronaves pousarem naquela pista, cada vez que tinha um dia de folga, estava eu lá no aeroporto. Mas o Sucata era para mim o melhor avião que podia existir. Nessa época eu devia ter uns 14 anos, mais ou menos e fiquei encantado com a pintura dele, eu acho.

— O Sucata era um avião como o seu?

— Não, não. Nem perto disso. Não vou citar modelo, porque percebo que a senhorita não entende de aviação, não é? Quer dizer,

sem querer ofender. Mas o meu é bem diferente.

— E então, como se tornou piloto privado?

— Ah, eu esperei e esperei, até completar os dezoito anos que pareciam não chegar nunca! Tinha guardado um pouco de dinheiro para isso, mas quando questionei o velho instrutor da minha cidade sobre os valores necessários para poder me tornar piloto, foi aí que quase desanimei! O valor que tinha economizado nos meus quatro anos de trabalho, não chegava a um terço do que precisava! E ainda por cima, o curso era dado somente em uma cidade vizinha, o que me traria mais problemas e despesas com transporte. Naquele dia voltei pra casa realmente desanimado. Pensei em desistir, cheguei a pensar que jamais conseguiria. Ainda bem que o meu pai, comovido com a minha depressão, me explicou que o curso era dado em etapas. Dessa forma eu poderia frequentar as aulas teóricas e deixar as práticas para mais tarde, quando conseguisse juntar mais algum dinheiro. Foi o que eu fiz. Fui aprovado com notas muito boas nas aulas teóricas, mas tive que adiar as práticas. Depois de muita negociação, eu e meu pai conseguimos um financiamento, um parcelamento especial, e eu finalmente criei asas! Lembro-me do meu primeiro voo como se fosse hoje! Meu pai saiu mais cedo do trabalho só pra me assistir! Foi maravilhoso, devo tudo a ele. Se não fosse por ele, com certeza eu não estaria aqui hoje.

— Seu pai deve estar muito orgulhoso de você.

— Ele não pode mais. Morreu sem ter tido chance de ver minha primeira manobra.

— Sinto muito. — disseram ambos, um de cada vez.

— Obrigado. Mas ele morreu feliz. Acho que o seu maior sonho era ver-me voar e fico feliz que ele tenha conseguido isso antes de morrer. Talvez ele não concordasse com o que eu faço agora, não é mesmo?

— Então por que você continua correndo riscos? Se você sabe que o seu pai não aprovaria isso?

— Eu não sei se ele aprovaria ou não. Mas, como eu disse, eu amo a aviação, e não é fácil sobreviver ganhando salário de piloto privado. É preciso buscar mais, eu estou consciente dos riscos, mas há outras pessoas que dependem de mim. Não posso decepcioná-las. Se eu morrer, ficarei para sempre no ar, estarei feliz, porque estarei onde eu sempre quis estar. Estou realizado com a minha profissão e com a minha vida.

— E quanto a sua mãe? O que ela pensa disso?

— Ela se preocupa, sim. Que mãe não se preocuparia? Mas ela respeita minha vontade e apoia minha decisão, porque ela, mais do que qualquer outra pessoa, me ama de verdade. E o amor verdadeiro é isso: respeito e liberdade.

— Por isso você nunca se casou? — arriscou Andrew.

— Pode ser que sim. Não necessariamente. Mas, mudando de assunto, vocês não anotaram nada do que eu lhes contei. Querem ou não uma entrevista?

— Oh... é... eu... — ninguém sabia como responder. Natália queria contar toda a verdade de uma vez, mas sabia que Andrew não aprovaria e nada lhe garantia ainda que o piloto não os expulsaria dali imediatamente, e ela ainda não tinha dito o que queria.

— Bem, fica apenas como uma conversa entre fãs e ídolo, — o piloto mesmo respondeu.

— Desculpe, é que estamos começando nossas carreiras agora, isso foi apenas um teste para o novo emprego, mas acho que não fomos muito bem, não é?

— Ah, é. Acho que acabaram de perder a vaga. Se a missão era arrancarem uma entrevista minha, podem se considerar desempregados. — Todos riram pelo tom de brincadeira do piloto — Vocês ficarão na cidade esta noite? Podem me dar o endereço do

seu hotel? Mandarei uma entrevista pronta, que deverá ser o suficiente para assegurar seus empregos.

— Oh, é claro. Aqui está o cartão com o endereço. Muito obrigado, senhor... — agradeceram e saíram. O tempo havia acabado. Natália ainda tremia, mal conseguia apoiar-se sobre as pernas. Andrew estava feliz, embora a ausência de cor e luz naquele homem o tenha assustado um pouco. Isso só poderia significar uma coisa: ou a sua hora estava chegando, ou Andrew ainda não aprendera a ler as auras das pessoas.

— Andrew, que história foi aquela de dar pra ele o endereço do hotel? Você acha mesmo que ele vai nos mandar uma entrevista completa? Pobre homem! Não me sinto bem por ter mentido pra ele! E se ele procurar a tal entrevista nos jornais e não encontrar nada? O que será de nós?

— O máximo que pode acontecer é ele pensar que a entrevista não estava boa e por isso, continuamos desempregados.

Ela não respondeu. Partiram de volta ao hotel, onde passariam a noite. Voltariam para casa na manhã seguinte. Natália relembrava a conversa e sentia-se idiota porque fizera tudo errado. Tinha planejado aquele encontro milhares de vezes e, no entanto, nenhuma única palavra saíra conforme o planejado. Mesmo assim valeu a pena. Ela se lembrava da voz suave dele, que também lhe parecera muito familiar, até mais do que a aparência e o sorriso largo e gentil. Reparou em cada detalhe, na fisionomia, em cada palavra escrita em seu uniforme, era até capaz de adivinhar a marca que o produzira. Agora, recriava a cena como ela gostaria que tivesse acontecido, como poderia ter agido e o que poderia ter dito, mas deixara de dizer. Tanto sacrifício para conseguir aqueles minutos em sua companhia e de nada lhe fora útil. Ela não conseguira e nem tentara convencê-lo de que aquilo tudo era uma grande loucura, que não precisava fazer aquilo... Ele antecipou-se, dizendo que outras pessoas dependiam dele. Seria a mãe? As crianças do tal orfanato? Era claro que sim.

Ela não pregou os olhos para descansar, conforme Andrew aconselhara. Ele que dormira o resto da tarde, agora sentou-se ao lado da cama de Natália, sem dizer uma só palavra, apenas pensando, e observando-a mais uma vez decepcionada. Ela mantinha o olhar distante, fixado na parede branca a sua frente. Estava tão concentrada em seus pensamentos, que quase não percebeu a aproximação de Andrew. Ele chegou a pensar que ela entrara mais uma vez em transe profundo, mas logo afastou a ideia, pois seus olhos estavam abertos e ela suspirava de vez em quando. Ele sabia exatamente o que ela estava sentindo, ele mesmo perdera as contas de quantas vezes no decorrer de seu caminho se sentira da mesma forma. Era uma sensação de fracasso misturado à impotência por não poder mais mudar o que já estava feito. E isso tinha um termo próprio: arrependimento. Arrependimento por ter feito ou deixado de fazer algo ainda maior e mais importante. Essa era uma grande dor, que todos carregavam ou iriam carregar algum dia na vida.

— Não fique assim, querida. Teremos outras oportunidades. Você terá tempo para pensar melhor sobre o que dizer na próxima vez e...

— Próxima vez? Você acha que vai haver uma próxima vez? Essa vez já foi um milagre, seria muita pretensão esperar que houvesse outra. Devo admitir que você teve sorte, Andrew, mas a sorte não sorri duas vezes...

— Nunca diga nunca, diz o ditado. Você está sendo pessimista e isso não é nada bom. O pensamento tem muita força, as palavras que dizemos também. Por isso é melhor começar a mentalizar seus desejos, os que você quer que se realizem e não os que você quer afastar. A mente pode funcionar mais ou menos como um ímã, pode atrair o que você pensar intensamente, sejam coisas boas ou ruins. Por isso é que às vezes ouvimos aquela famosa frase: “por que eu?” ou “por que tinha que acontecer comigo?”. Eu vou dizer o porquê: as pessoas tendem a pensar principalmente no que lhes causa medo. Isso é natural a todos os seres humanos. Alguém que teme sofrer

um acidente, por exemplo, se cada vez que entrar em um carro, mentalizar o acidente, pode atraí-lo para si, simplesmente porque pensou nisso com força, você entende? O universo conspira sempre em função dos nossos desejos. Os amores impossíveis tornam-se possíveis por isso. As paixões, das quais falamos outro dia, também podem ser um bom exemplo dessa força de vontade. A pessoa, quando apaixonada, fica mais forte que o mundo todo, porque ela deseja de verdade, e esse desejo geralmente resulta no alcance do seu objetivo. O seu avião é também um bom exemplo disso.

— Ele é?

— É sim, pelo que ele contou já deu para perceber isso. O desejo de voar e a paixão acabaram por levá-lo para o caminho que sempre almejava. Mas é lógico que só o pensamento não é o bastante. É preciso aliar pensamento à ação. E é por isso que eu acho melhor você sair logo dessa cama, vestir uma roupa bem bonita e sair comigo para jantar. Essa conversa já está me dando fome! — Natália riu, e foi arrumar-se para o jantar.

Andrew desceu até a pequena recepção, onde esperou pacientemente enquanto tentava puxar conversa com o recepcionista mal-humorado. De tanto insistir para que ele lhe falasse sobre os pontos turísticos da cidade, o rapaz abaixou-se atrás do balcão e reapareceu com um punhado de *folders* que entregou ao insistente hóspede. Depois sentou-se na banquetta alta atrás do balcão, enfiando a cabeça nos livros de registros. Andrew o deixou em paz. Dirigiu-se até uma pequena poltrona, colocada de propósito em frente à porta de entrada, carregando consigo todos os *folders* que mostravam os atrativos turísticos do lugar. O primeiro falava de um resort de alto padrão, recheado de atrações para turistas que gostavam de conforto e podiam pagar por ele. O segundo trazia fotos de um parque de esportes radicais, que reunia arvorismo, escaladas, trilhas, entre outras atividades que exigiam um bom preparo físico. Cada *folder* lido era descartado e colocado em uma pequena pilha que Andrew organizava em um canto do sofá.

Alguém acabara de entrar no hotel e estava sendo atendido pelo mal-humorado recepcionista à beira do balcão. Andrew não ergueu a cabeça para vê-lo ou sequer ouvir o que eles conversavam, até que uma única palavra do homem lhe chamou a atenção.

— Tem certeza de que são repórteres? Não me lembro de ter visto algum repórter por aqui. Também não anoto as profissões de cada hóspede nas fichas de registro do hotel e, infelizmente, não posso identificá-los para o senhor.

— Mas este cartão é daqui, não é? O endereço é este mesmo, eles têm de estar hospedados aqui. O senhor tem certeza de que não os viu?

—Ah, meu amigo, muitas pessoas entram e saem daqui todos os dias. Como eu poderia me lembrar de todos? Se o senhor soubesse pelo menos o nome de um deles, eu poderia procurar nas fichas de cadastro, mas sem isso é impossível.

Andrew ouviu o homem suspirar e lembrou-se imediatamente da promessa do piloto de enviar-lhes uma entrevista pronta. Virou-se para ver se era mesmo alguém do aeroclube, que poderia muito bem ter vindo entregá-la, mas o homem já caminhava para a saída e Andrew teve de interrompê-lo, ainda em dúvida se deveria ou não se identificar como repórter, ou apenas dizer que o conhecera nos corredores do hotel, e que podia entregar-lhe a encomenda. O homem deu meia volta, atendendo ao chamado de Andrew. Para sua surpresa, viu que ele não era nenhum dos membros do aeroclube e tampouco um dos organizadores do evento, mas o piloto em pessoa. Como pôde não reconhecê-lo pela voz?

Ele cumprimentou-o com um forte aperto de mão. Quando ia perguntar por Natália, a porta do elevador se abriu e ele olhou-a sem ter certeza se a mulher que dali saía era mesmo ela. Mas antes que pudesse perguntar, ela veio na direção dos dois, olhos fixos nos seus, cabelos esvoaçantes, que se emaranhavam com o vento que encanava da porta de entrada até o hall do elevador e inundava toda a recepção.

— Bem, eu trouxe o que vocês precisam. Aqui está uma entrevista completa, inédita, escrita por meus assessores de imprensa para ocasiões em que não tenho tempo para conversar com os repórteres, como vocês dois. Eu espero que seja o bastante para assegurar seus empregos.

— Ah, sim! É claro... vai sim...

—Vocês estão de saída? Posso convidá-los para jantar?

— Jantar? Bem... é... eu... — Natália não conseguia formar uma frase sequer. E também não sabia se deveria aceitar o convite. Era muita coincidência que ele tivesse vindo pessoalmente lhe entregar a entrevista e mais ainda aquele convite inesperado. Teria vindo de caso pensado? Ela não sabia e não conseguia organizar seus pensamentos, reunir os que faziam sentido e deixar de lado os que eram, de fato, sua imaginação satisfazendo seu ego.

— Na verdade eu já jantei, mas ia acompanhar Natália até um restaurante, porque ela ainda não jantou, sentiu-se indisposta depois da festa. Mas confesso que estou exausto, então se você prometer trazê-la de volta sã e salva...

— Andrew?! Eu...

— Não tem problema, querida. Pode ir tranquila, eu ficarei bem e aproveitarei para descansar. Vão e aproveitem o jantar. — olhou para o piloto, dando uma piscadela com um dos olhos — Vê se cuida bem dela, heim!

— Pode deixar, eu cuidarei! — respondeu ele no mesmo tom divertido, batendo continência para Andrew.

Natália tremia da cabeça aos pés. Sentia-se uma completa idiota, não conseguia dizer nada, apenas respondia ao que ele perguntava, o mais formalmente possível. Deveria ter recusado o jantar, mas Andrew a induziu de tal maneira que não teve como recusar. Teriam combinado tudo? Impossível! Andrew não ficara com ele um minuto sequer sem ela. Então por que ele viera? Tê-la-ia

reconhecido das vidas passadas, como era de se esperar? Se fosse verdade, ele não dera, e dificilmente daria, algum indício. Sentira-se atraído por ela? Não podia ser, no meio de tantas fãs... Mas, afinal, não era exatamente isso que ela quisera desde o princípio? Chamar a atenção dele, ter uma oportunidade como aquela que agora se apresentava diante dela, sem que tivesse precisado mover um músculo? Não deveria estar agradecendo aos céus por tê-lo posto em seu caminho justamente quando ela se preparava para desistir? Sim era isso que ela pensava, mas o nervosismo certamente estragaria mais essa oportunidade. Ela não podia explicar o porquê, mas estava sofrendo ao lado daquele homem. Sofria por que o amava. Um amor indescritível, capaz de atravessar todas aquelas vidas, e superar a morte. E agora, tendo-o tão perto, sentindo o seu cheiro, o calor do braço dele tocando no seu, olhando-o nos olhos sentia-se fraquejar.

Numa fração de segundo, viu-o morrendo diante dos seus olhos. Toda a dor, toda a agonia e a impotência tornaram à sua memória e ao seu coração bem como a vontade de nunca mais deixá-lo. Enquanto ele adiantou-se para escolher a mesa em que se sentariam, ela o observou atentamente, calça preta, camisa azul, casaco de lã, mas o mais importante, a sua marca, era o lenço que trazia no pescoço, de seda azul e verde com pequenos aviões amarelos estampados. Ela teve a nítida impressão de já tê-lo visto antes. Reviveu as cenas de regressão. Não. Não havia um lenço como aquele em nenhuma delas. Mas era muito familiar. Dentre todas as coisas, o que mais doía era o seu sorriso. Espontâneo, sensual, perfeito. Ela sabia que aquele sorriso ficaria marcado nela para sempre, e como lhe restava tão pouco tempo, não seria o suficiente para esquecê-lo.

Sentaram-se. Ele escolhera uma pequena mesa em um canto reservado, onde teriam mais privacidade e menos barulho para poder conversar. Olhos nos olhos, mais uma vez. Natália desviava o olhar. Doía, e ela não queria que ele visse aquela dor. Ela ansiara tanto por esse momento, tanto que nem ousara pensar nele dessa

forma, como estava acontecendo. Ele escolhera o vinho, mas para ela, pedira também água mineral, caso não bebesse. O garçom enchera as duas taças. Ela, impulsivamente, bebeu o vinho de uma só vez. Ele se surpreendeu, achou curioso e sorriu mais ainda. O garçom encheu-lhe a taça novamente, mas agora ela sequer a tocou, envergonhada pelo ato anterior.

— E aqui está. — disse ele apenas, esticando o braço sobre a mesa, estendendo-lhe um envelope branco. Ela olhou-o sem entender. Ele explicou de que se tratava, *seu emprego*, mas ela nem pensara nisso, não recordava da mentira, tão emocionada estava.

— Vamos, abra e leia. Quero que me diga o que achou. Tentei fazer algo diferente, o mais exclusivo possível. Queria lhe garantir a vaga no jornal.

— Oh! Obrigada, eu nem sei como agradecer...

— Então não agradeça. — respondeu ele, mais um largo sorriso no rosto. Ela abriu o envelope, não estava lacrado ou colado, retirou as duas folhas, digitadas, mas cheias de observações manuscritas, acrescentadas por ele para garantir a exclusividade da entrevista. Leu-as devagar, tentando prestar atenção a cada palavra, principalmente às que ele escrevera de próprio punho, porque acreditava que um pedaço da sua alma estava se revelando a ela naquelas linhas. Ela mesma mantivera um diário durante alguns anos da adolescência, mas desistira justamente porque pensava que quem o lesse conheceria sua alma e poderia sentir qual era sua verdadeira essência, assim como ela decifrava as almas dos escritores aos quais lia e conhecia o seu âmago. Por mais distintas que pudessem ser as obras de um mesmo escritor, a essência era sempre a mesma e sempre um pedaço da alma ficava presa em suas palavras.

— E então, o que achou? Dá pra segurar aquela vaguinha no jornal?

— Oh! Sim... está muito boa... está ótima...

— Que bom! Não se esqueça de me enviar um exemplar do jornal, heim!

— Mandarei. — disse ela apenas. A cada palavra dele, a cada insinuação, a mentira pesava na alma de Natália. Como desejava contar-lhe toda a verdade de uma vez. E se fizesse isso, agora mesmo? Estava certa de que, quanto mais o tempo passasse, quanto mais ela demorasse pra contar a verdade, menor seria a chance de ser perdoada por ele. Agora ele não sofreria tanto, apesar de uma mentira ser sempre uma mentira, mas se a amizade perpetuasse, como ela gostaria, então seria doloroso descobri-la. Por outro lado, seria bem mais fácil para ela contar-lhe toda a verdade sob o disfarce de repórter. Poderia dizer que a vaga que pretendia era em uma revista exotérica e que, por isso, precisava interrogá-lo sobre suas crenças religiosas. Ele contaria algo que a ajudasse a encontrar o caminho certo, o ponto de que ela precisava para despejar a verdade sobre ele, finalmente. Era uma ideia meio idiota, mas ela não tinha muitas opções.

— Eu poderia acrescentar mais algumas perguntas ao questionário, se permitir. Na verdade a vaga pela qual estamos disputando, não é exatamente em um jornal, mas sim em uma revista semanal. Uma revista exotérica.

— Exotérica? E o que uma revista exotérica pode querer saber de mim?

— Ora, você desafia a morte todos os dias naquele avião. É normal que as pessoas queiram saber o que pensa sobre a morte e depois dela.

— Então tá! Eu penso que depois da morte nós viramos pó, poeira mesmo. Não acredito nessas historinhas de céu e inferno que nos contam desde crianças. Eu acho que o importante é o que fazemos aqui na Terra mesmo, enquanto ainda podemos. Depois não há mais nada. Só o vazio.

— E, se alguém pudesse lhe provar que está enganado? Se lhe provassem que esta não é a sua única chance aqui na Terra, se lhe mostrassem que já houve muitas outras chances pra você?

— Não acho que seja possível. É claro que eu já ouvi falar em espiritismo, é a isso que se refere?

— Não exatamente. Refiro-me a regressões. Feitas em consultórios, com profissionais especializados e não em centros espíritas.

— Profissionais *espíritas* especializados, é o que quer dizer.

— Não necessariamente. Falo de ciência, não de religião.

— Ciência? Mudou de nome, então? Perdoe-me, não quero parecer grosseiro, mas não tenho nada a acrescentar a sua entrevista, senão algo sobre o meu trabalho. Eu realmente não gosto de falar em assuntos religiosos, realmente respeito a opinião e a escolha de cada um, mas isso não é para mim. Então creio que não poderei ajudá-la. Nem vida pessoal, nem religião. Apenas trabalho, se lhe for útil.

— Certo, entendi. Mas nem ao menos extraoficialmente, apenas para matar minha curiosidade?

— O que me garante que não vai publicar?

— Se eu lhe contar um segredo, você o guardará para si? — ele fez que sim com a cabeça — Eu não sou, nem nunca fui repórter. Não estou disputando vaga em revista alguma. Desculpe.

Ela estremeceu ao pensar que acabara de perder a confiança recém-conquistada. Mas o vinho fizera efeito e ela não pôde se conter. De qualquer forma, estava escrevendo o seu destino, optara pela verdade. Agora estava pronta para arcar com as consequências. Ele a expulsaria? Não, porque era educado demais para isso, um verdadeiro cavalheiro. Mas quem sabe abreviasse o jantar e se despedisse para sempre. Natália sentiu uma pontada no peito, não podia perdê-lo logo agora que o encontrara. Estava disposta a fazer

o que fosse preciso, implorar, ajoelhar-se a seus pés, estava beirando o desespero. Insistiria e o seguiria pelo resto da vida se fosse preciso, até que ele acreditasse na verdade que ela revelaria. Esperou uma resposta, mas ele apenas bebeu um grande gole de vinho, empurrando a verdade goela abaixo.

— Eu vim até aqui por outro motivo... — Ele nada dizia ou perguntava, apenas olhava-a nos olhos. Agora sem o embaraço inicial, mais solta e verdadeira, continuou — Tenho o segredo durante algum tempo, talvez não tenha percebido. Mas nunca consegui chegar nem perto. Então Andrew teve a ideia de fingir que éramos da imprensa. Foi a única maneira que encontramos, pelo menos parecia ser a única que fazia algum sentido. Você deve estar pensando que sou uma daquelas fanáticas malucas que o esperam e o seguem por aí, mas lhe asseguro que não sou.

— Eu não havia pensado nisso — ele disse, em fim, aliviando-a, porque nada era pior do que o silêncio — mas isso seria mais plausível. Agora você está me assustando. Não tenho medo das garotas que me seguem por todos os lados, como você disse, elas são inofensivas, são adolescentes desesperadas, que ainda não sabem o que é o amor e que apenas confundem admiração com amor. Elas gostam do meu trabalho e sonham comigo, mas é só isso. O máximo que podem fazer é arrancar alguns autógrafos e algumas fotografias junto comigo. Quem sabe alguns beijos? Mas nunca passou disso. Mas você é diferente. Uma mulher, não uma adolescente desesperada. Não que eu nunca tenha tido fãs mais maduras, nem que eu a esteja chamando de velha, absolutamente, mas você é diferente. O que quer de mim?

— Eu quero que você... — ela ia pedir que parasse de voar, mas lembrou-se do que ele dissera lá no hangar, horas atrás, do amor que sentia, da necessidade de outras pessoas, não seria justo — Eu quero que se cuide. Temo que algo muito ruim lhe aconteça.

— Algo ruim? Minha mãe teme também, mas eu a entendo porque ela é minha mãe. Mas você é uma desconhecida! Veio de tão

longe pra pedir que eu tome cuidado? Por quê?

— Porque temos algo em comum. Embora você não acredite, compartilhamos algumas vidas. Eu sei que você deve estar pensando que sou louca, mas eu sequer sabia que você existia, quando descobri que me resta pouco tempo de vida. Então procurei tratamento, por causa de um pesadelo que me afligia, e ainda aflige, há meses. Fiz várias regressões e você estava lá.

— Eu? Tem certeza? Você pode ter me visto por aí e associado a minha imagem à pessoa que viu, não pode? Pode ter ficado impressionada com as minhas manobras e pensado em mim durante as regressões, certo? Tem muitas explicações racionais para isso. Você não tem como afirmar se realmente era eu, tem?

— Olha, eu sei que é difícil, é inacreditável. Na verdade eu nem sei por que estou lhe contando essas coisas. Eu acho que é melhor eu ir embora. Desculpe, mais uma vez. — disse ela, secando mais uma vez a taça com o vinho. O garçom tornou a enchê-la.

— Não, de maneira nenhuma! Já que veio até aqui para isso, não permitirei que volte sem terminar de me explicar essa história toda!

— Eu estou enganada, com certeza. Como posso tê-lo reconhecido, se nunca saí da minha cidade natal, e se você só esteve lá uma única vez, e foi recentemente? Eu devo estar mesmo ficando louca, mas eu vi você passando em frente à sorveteria, a única sorveteria do centro da cidade, alguns dias antes do espetáculo. Acho que era outra pessoa... Mesmo assim, eu o associei a você e acabei reconhecendo-o como o homem com quem eu sonhei durante todas aquelas noites consecutivas, não é espantoso? Então comecei a gastar todo o meu dinheiro, o dinheiro que guardei com muita dificuldade para ajudar a minha família, procurando aquele homem, para tentar salvar-lhe a vida, porque eu o amo, porque não suportaria perdê-lo mais uma vez! — ela já não sabia se estava sendo irônica com ele, ou se queria mesmo acreditar que estava ficando maluca. Seria bem melhor se ela se convencesse que

se enganara e pudesse sair da frente dele, voltar para casa, cuidar da sua saúde e esquecer aquela loucura. Uma lágrima brotou no canto dos olhos. Ela levantou-se, tonta pelo vinho, dirigiu-se à toailete para se recompor. Ela estragara tudo, mas de certa maneira, seria melhor assim. Voltaria para a mesa, pediriam o jantar e depois se despediria dele, por mais que lhe doesse. Estava decidido.

— Eu estive mesmo em sua cidade antes, para negociar os termos contratuais. Lembro-me de ter caminhado pelo centro da cidade e vi sim, um casal se divertindo na calçada da sorveteria. Era você! É verdade o que disse? — perguntou ele, para sua surpresa.

— Verdade? Eu já nem sei. Queria muito que não fosse verdade. Preferia que não passasse de um sonho. Se eu pudesse desfazer o passado...

— Não falo do passado, falo do presente. É verdade o que disse?

— O que eu disse? Que tenho muito pouco tempo de vida? É verdade sim.

— Não isso. É verdade que me ama? Você viajou até aqui, fingiu ser repórter para poder falar comigo, correu todos os riscos para me pedir que tome cuidado?

— Bem... eu ... eu... — ela balbuciou encabulada com a pergunta tão direta. Fez que ia levantar-se para ir embora, mas para sua surpresa, ele segurou-lhe o braço, impedindo-a de sair. Ela sorveu a terceira taça de vinho. Acomodou-se tentando relaxar.

— Conte-me tudo desde o início, — pediu ele — quando tudo começou.

— Como disse, eu tinha sonhos estranhos há muito tempo... — ela contou-lhe tudo. Desde o primeiro pesadelo, até este jantar. Contou tudo, alternando as palavras e os goles de vinho. Já estava praticamente embriagada e, quando o garçom tentou encher-lhe a taça novamente, foi impedido pelo piloto, e trocou-a por uma taça

bem maior, desta vez cheia de água. Ela não protestou. Continuou a contar cada sensação, cada sentimento, cada paisagem que vira nas seções de regressão, inclusive sugeriu que ele procurasse o terapeuta/hipnólogo também. Chorou, sorriu, tornou a chorar. Finalmente, contou-lhe do medo que tinha de perdê-lo, de vê-lo morrendo mais uma vez e de não ter tentado impedir. Falou do seu egoísmo, porque na verdade, preocupava-se com a dor que sentiria e nunca com a dor que seria para ele deixar de voar. Segurou-lhe as duas mãos e beijou-as. Ele não tentou impedi-la, ela as apertava com força, como se não fosse mais soltá-lo, mas ele precisava escolher o jantar, visto que ela não estava mais em condições de fazê-lo, então afastou-lhe as mãos.

Era tarde, entraram na madrugada sem se darem conta. Ele teria um dia agitado, mas não podia deixá-la naquele estado. Depois de todo aquele vinho, era notável que não estava acostumada com bebidas alcoólicas, e o jantar não caíra bem. Ela mal conseguia manter-se em pé. Ele não ficara zangado, na verdade, achou graça. Chamou um táxi e levou-a consigo para o seu hotel, bem menos modesto do que o dela. Prometera que cuidaria bem dela e era isso que faria. Deixou uma lista com alguns remédios na recepção e pediu que os comprassem e entregassem no seu quarto. Subiram pelas escadas, ela dissera estar enjoada e o elevador poderia fazer com que piorasse. Ela foi direto ao banheiro. Precisava pôr para fora o que lhe fizera tanto mal. Ele insistiu para que tomasse um banho frio, ela resistiu, queria ir embora, mas finalmente ele a convenceu. Depois de algum tempo ela sentia-se melhor. Ele deitou-a em sua cama, teriam tempo para conversar pela manhã. Sentou-se na cabeceira do leito e observou-a, correndo os dedos pelos cabelos longos até que adormecesse.

O dia amanheceu e o sol brilhava, como na tarde anterior. Ele tinha de sair cedo, precisava consertar o motor do avião, pois havia uma agenda movimentada pelos próximos dias, não poderia ficar e esperar que ela acordasse. Providenciou para que lhe servissem o café da manhã no quarto e deixou um pequeno bilhete ao lado do

travesseiro, pedindo que o esperasse. Antes de partir, olhou-a mais uma vez, tendo quase certeza de que não estaria mais ali quando retornasse, e deu-lhe um beijo na face. Ela se mexeu, preguiçosamente, ainda entre o sono e a lucidez. Ele saiu antes que despertasse totalmente.

Natália pensou ter sentido o beijo, antes de abrir os olhos e ver que ele não estava mais ali, então se convenceu de que fora apenas uma impressão. Seus sentidos lhe pregando peças mais uma vez, o desejo falando mais alto do que a razão. Buscou na memória as lembranças da noite passada, não conseguiu reuni-las coerentemente. Lembrava-se de parte da conversa, até quando ela resolvera contar a verdade e começara a expor a dura verdade, depois disso apenas uma nuvem negra, um buraco vazio e um garçom enchendo a taça de vinho. O que fizera? O que dissera? Um frio percorria-lhe o estômago, enquanto imaginava tamanho fiasco. Não era definitivamente para ter sido assim, mas se não fosse, ela teria tido coragem? Não sabia ao certo, mas isso já não tinha mais importância. O que importava agora era a reação dele, o que teria feito? Olhou em volta, ainda não havia se dado conta de que estava despida. Passaram a noite juntos? Mais uma dor, desta vez mais aguda ainda, atravessara-lhe o peito, como uma lança a transpassar o coração. Se tivessem mesmo passado a noite juntos, isso acabava de vez com seus planos, então teria que ir embora, afastar-se dele de uma vez, evitando assim, o sofrimento que a perda de um causaria ao outro. E era sabido que a perda viria. Na melhor das hipóteses, ele não se acidentaria, mas isso não isolava o fato de que, mais cedo ou mais tarde, o aneurisma se romperia, e era ela quem teria que partir.

Virou-se na cama em busca do telefone, precisava ligar para Andrew o quanto antes, já que perderam o ônibus da manhã por causa do seu atraso. Ele deveria estar muito preocupado. Havia um pedaço de papel sobre o travesseiro ao lado. Natália tremeu, porque isso era típico dos amantes, e tudo o que ela não precisava agora era ter um caso. Desdobrou com cuidado a pequena folha e leu a

mensagem "O seu café da manhã será servido no quarto e as suas roupas serão entregues, limpas e passadas pela lavanderia do hotel. Há alguns remédios no quarto, caso precise. Por favor, não vá embora antes que eu volte. Beijos!" na qual ela reconheceu a caligrafia de imediato. Era maravilhoso ler cada uma daquelas palavras, maravilhoso e preocupante. Ou nada tinha acontecido entre os dois, e ele acreditara nela e pedira que esperasse para poderem conversar melhor, ou eles passaram a noite juntos e ele, cavalheiro que era, não quis dispensá-la ainda (ao menos antes de se despedir). De qualquer forma, seria um tormento esperar. Olhou em volta, além do travesseiro com o bilhete, viu que as roupas já estavam penduradas ao lado da cama, muito bem dispostas dentro de sacos de lavanderia. O café já estava em uma bandeja, posta no centro da pequena mesa de cabeceira, e ainda podia-se ver a fumaça saindo da xícara de porcelana, espalhando um suave aroma por todo o quarto. Agarrou o telefone, discou o número de Andrew, que atendeu prontamente ao primeiro toque.

— Andrew? Sou eu, desculpe-me por ontem à noite. Eu já estou indo pra aí, já comprou as novas passagens? Eu sei que devia tê-lo avisado ontem de que não voltaria para o hotel, mas bebi um pouco além da conta e... — ela falava sem parar e ele teve de interromper.

— Calma, calma, não se preocupe comigo! Ele me avisou que você estava no hotel dele e que estava tudo bem. Aliás, estamos tentando dar um jeito no motor do avião, sabia? Ele me deixou acompanhá-lo, agora há pouco, quando passou no hotel para me dar notícias suas pessoalmente. E então, como foi a noite? — perguntou Andrew em um tom de brincadeira, que sempre usava quando queria zombar dela.

— Ora, Andrew! Como poderia me lembrar, depois de tamanha bebedeira? — ela respondeu no mesmo tom — Mas acho que consegui o que queria. Conte a verdade. Era só o que eu podia fazer, não é? Agora só me resta esperar pra ver qual será a reação dele.

— E você ainda tem dúvidas quanto a isso? Ele está muito tranquilo, Natália. Contou-me que lhe deixou um bilhete, pedindo que o esperasse. Mas acho que, na verdade, só me trouxe com ele pra ter mais um motivo para encontrá-la mais uma vez. Ele sabe que não vai esperar por ele. E, se eu a conheço, não vai mesmo!

— É, eu já estou voltando para o nosso hotel. O que mais ele contou?

— Nada. O que mais haveria para contar?

— Eu não me lembro. Parece que apaguei tudo o que veio depois de eu despejar toda aquela história em cima dele. Pensei que nem me ouviria, na verdade estava esperando que me enxotasse ou que me achasse louca e fugisse. Mas não... ele ouviu tudo até o final, e ainda por cima, me trouxe pra cá. Agora eu não sei mesmo o que aconteceu...

— Se aconteceu o quê?

— Você sabe... Se aconteceu algo entre nós dois esta noite.

— Ah! Pode ficar tranquila. Ele me disse que velou seu sono durante toda a noite. Pelo jeito você capotou depois de um banho gelado, não é? Ele falou a verdade, eu sei porque vi a verdade nos olhos dele. Não aconteceu nada entre vocês.

Natália respirou aliviada. Seria melhor assim, desta forma ela poderia fingir que se lembrava de tudo. Então agora, por que não fazer o oposto do que ele pensara? Como Andrew comentou, ele o levava porque sabia que ela iria embora, mas e se não fosse? Podia ficar e surpreendê-lo, mudar o destino, provar que era diferente da louca que ele conhecera no dia anterior. Olhou o relógio, constatou que dormira mais do que gostaria. Estava quase na hora do almoço, e ele deveria estar chegando para buscá-la. Saber que, se ela não estava no seu hotel quando levasse Andrew de volta, teria ficado a sua espera. Não a deixaria esperando por muito tempo. Levantou-se e foi para mais um banho, só que desta vez, com uma gostosa água morna. Vestiu-se, passou um pouco de batom, a única maquiagem

que carregava na bolsa, e que não seria o suficiente para disfarçar as olheiras e os sinais da ressaca. A cabeça doía um pouco, mas ela encontrou o remédio sobre a mesinha de cabeceira, serviria para aliviar os sintomas causados pelo excesso de vinho.

Depois de pronta, sentou-se aos pés da cama e esperou pouco mais de dez minutos até que a porta finalmente se abrisse. Ele vestia uma calça esportiva e uma jaqueta, usava um boné com seus emblemas bordados em verde musgo, que combinava com seu macacão de piloto. Estava igualmente lindo, e sorria ternamente para ela, que desviava o olhar, envergonhada. Mostrou-se surpreso por encontrá-la, mas parecia satisfeito. Ela nem precisava esperar ele falar, já podia ouvir a voz macia, que parecia conhecer há anos, era uma das suas mais fortes lembranças. Perguntou se estava sentindo-se melhor, se tomara os remédios, o café que ele lhe deixara. Banalidades que eram demais importantes para ela, significavam que ele se importava. Talvez não exatamente com ela, mas com as pessoas, que havia algo muito humano nele, um amor muito maior do que ela imaginava, o amor que ele nutria pela vida. Teria agido assim com qualquer pessoa? Ela tinha certeza que sim, porque via o amor brilhando nos olhos dele.

— E então? Vamos almoçar? — perguntou finalmente. Ela insistiu que não estava com fome e que ainda não se recuperara completamente da bebedeira da noite anterior, e ele então sugeriu que pedissem algo para comer ali mesmo.

— Será até melhor, teremos mais tempo e privacidade para conversar. Vou pedir alguma coisa para nós dois.

— Oh, não se preocupe comigo, eu...

— Você precisa se alimentar, ou este mal-estar não vai passar. Pode deixar que pedirei algo bem leve pra você. Garanto que depois de comer você se sentirá muito melhor.

— Está bem. — aceitou ela, e procurou mudar logo de assunto — Como foi a sua manhã? Conseguiu dar um jeito no motor do

avião?

— Na verdade, não. Mas já chamei uma equipe especializada para cuidar dele. Creio que em breve estarei no ar de novo. Levei o seu amigo Andrew comigo, achei que ele gostaria de dar uma olhada no avião, de perto. Ele ficou empolgado, disse-me que até arriscaria uma voltinha comigo por aí! E você?

— E eu o quê?

— Também arriscaria dar uma voltinha comigo?

— Se dependesse de mim você jamais entraria naquele avião. — disse ela baixinho. Ele não respondeu, sabia que ela não tivera a intenção de magoá-lo, mas mesmo assim o fez. Ele estava acostumado a ser admirado, sentia-se amado cada vez que voava e ela era a primeira pessoa que ia contra o seu trabalho. Talvez por isso ele a via de maneira diferente das outras pessoas, talvez esse tivesse sido o principal motivo pelo qual ela estava ali agora. Qualquer uma de suas fãs, por exemplo, não teriam tido a menor chance de receber dele um convite para um jantar, muito menos de passar a noite em seu quarto. Ela, no entanto, conseguira mais do que isso. Chamara a atenção dele de uma maneira totalmente nova e desconhecida, que ele não acreditava ser uma ligação espiritual, ou uma herança de outras encarnações, e que não podia ainda explicar o que era. Nem sabia direito se acreditava ou não em vida após a morte ou qualquer outra filosofia religiosa. Não era mesmo muito apegado à religião, ao menos não da forma como era imposta nas igrejas. Para ele a religião consistia apenas no amor e no bem. O amor que pudesse sentir pelos seus semelhantes e o bem que pudesse fazer a eles. Esse era o seu Deus e não havia espaço para as demagogias das igrejas e suas promessas impossíveis de eternidade e paraíso.

— Perdoe-me, eu não quis dizer isso.

— Mas é isso que você sente. Podemos conversar mais uma vez sobre tudo o que me contou ontem? Desde o princípio. Por favor,

não me leve a mal, mas ainda não entendi muito bem o que exatamente aconteceu com você.

— O que eu lhe disse ontem? Não me lembro de quase nada.

— Assim é melhor, então me conte tudo desde o começo. O que aconteceu?

— Tem certeza? Você não acha que eu sou uma maluca? Ainda quer ouvir tudo de novo?

— Não, eu não acho que você é maluca! — respondeu ele, sorrindo lindamente para ela, mais uma vez, daquela maneira que a fazia estremecer dos pés a cabeça — Ou talvez seja, quem sabe? Mas o que eu sei é que ninguém viajaria tantas horas apenas por loucura, ou brincadeira. Sei que é muito importante para você o que tem a me dizer. Eu não estaria sendo sincero se dissesse que acreditei no que ouvi ontem, sequer entendi, e é por isso que lhe peço que comece do início mais uma vez. Eu quero entender. — Ele parou por um instante, tocando a mão dela e segurando-a entre as suas — E quero ficar mais um pouco com você...

Das cartas de Natália,

Queria escrever um conto. Um conto de fadas. Eu te encontraria em uma tarde de sol, os meus cabelos castanhos em uma longa trança roçando o vestido de algodão. Tu, um príncipe em vestes verde-musgo, sorriso estampado no rosto e um coração enorme com o qual me acolherias. Eu veria o teu olhar cintilando na multidão que se arrastava para te ver. Todos querendo te tocar, guardar uma imagem de ti, ou simplesmente, ver-te de perto. Eu estaria mirando-te ao longe, mas tu repararias em meu olhar malicioso e fixarias teus olhos nos meus, sem cerimônia. Caminharias devagar em minha direção e, abrindo espaço entre as pessoas, tomarias minha mão e me convidarias para seguir contigo. Eu ficaria atrapalhada, não saberia o que fazer, mas não poderia recusar tal convite. Andaríamos juntos, então, até a tua carruagem esplêndida e embarcaríamos para a mais emocionante tarde de nossas vidas. Termos um ao outro bastaria. Não precisaríamos de muito mais que isso para sermos felizes.

Tu nunca mais terias que ir embora, minha doce e adorável fênix. Ficaríamos juntos eternamente, soltos no ar como eu sei que tu gostarias. Não te afastarias de mim, continuarias a conquistar a todos com tua alegria e a felicidade que proporcionas àqueles que têm o privilégio de ver-te, de tocar-te. E então, meu lindo príncipe, amansaríamos a fera que há tanto tempo te persegue. Tu protegerias a mim e eu cuidaria de ti sem limitações. E assim nada de ruim poderia nos alcançar. Quem sabe pudéssemos alterar teu trágico destino? Mas sim, tu terias que ter ido embora como o herói que eras. E nenhum herói acomoda-se em sua própria felicidade, trabalha para levar felicidade aos demais, exatamente como tu fizeste. Vejo que mesmo em um conto de fadas eu não poderia ter mudado a tua história, visto que a tua vida sempre foi um conto de fadas como este, ainda que eu estivesse muito longe e só agora tenha conseguido unir-me a ti.

A ligação entre as almas não pode ser interrompida, por isso sinto-te presente, muito perto de mim. Nós somos parte de um único todo e meu corpo sofre por ter perdido parte da alma. A parte que vivia em ti, minha ave. Agora eu vejo esta verdade, clara como o dia. Imagino que tu te tornaste um anjo de luz e que me libertas das amarras que há tanto tempo prendem a minha existência. Estarás tu, zelando por tua metade? Rogo por isso o tempo todo! Querendo ou não, tu me salvaste. Ainda que esta ideia jamais tenha passado em tua mente, mesmo que fosse apenas uma sombra escondida no canto mais profundo do teu coração. Serei eternamente grata. Poderias ter fugido do perigo que te rondava? E se tivesses agido de outra forma, eu ainda estaria aqui para escrever estas tristes palavras? Eu não posso responder a esta indagação por ti, fênix. Mas queria que tu me dissesses o que viste. Sentiste medo naquele instante eterno? Agora podes consolar-te em minha existência, se é que isso te acalma.

Consola-me saber que um dia nos veremos novamente. Tu virás me buscar quando chegar a hora? Não me apresso em querer seguir até tua morada celestial fênix, mas não há tempo e tão pouco espaço, onde tu estás. Então conta-me o que vês agora! Não haverá mais dores ou sofrimento em teu caminho, pois tu és luz, retrais as trevas e por isso me inundas de amor e inspiração.

DÉCIMA QUARTA LIÇÃO – O Pássaro Ferido...

— Então foi assim que me encontrou? Nossa, que coisa! É realmente incrível!

— Você acredita em mim?

— Eu não posso dizer nem que sim, nem que não. Acredito que você tenha sentido essas coisas, que tenha me associado ao homem dos seus sonhos, mas não sei se eu sou mesmo quem você procura.

— Mas eu sei que é você! Como eu já disse, soube desde a primeira vez que o vi! Eu nunca tinha reparado em nada relacionado a você ou a sua profissão, nada que pudesse ter-me induzido a imaginar essas coisas. Nenhuma imagem, antes de ver os cartazes do seu show em minha cidade, o que aconteceu somente depois daquele dia na sorveteria, nenhum avião que tenha me impressionado, nada! Como eu poderia ter certeza? Mas eu a tenho! E é por isso que te peço, que te imploro que pare com toda esta loucura, enquanto ainda há tempo!

— Deus do céu, isso não é tão simples assim! Você não tem o direito de aparecer na minha vida, do nada, e simplesmente me pedir para abandonar a minha própria vida! Sim, porque voar é a minha vida, é isso que eu mais amo. Como eu poderei abandonar tudo isso por causa de um... de um... presságio?

— Eu não sou vidente, e não tenho presságios, e ainda que tivesse, de que adiantaria se não posso transferir a minha certeza para dentro do seu coração? Se você soubesse o quanto isso é importante para mim! Eu tenho tão pouco tempo de vida, se eu pudesse fazer um único pedido, e se eu tivesse a certeza de que esse pedido seria atendido, eu lhe pediria para não voltar lá para cima!

— Um pedido egoísta. Isso não é prova de amor, é prova de egoísmo.

— Como pode chamar de egoísmo querer salvar a vida de alguém que...

— Alguém que...?

— Alguém que é tão importante. Alguém a quem eu amo!

— Você não pode me amar, porque não me conhece. Você ama o que pensa de mim, a minha imagem, o que você fantasiou sobre mim. Não ama o que eu sou, quem eu sou. Se amasse, entenderia e aceitaria o que eu faço.

— Mas eu entendo, e aceito, mas não posso ficar parada perante a tragédia que se anuncia! O que você faria se estivesse no meu lugar?

— Eu procuraria saber primeiro qual seria o seu desejo, depois formaria uma opinião minha. Teria de conhecê-la antes de sair por aí fazendo juras de amor.

— Então me diga qual é o seu desejo! Deixe-me conhecê-lo melhor!

— Eu estou deixando. Eu a trouxe para o meu quarto, para a minha vida. Cancelei todos os meus compromissos da tarde para ficar aqui, conversando com você. Deixei o meu avião, a minha vida, nas mãos de outras pessoas, para ficar aqui com você. Mas o meu desejo é voar! Você não entende? Eu sou um pássaro selvagem, não posso ser feliz se me tirarem as asas, nunca poderei viver em uma gaiola!

— Mas você já voou o bastante, bem mais que o necessário, eu diria. Será que não é chegada a hora de parar? E se isso custar a sua vida?

— Eu não posso parar, mesmo que isso me custe a vida. Eu prefiro ter um destino breve e feliz, a um longo e infeliz. E eu não

serei feliz em terra firme, só nos céus! Isso é a minha alma! A técnica e a força são o corpo e a arte é a alma. Quando eu voo e uno as duas coisas, estou tornando-me pleno. Aqui em baixo eu sou só corpo, lá em cima eu sou corpo e alma. E sou livre! Livre de uma maneira que não posso explicar, pois não existem palavras capazes de expressar esse sentimento de liberdade verdadeira! Infelizmente, eu também não posso transferir esse sentimento, essa certeza, para você, ou para qualquer outra pessoa. Mas, afinal, não é essa mesmo a beleza dos sentimentos? A beleza de podermos senti-los e não expressá-los em palavras, e não é exatamente por isso que eles são tão belos, por serem únicos e próprios de quem os sente?

— Mas também há plenitude em outros aspectos da vida, talvez você apenas não tenha descoberto isso ainda. No amor, por exemplo e na paixão. Eu acho que você nunca deve ter amado alguém, não é mesmo? E não estou falando do amor que sentimos pelos nossos pais, pelos nossos irmãos, porque esse é um amor que nos é imposto pela própria natureza, mas falo de outra forma de amor, o amor que sentimos por alguém que não tem o nosso sangue, alguém que elegemos para amar, não por obrigação ou instinto, mas por nossa própria escolha. Lá em cima pode ser lindo, mas é solitário. O seu voo, por mais belo que possa ser, você o faz sozinho. Liberdade e, principalmente, felicidade não estão relacionadas à solidão, mas ao que você pode compartilhar com as pessoas que ama. De que adianta você se tornar pleno, se isso significa estar plenamente sozinho?

— Eu não estou sozinho. Eu tenho as minhas crianças. Não costumo falar disso, mas como você não é mais repórter, acho que posso abrir uma exceção para que possa me compreender melhor.

— As crianças do orfanato das quais Andrew comentou outro dia?

— É, mas não funciona exatamente como um orfanato. Por mim eu teria adotado cada uma delas como meus filhos, mas não pude por questões legais. Elas não são crianças esperando por adoção,

elas estão comigo e ficarão comigo até atingirem a maior idade e poderem se estabelecer sozinhas. Eu mantenho-as em um abrigo, porque não tenho espaço suficiente na casa de minha mãe, que é onde eu vivo. Eu lhes dou alimento, agasalhos e educação. Só quero que elas tenham um futuro, o que muitas não teriam se não estivessem comigo. Acho que muitas já teriam morrido, se eu não as tivesse encontrado. Algumas foram tiradas de situações muito, muito críticas, com pais dependentes de drogas que as espancavam, por exemplo. Eu lutei muito por elas e posso lhe assegurar que cada uma foi eleita para o meu amor, conforme você mencionou. E é por elas também, que não posso abandonar o meu trabalho, você entende? Com o salário de instrutor, ou de piloto comercial, ou de qualquer outro trabalho que eu possa ter, não poderia manter nem metade daquelas crianças. Eu jamais os abandonaria, são todos meus filhos, e eu os amo como se fosse seu pai.

— Mas você pode conseguir ajuda, eu mesma poderia conseguir algumas doações e ajudá-lo pessoalmente a tomar conta das crianças. Aposto que não seria difícil arranjar donativos mensais o suficiente para bancá-los.

— Não, essas crianças são minha responsabilidade, só minha. Eu devo isso à memória da minha filha, sabe, eu tive uma filha. Ela morreu muito cedo, quando ainda era apenas um bebê. Eu me culpei por isso durante muitos anos, mas acabei me conformando. Eu imaginei que tudo estava acabado quando a perdi, que não tinha mais por que continuar vivendo. É uma dor indescritível, nenhum pai deveria perder um filho assim, mas como o tempo é o melhor remédio, eu acabei por me conformar. Porém há feridas que nunca saram, apenas criam cascas que às vezes são arrancadas pelas dolorosas lembranças que insistem em aparecer quando não precisamos mais delas. Foi em um desses dias, quando essas tristes lembranças se apossaram de mim, que eu decidi abandonar tudo de vez. Peguei o carro e sai em disparada, correndo sem rumo, segurando uma garrafa de álcool e um maço de fósforos e crente de que se eu conseguisse chegar vivo a algum lugar deserto, poria fim

a todo aquele sofrimento. Então Deus apareceu para mim, como que para me mostrar o tamanho do meu egoísmo, e pôs uma nova vida sob meus cuidados. Uma criança, um bebê lindo! Parei em um posto de gasolina, para abastecer e comprar algo bem forte para beber, quem sabe eu tivesse sorte e, dirigindo embriagado, conseguisse despencar com o carro em uma ribanceira qualquer. Guardei as compras, mas antes de entrar no carro, tive a ideia de entrar no banheiro para ver se encontrava um espelho, ou algum objeto para cortar os pulsos. Quando parei à beira da porta, ouvi um som estranho, quase um miado, que parecia vir de dentro do banheiro feminino. Aproximei-me, encostei o ouvido à porta e o gemido pareceu mais forte. Bati, perguntando se havia alguém ali, se precisava de ajuda. Nada. Na hora não soube o que fazer, pensei em chamar alguém, sei lá, pedir ajuda. Mas não fiz isso, empurrei a porta e entrei. O gemido agora parecia um choro, fraco, quase sem vida, mas um choro. E vinha de baixo dos balcões, onde os sacos de lixo ficavam embutidos no mármore e se viam apenas as entradas e uma seta que apontava na direção da lixeira. No mesmo momento, imaginei que alguma gata pudesse ter dado à luz ali, dentro da lixeira, escondida dos olhos humanos e aquecida pelos papéis e toalhas descartadas. Bem, já que não tinha nada a perder, podia muito bem adotar uma pequena ninhada de gatinhos, então puxei o saco de lixo para fora, mas parecia prensado, com um volume anormal e algo que enroscava na saída do balcão. Temi puxá-lo com mais força e machucar os pequenos animais recém-nascidos. Ergui o pesado tampo de mármore e finalmente o saco despencou no chão, deixando derramar seu conteúdo, muitos papéis molhados, e outro saco de lixo, muito bem amarrado, mas com um rasgão por onde escapava um pedaço de pano branco encharcado de sangue. Abri-o com cuidado, receoso. Acabei me deparando com um minúsculo bebezinho, uma menininha, tão frágil, tão gelada, ainda suja de sangue e o cordão umbilical aberto, por onde o sangue jorrou com força, quando o retirei do pano em que estava grudado pelo sangue coagulado.

— Deus do céu, como alguém pode ter coragem de cometer um crime desses? Ainda mais uma mãe, jogar um filho no lixo dessa maneira para morrer! Eu não a julgo. Não sei o que a motivou a agir dessa maneira. Mas a minha primeira reação foi sair correndo de dentro do banheiro, tentando ver se encontrava alguma mulher ainda por ali, alguém que pudesse ser a mãe daquela pobre criança. Mas a minha intenção não era de puni-la, mas ajudá-la. Não pensei no que a teria motivado, pensei apenas de que problema ela estaria fugindo, e desejei poder solucioná-lo. Não havia ninguém por perto. Então voltei lá e segurei a pequenina em meus braços. Enrolei-a na minha jaqueta e apertei-a contra o peito. Ela parou de chorar e olhou para mim com seus grandes olhos, como um pedido de socorro silencioso. Voltei para o carro, ainda incrédulo. O que eu poderia fazer? Entregá-la para o pessoal do posto, chamar a polícia? Olhei mais uma vez para aqueles olhinhos, implorando uma chance. Enquanto eu tentava perder a minha vida, aquela pequena criatura apenas esperava uma chance de viver, de amar e de sofrer, como eu tinha vivido, amado e agora estava sofrendo. Quem sabe aquela mãe quis acabar com aquela miserável vidinha para protegê-la da dor e do sofrimento que ela própria poderia estar enfrentando? Coloquei-a no banco da frente, ao meu lado e fui rápido para um hospital. Como você pode imaginar, o interrogatório foi enorme, levaram o bebê para receber cuidados médicos e me levaram até a delegacia para esclarecer o fato. Quase me prenderam. Um inquérito foi aberto e eu, que já estava há muito tempo sem trabalhar, comecei a passar a maior parte do meu tempo no hospital, cuidando da pequena, acompanhando o seu crescimento, sua evolução. Finalmente o seu estado de saúde melhorou e ela foi liberada do hospital. A polícia ainda não tinha pistas da mãe do bebê, então foi determinado que fosse levada ao orfanato público, onde aguardaria por adoção. Eu quase enlouqueci! Tinha acabado de perder uma filha e já queria me tomar mais uma! Então abri um processo, um pedido de adoção. Obviamente foi negado, porque havia uma longa fila à espera de um recém-nascido. Apelei para a segunda instância e depois a uma terceira, meu pedido mais uma vez negado. Mas enquanto isso, a menina ia e vinha de muitos lares diferentes, a

adoção era negada e a cada dia mais uma família se interessava por ela. E eu sempre ali, sempre por perto, tratando de espantá-los de perto dela. Pensei em alegar que ela era minha filha legítima, mas com os exames de DNA o máximo que eu conseguiria era pegar alguns anos de cadeia por mentir à justiça. O tempo foi passando depressa e a minha pequena cresceu e tornou-se uma mocinha. Os casais aos poucos iam perdendo o interesse nela, procurando apenas os bebês recém-nascidos e deixando a minha princesinha em paz.

— Então você finalmente conseguiu a adoção?

— Não. Nunca consegui, mas encontrei outra forma de ficar com ela. Mergulhei no trabalho, shows e mais shows, agenda apertada, o que me garantia dinheiro suficiente para montar uma estrutura e fundar uma espécie de creche. Não uma escola, mas uma moradia, um lugar onde as crianças pudessem viver e tivessem tudo de que precisavam, comida, roupas, escola, tudo em um só lugar. Em menos de um ano, estava tudo legalizado! Consegui uma autorização judicial e fui imediatamente buscar a minha princesinha, que a essas alturas, já me chamava de papai! Foi um dia muito feliz para mim, para nós dois. Passamos longos dias juntos, brincando, divertimo-nos, fizemos coisas que eu jamais imaginei voltar a fazer! Senti-me vivo novamente e ao mesmo tempo uma alegria estranha por não ter acabado com a minha própria vida! Então eu soube que muitas coisas boas ainda estavam por vir, que eu tinha muito o que viver, um objetivo e uma missão a cumprir. Abri os meus olhos, passei a enxergar uma nova realidade, que estava ali, tão perto, diante do meu nariz e eu simplesmente tinha ignorado até então. Passei a olhar para baixo, a observar as pessoas que me rodeavam, nem todos felizes, nem todos satisfeitos.

— Digamos que quando eu descobri a minha doença, aconteceu mais ou menos da mesma forma. Passei a ver o mundo com outros olhos, mas não no sentido de perceber as necessidades alheias, mas abri meus olhos para você. Foi apenas você que eu passei a enxergar e a minha própria necessidade de encontrá-lo. Confesso

que posso ter sido egoísta, mas assim como você descobriu a sua missão nessa vida, entenda que eu descobri também a minha. E a minha missão é você.

— Eu entendo, em parte, a sua determinação. Por isso estou contando tudo isto, a minha vida, para que você também possa entender a minha determinação. Descobri que existem coisas bem mais importantes do que a minha própria felicidade. Decidi viver o resto da minha vida suprimindo as necessidades alheias, daquelas pessoas que sofriam, que eu via chorando pelos cantos à espera de um milagre. Eu decidi que seria esse milagre na vida das pessoas. Mas logo vi que não podia resolver os problemas de todo o mundo, nem pensei que pudesse, então escolhi acolher as crianças apenas. Nessa altura, eu já tinha uma estrutura para atender vinte delas. Então escolhi as que vinham de situações mais críticas, que tinham menos chance de sobreviver, como as que possuíam algum tipo de deficiência, as que necessitavam de tratamentos de saúde, e as que tinham pais dependentes de drogas. Tornamo-nos uma grande família! Algumas já estão prestes a me deixar, mas dessa vez, não as perco para a droga, ou para a prostituição, porque é a vida que as leva. Estão me deixando para seguirem suas profissões, tenho até duas meninas prestes a se casar! E não pense que eu fui um pai relapso, nem um pouco, os futuros genros tiveram de me pedir a mão das meninas, como manda o figurino!

— Elas tiveram muita sorte em encontrá-lo!

— Na verdade, eu é que tive sorte! Porque encontrei um motivo para continuar vivendo, quando achava que tudo estava perdido. Minha percepção mudou de tal maneira que eu posso dizer que aprendi o que é o amor. O amor de verdade, como você me disse, a plenitude da vida que está também na vida dessas crianças. Eu também sou pleno quando estou com meus filhos e, sempre que tenho tempo, não desejo outra coisa, senão estar com eles.

— Viu só, esse é mais um motivo para que você repense as suas atitudes! Já é chegada a hora de parar de arriscar a sua vida,

por seus filhos! Pense neles, no desespero que seria para eles se o perdessem, imagine como poderiam sobreviver sem você!

— Mas, veja o outro aspecto de tudo isso, o que eu significo para eles. É possível que, se acontecer algo muito ruim comigo, se eu morrer, eles consigam sobreviver de doações, como você sugeriu. Sempre há pessoas interessadas em causas sociais, pessoas dispostas a ajudar, como você mesma se propôs há pouco, embora eu já tenha garantido recursos financeiros para todos eles caso eu venha a falecer, mas eu sou mais do que isso, eu sou a prova de que sonhos podem se tornar realidade! Sou um exemplo a ser seguido e eles fazem questão de me lembrar disso todos os dias.

— É modesto, também...

— Por favor, não me interprete mal, não estou querendo me gabar. Mas não deixa de ser interessante e inspirador que um garoto pobre como eu fui, tenha chegado aonde cheguei. E pelo meu próprio esforço, com muito sacrifício, com muito suor destas mãos calejadas que você vê agora. Não digo isso pela fama que conquistei, ou por eu ter conseguido ser um dos únicos civis que fazem esse tipo de voo, nem pelo dinheiro que ganhei e que ganho hoje, digo isso porque tenho orgulho de ser um lutador, um vencedor, apesar de todas as dificuldades que tive de enfrentar. Isso é importante para aquelas crianças, nutrir os sonhos, mostrar para elas que podem tudo o que quiserem, desde que trabalhem duro e se esforcem para isso. Os sonhos são mais importantes que o dinheiro, os sonhos nos tornam vivos e as realizações dos sonhos nos tornam felizes. Dinheiro consegue-se fácil, de uma maneira ou de outra, por um caminho qualquer. Sonhos não. Exigem muito mais esforço, muito mais busca, mais desejo. Se eu desistisse do meu sonho, isso significaria a morte para mim. Não do corpo físico, mas a morte da minha alma. Como eu poderia viver só de corpo, sem a minha alma? Tornar-me-ia infeliz, rabugento e ranzinza, um velhote frustrado. Não é o que quero ser, prefiro perder o corpo e deixar que minha alma vague livremente pelos céus por toda a eternidade!

Natália não disse mais nada, mas apertou a mão dele, olhando para os olhos que agora a fitavam curiosos, para o sorriso doce e meigo que ainda estava estampado naquele rosto e que parecia estar eternamente ali, independente do que acontecera ou do que acontecesse no futuro. Ela não compreendia como aquele homem, com uma história de vida tão sofrida, podia manter a serenidade que ele mantinha. Ela mesma em seu lugar, jamais teria sido capaz de superar os desafios que ele superou. Ela ainda tinha curiosidade em saber sobre a filha que ele perdera, mas não quis perguntar mais nada, uma vez que ele deixou bem claro que a ferida se fechara, já lhe bastavam as lembranças para fazê-lo sofrer, ela jamais o faria. Recordou-se dos pensamentos motivadores que teve quando acordou, no hospital, a sensação de liberdade plena, que poderia ser semelhante à liberdade a qual ele se referira. Ainda que ela estivesse usufruindo dessa liberdade, apenas pelo fato de ter tido a coragem de correr o mundo a buscá-lo ou por ter sido louca o suficiente para estar ali com ele nesse exato momento, e lúcida o suficiente para enfrentar o desafio com a determinação de uma condenada que anseia pelo seu último desejo. Mas ainda não estava saciada. Não alcançara o objetivo de fazê-lo desistir de toda a loucura de arriscar a própria vida, a loucura de continuar fazendo o que mais ama pelas pessoas que mais ama. E agora que estava tão perto do inalcançável, agora que tinha a oportunidade real de convencê-lo, de usar as suas táticas tão eficazes com os outros homens, já não tinha mais certeza se era isso que queria. Ele não seria mais o mesmo se ela arrancasse o sorriso de seus lábios, quem sabe trocando-o por lágrimas salgadas a escorrer pela face.

O objetivo era mais inalcançável agora do que nunca, não que ele não estivesse apto a seguir os seus conselhos, porque ela conseguiria ser eficaz se persistisse, e acabaria por convencê-lo, mas porque a dúvida se instalara dentro dela, o tumulto se apossara de seu ser, fazendo o seu coração pulsar sem saber qual seria a pior dor: perdê-lo precocemente ou tê-lo vivo e infeliz. Ele a julgara egoísta, e ela imaginara que ele jamais tinha perdido alguém a quem amava. Ambos estiveram enganados. Ela merecia ser

chamada mil vezes de impulsiva, mas o egoísmo não fazia parte daquela história. E ele... Ele não passava de um pássaro ferido, caído do seu ninho, desprotegido, embora fosse forte o suficiente para ter sobrevivido. E o mais intrigante naquele pássaro ferido, não era exatamente a sua força, era a calma que trazia consigo, a paciência que parecia ser a sua maior virtude. E o sorriso tranquilo, sempre nos lábios. Ela não pôde se recordar de nenhum momento que tenha olhado para ele, que não tivesse se deparado de imediato com aquele sorriso, terno e sereno, como se o céu estivesse sempre azul, sempre esperando por um de seus voos.

— Eu não posso me conformar... — confessou ela — Por mais que você tente, será impossível me convencer... Nada é mais importante do que estar vivo, nada é pior do que morrer...

— É sim, a infelicidade pode ser infinitamente pior do que a morte. E a felicidade e o amor são sentimentos além da vida. Cada um de nós traz um anjo e um demônio dentro de si. Se o anjo prevalecer na maior parte de nossas vidas, seremos felizes, mas se o demônio prevalecer, certamente só atrairemos tristezas e decepções.

— Um anjo e um demônio? Em você, notoriamente, o que prevalece é o anjo, dá pra ver isso no seu rosto. Acho que em mim prevaleceu o demônio.

— Não, esta não foi uma citação completamente literal, eu apenas quis dizer que todos nós somos bons e maus ao mesmo tempo. Mas como tudo o que fazemos acaba por voltar para nós, imagino que se o demônio prevalecer, cometeremos mais injustiça que justiça, mais maldades do que bondades, nós seremos infelizes, porque receberemos de volta as injustiças que cometemos e as maldades que praticamos. Ocorre deste jeito também com o anjo dentro de nós. Quando exercemos o amor, seja o amor imposto pela natureza, como você disse, ou o amor que nosso coração escolheu para existir, o anjo dentro de nós exalta-se, porque a pessoa quando ama é incapaz de deixar que o demônio se manifeste. Mas nós não somos feitos só de amor, não é mesmo? Nós somos feitos também

de outros sentimentos, de mágoas, de rancores, de afeto, de carinho, eu poderia citar mil sentimentos diferentes. E esses sentimentos se alternam dentro de nós, mesmo contra nossa vontade. Afinal, quem gosta de estar triste ou rancoroso, ou com raiva? Uma pessoa por melhor que possa parecer, também pratica maldades, e as pessoas que julgamos serem totalmente más, certamente também conhecem o amor. É inevitável que a vida aconteça dessa forma, essa é a ordem natural das coisas.

— Mas existem as pessoas que não têm, ou que não tiveram outra alternativa senão seguir o caminho da maldade. Como poderemos culpá-las, então? É isso o que vemos em nosso cotidiano, cada vez que saímos de casa para trabalhar, deparamo-nos com moradores de rua, jogados pelas calçadas, tremendo de frio, morrendo de fome. Alguns deles perdidos nas drogas, cometendo crimes. Então, como podemos julgá-los, se o demônio foi a única manifestação que conheceram?

— Isso não é verdade. Em primeiro lugar, não estamos julgando ninguém, e nem temos este direito, porque ele não cabe a nós. E depois, todo mundo tem sempre dois caminhos a seguir, por mais absurdo que possa parecer. O morador de rua, por exemplo, pode simplesmente deitar-se na calçada, passar frio, morrer de fome, ou pode simplesmente procurar um abrigo público, alimentar-se e dormir sob um teto. Ele tem essa escolha. Quanto às drogas, ninguém é obrigado a usá-las. Nem todos os moradores de rua são drogados, nem todos os sem-teto são bandidos ou viciados ou vagabundos, existem muitos, muitos mesmo, que são pessoas mais dignas do que nós dois, que sofrem, que trabalham, que tentam criar seus filhos em meio a tanta injustiça. E conseguem. E conseguem até melhor do que muitos ricos privilegiados. Há muitos exemplos disso por aí, nós é que não fazemos questão de enxergar, mas eles estão na nossa frente, basta olharmos. E olhar muitas vezes não é fácil, porque queremos ver coisas bonitas, queremos ver luxo, gente interessante e realizada, e não gente sofredora que luta, que batalha, não pessoas de carne e osso como nós; queremos ver

celebridades, semideuses da ignorância, porque isso sim é que é bonito.

— Semideuses, como você?

— Não como eu, mas como as pessoas me veem. Por que você acha que tantos fãs me seguem por onde quer que eu vá? É por causa da minha imagem, da personificação dos sonhos delas, realizando-os em mim. Você não faz ideia da quantidade de cartas que recebo diariamente, dos presentes que me enviam, principalmente as garotas, das juras de amor que recebo e que já recebi. Mas eles não são para mim, são para seus próprios sonhos. Como podem amar a um desconhecido? Tenho certeza de que se eu me casasse com qualquer uma delas, o romance estaria desfeito em menos de um ano, porque eu não sou um sonho, eu sou uma pessoa, cheia de compromissos, de responsabilidades, que não poderia passar os meus dias em função de uma única pessoa. O desejo que elas têm, é de me possuir, de possuir o que elas pensam que eu sou. De certo imaginam que eu seria um cavalheiro pronto para colocá-las na “garupa” do meu avião e sair por aí, rasgando os céus romanticamente com elas. Ou então que eu sou um príncipe (uma delas escreveu isso para mim), um príncipe dos céus, pronto para torná-las minhas princesinhas. Mas eu não sou nada disso. Sou uma pessoa como qualquer uma delas, cheio de problemas, e de sonhos também. Se me transformaram em um desses semideuses, isso é apenas um equívoco delas. Eu e qualquer outro, por que semideuses não existem de verdade e, mais cedo ou mais tarde, elas saberão disso.

— E quanto ao seu outro grupo de fãs? Os pequenos que hoje sonham voar, motivados pelo que você mostra para eles quando está lá em cima? Os que puderam assistir a uma de suas apresentações puseram na cabeça que serão como você.

— Ah, esses sim, são sonhos construtivos! Desses eu tenho muito orgulho, porque foi mais ou menos isso que aconteceu comigo! E eu sempre procuro dar o máximo de atenção para eles,

assim como eu inspiro as minhas crianças, espero ser a inspiração também destes meninos e meninas que admiram o que eu faço. Isso é completamente diferente, porque esses admiram o meu trabalho e já sabem que é preciso muito esforço para chegar até aqui. É lógico que eu agradeço a atenção de todos os meus fãs, sem distinção, uma vez que são eles os responsáveis pelo meu sucesso (e pelo meu salário), mas esses garotos têm o meu carinho especial. Se eu pudesse, abriria uma escola de voo, para tornar cada um deles piloto também! Só lamento que eles mudem de ideia tão depressa. Basta a consulta a um médico e a vontade de ser piloto é substituída quase que instantaneamente pela vontade de ser médico. As crianças são mesmo impressionantes!

Outra vez o silêncio. As mãos que gesticulavam enquanto falava, agora pendiam soltas. Os olhos brilhando, fixos em Natália. Ele era apenas anjo, não havia nenhum rastro de demônio nele. E a cada palavra, aumentava nela a sensação de conhecê-lo, como se pudesse adivinhar com antecedência o que mais ele poderia dizer. Mas havia algo mais, uma sensação muito mais forte e evidente. Havia o amor dela por ele, que era agora maior do que nunca, por que estava ali tão perto, embora soubesse que ele não correspondia a esse amor, porque tudo isso era ainda muito novo para ele. Ele podia sentir esse amor? Ela pensava que sim, pelo simples fato de ainda estar ali com ela, perdendo seu precioso tempo. E por ter procurado por ela com o pretexto de entregar a entrevista pessoalmente, trabalho que assistia exclusivamente à sua assessoria de imprensa e ainda, por tê-la trazido para seu quarto, para sua vida, como ele dissera. Ela não tinha mais argumentos para convencê-lo e também, já não queria mais. Era melhor simplesmente voltar para casa e aproveitar o que tinha planejado para si, viver os seus últimos dias conforme desejara, e deixar que ele seguisse o seu caminho em paz. Ele tinha razão, não passava de um estranho, mesmo que o coração de Natália insistisse em afirmar o contrário. Estava na hora de se despedir.

— Então é isso! — disse ela levantando-se, já olhando em volta em busca de onde poderia ter deixado a bolsa na noite anterior.

— Então é isso o quê? Aonde você vai?

— Eu? Vou para casa. Já fiz o que vim fazer, a decisão agora é sua, e acho que você já a tomou. Agora eu compreendo o que os céus são para você. Desejo-lhe boa sorte, e peço mais uma vez, que se cuide. Nós precisamos de você para nos inspirar.

— Por favor, não vá ainda! Fique na cidade até amanhã, eu gostaria muito de convidá-la para jantar esta noite, para corrigir a noite de ontem, pode ser? Amanhã eu dou um jeito de levar vocês para casa, alugo um jatinho e chegarão bem cedo a casa, eu prometo!

— Desculpe, mas acho melhor não. Já tomei demais o seu tempo. E além do mais, você tem que cuidar do seu avião. Eu vou voltar para casa. — Natália baixou a cabeça. Não queria voltar para casa, desejava ficar com ele, não só mais uma noite, mas pelo resto de seus dias. Era muito difícil a razão dizer não, quando o coração gritava *sim*. Porém se ficasse, estaria se envolvendo demais, se é que isso era possível, mas não podia deixar que ele também se apaixonasse. Ela não teria tempo para fazê-lo feliz. Partiria em breve e ele então sofreria. Para que causar mais uma decepção, dessa vez desnecessária, a quem já tinha sofrido tanto?

— Por favor, eu insisto! Apenas mais um jantar! Convide Andrew também, tenho certeza de que ele não vai recusar!

— Está bem. Mas sem vinho desta vez! — brincou ela. Ele respondeu apenas com um aceno e abriu mais ainda o sorriso que ela amava.

Das cartas de Natália,

Tu fizeste promessas, juras de um amor duradouro. E fizeste também pedidos, que eu, em minha eterna ignorância, talvez não tenha compreendido como deveria. Confesso que o teu pedido soou-me muito ambicioso, porque as convenções não servem para pessoas como nós. Sonhadores incuráveis. Sim, porque aprendi a enxergar em ti o sonhador que tu eras e a ver a tua imensa força para conquistar esses teus sonhos, esses anseios que guiaram a tua vida, desde a mais tenra idade. Eu é que fui covarde, minha fênix. Covarde todo o tempo, pois tive medo de seguir os meus próprios sonhos e passei boa parte do pouco tempo que me restava fugindo de ti, apenas contemplando-te ao longe, ou quando te elevava até os céus. Quem sabe se eu tivesse agido com coragem, poderíamos ter mudado a tua trajetória... Nunca saberemos. Temo que sem ajuda, nem mesmo teria conseguido chegar tão longe quanto cheguei. E tão perto de ti.

Eu é que não soube aproveitar o tempo, porque deixei de te prometer que jamais te esqueceria. A promessa mais verdadeira que poderia ter feito. Quanto a ti, fênix, acreditei quando me afirmaste que jamais me deixarias. Por ingenuidade ou por necessidade de sentir-me amada por ti. Seja como for, tu não podes manter a promessa. A promessa de que tomarias cuidado, de que não me entregarias à solidão, ao desespero no qual agora me encontro. Esse desespero jamais abandonará minha alma. Seguirei com ele até que morte se encarregue de levar-me para ti. Já não soaria mais como um castigo de uma inquisidora cruel, mas como o presente de uma amiga íntima. Quanto mais precisarei esperar por essa visita? Eu é que deveria ter partido antes de ti, que já não tinha mais saúde, nem possibilidade de uma vida longa e tranquila. Contudo, ainda estou aqui. Será esse o meu castigo?

Sigo, então, esperando a visita desta minha amiga, a morte, crente de que não tardará com seu milagre que consiste no fim absoluto de

todo o meu sofrimento, da minha dor. O milagre que me levará até ti, minha fênix, que fará possível o reencontro, a união das nossas almas, prometidas uma à outra.

DÉCIMA QUINTA LIÇÃO – Promessas e Milagre...

— E então?

— Então é isso!

— O que faremos agora?

— Vamos nos despedir e iremos embora.

— Você está certa disso? Pode não ter outra chance de se aproximar dele tanto assim. E ainda não fez o que veio fazer.

— Eu nem sei mais o que vim fazer aqui, Andrew. Foi uma grande loucura. Eu não deveria tê-lo incomodado com isso. Agora estou me sentindo muito pior do que antes, uma destruidora de sonhos, de vidas.

— Ora, não exagere! Foi uma deliciosa loucura! Ele está me parecendo bem feliz, e não tirou os olhos de você nem por um segundo. É impressão minha ou ele a reconheceu?

— É claro que não me reconheceu, como poderia? Ele sequer acredita nessas histórias de vida após a morte, reencarnação, embora tenha deixado bem claro que crê em Deus. Ele disse, inclusive, que Deus teria aparecido para ele para lhe mostrar como era egoísta, e colocou uma menina em seu caminho.

— Uma menina?

— Sim, mas essa é uma longa história. Mais tarde lhe conto.

— Está bem. Olhe, ele está voltando. — Andrew disfarçou. Não queria que escutasse que estivera fofocando com Natália enquanto ele tinha ido ao banheiro. Sorriu e depois riu alto, como se acabasse de ouvir uma piada muito engraçada. Natália não entendeu, mas riu também.

Já era tarde da noite. Haviam terminado de jantar fazia tempo, mas cada vez que se levantavam para ir embora, o piloto insistia em que ficassem mais um pouco e, dessa forma, o tempo passara e eles não se deram conta de que já passava da meia-noite. Conversaram sobre coisas banais, ele contou algumas curiosidades para Andrew, que de uma hora para outra, tornou-se um dos maiores fãs da aviação. Sentia-se especial por ter conhecido alguém importante, parecia um dos meninos que corriam pelos aeroportos, implorando um minuto com o ídolo. Natália, o oposto de Andrew, ficava mais nervosa a cada minuto que passava, tentando inventar uma desculpa para sair logo dali, despedir-se e ir embora o mais depressa possível. Não porque não gostasse de estar na companhia do homem dos seus sonhos, pelo contrário, adorava estar a seu lado, mas cada momento a mais que permanecessem juntos, tornaria mais dolorosa a hora do adeus.

— Bem... então vamos, Andrew? — convidou ela, mais uma vez.

— Ainda é cedo, por que não ficam mais um pouco? A noite ainda é uma criança!

— Eu preciso descansar, acho que ainda não me recuperei da noite de ontem. E como hoje não teve vinho... — os três riram. Mais uma vez ela sentiu-se torturada pelo sorriso do piloto, a alegria dele doía no peito de Natália. Ela não queria ir embora, descobriu que não estava preparada para morrer, conforme imaginara. Agora ela queria viver. Justamente quando descobriu que não devia alimentar mais nenhum desejo, foi que seu verdadeiro desejo aflorou. A cada instante, com mais e mais forças, desejava aquele homem. Não apenas fisicamente ou como nos sonhos das fãs que tanto o almejavam. Desejava fazer parte da sua vida, ser feliz com ele, compartilhar a felicidade que ele trazia em si e dividir o que ela tivesse de melhor para oferecer. Agora que restava tão pouco tempo é que fora conhecer o amor. O amor que estava guardado em algum canto da sua alma e que ela nem fazia ideia de que possuía. O amor do qual tantas vezes ouvira falar e que pensava compreender, mas que não compreendia. O amor não se traduz em palavras. Só se

pode compreender o amor sentindo-o. Ele era maravilhoso e terrível ao mesmo tempo. Maravilhoso como estar perto daquele homem, poder olhar o seu rosto, admirar seu sorriso e terrível como ter de deixá-lo. Deixá-lo por esta noite. Deixá-lo para sempre. Para que prolongar as coisas que deveriam ser abreviadas? O adeus era inevitável, então retardá-lo seria retardar também seu sofrimento, sua agonia. Era preciso ter forças. Não somente para a despedida, mas para depois dela também. Teria de ser forte para impedir-se de sair correndo atrás dele, toda vez que a saudade e o desejo apertassem seu coração. Ela sabia que mesmo depois que voltasse para sua cidade, sua vida jamais voltaria a ser a mesma. Ele não sairia mais da sua cabeça e ela se permitiria, de vez em quando, buscar por notícias suas. Quem sabe assim, matasse um pouco da saudade que já estava se apossando dela, apenas em pensar que precisava ir embora, para muito longe, e que certamente, os dois não tornariam a se encontrar.

— Está bem, mas eu faço questão de levá-los até o hotel. — disse ele levantando a mão para que o garçom trouxesse-lhe a conta — E, por favor, não saiam da cidade sem mim. Já providenciei o jatinho para levá-los para casa, o mais breve possível.

— É claro! Vou adorar dar uma voltinha pelo céu! — respondeu Andrew, excitado. Natália olhou para ele, condenando-o de certa forma, porque essa era uma decisão que cabia exclusivamente a ela. Tentando arranjar uma desculpa para recusar o convite, corrigiu:

—Não, é melhor voltarmos por terra, da mesma forma que viemos.

— Mas é uma viagem muito longa e cansativa, não faz sentido voltarem de ônibus. Como eu disse, já loquei o avião para levá-los de volta.

— Oh, mas não será necessário... — Natália parou por um momento, não havia o que dizer para convencê-los, Andrew também tentava convencê-la a aceitar e, por mais que ela quisesse, tinha

medo. Medo de morrer junto com ele mais uma vez. Não teve alternativa, senão dizer a verdade.

— Eu tenho medo de voar. Prefiro manter meus pés firmes no chão.

— Ah, o que é isso! Assim vou pensar que você está duvidando da minha competência! — brincou ele, fazendo cara de ofendido, mas com aquele sorriso apertado no canto da boca — Vamos comigo! Eu insisto! Prometo que tomarei cuidado!

— É melhor não...

— Não vou aceitar uma recusa sua! Eu faço questão de devolvê-la na porta de casa. Ora, você não veio de tão longe por minha causa? Então deixe-me ir tão longe por você.

— Ah, está bem! Embora eu ache totalmente desnecessário...

— Não tem perigo, eu lhe garanto! Vai ser como pilotar um carrinho de rolimã!

Ele pagou a conta e pediu ao manobrista que trouxesse o carro que alugara especialmente para aquela noite. Comportou-se como um cavalheiro, abriu a porta do carro para ela, tirou o casaco e o pôs em seus ombros para evitar que o vento gelado açoitasse a pele desnuda, que o decote lateral do vestido deixava à mostra. Andrew observava cada passo do seu mais novo ídolo, cada gesto, cada palavra. Ele estava se apaixonando por Natália. Era inevitável o reencontro. Agora ele quase podia sentir o elo que os unia e que certamente existia há muito mais tempo do que julgara. Eles pareciam mesmo feitos um para o outro e até mesmo alguns traços do rosto do homem, especialmente quando expressava certos sentimentos, se pareciam com os de Natália. Mas o que mais intrigou Andrew foi o olhar daquele homem. No fundo daqueles olhos podia-se ver muita tristeza, muito sofrimento acumulado por conta das dificuldades desta vida, ou de outras. Aqueles olhos que traziam a mesma dor que os de Natália, e por vezes, o mesmo vazio de quem se via condenado. Ele sabia que ela lhe contara sobre sua

doença e que ele, mesmo que não tivesse acreditado, conforme demonstrava ficara tocado com a história da moça. E Andrew entendia que assim fosse, pois não são todos os dias que alguém atravessa um país inteiro em busca de alguém, apenas para lhe pedir que se cuidasse, para tentar salvar-lhe a vida, como ela fizera.

Entraram no carro. Natália ao lado dele, sem dizer mais nenhuma palavra. Percebia quando ele olhava para ela, o olhar como uma chama que invadia o coração dela e fazia sua face enrubescer. E a cada vez que a olhava, parecia ser a primeira vez. Sentia-se uma adolescente, pura, inocente que ainda não havia sentido desejo por homem algum, como se ele fosse o primeiro e o único e os outros nunca houvessem existido. Na verdade, em cada momento que ficara ao seu lado, sentira o mundo parar. Ele, e somente ele, podia preencher dentro dela o vazio e a ausência de todo o resto do mundo.

Ele dirigiu devagar, como se quisesse prolongar a viagem ao máximo. Natália não sabia se aquilo era bom ou ruim, apenas nutria a certeza de que jamais esqueceria cada centímetro que percorrera ao lado dele. Seria capaz de refazer o trajeto de olhos fechados, pois prestara atenção a cada detalhe, às ruas, às luzes da cidade, aos bares, e tudo isso faria em breve, parte de uma história, a sua história ao lado daquele homem. Lembrou-se de como era a sua vida antes de descobrir que estava doente. Há algumas semanas, ela era simplesmente uma secretária, uma pessoa comum que passava seus dias indo do trabalho para casa e de casa para o trabalho, e que adiava seus sonhos para amanhã, sem saber que amanhã é um dia que nunca chega, e que vivia em função do ontem, sem se dar conta de que o ontem nunca mais voltaria e não poderia ser alterado. Passara toda a sua juventude nessa mistura de arrependimento e metas mal planejadas, que ela sabia serem impossíveis, e que fazia questão de mantê-las assim, porque era muito mais fácil almejar o impossível a ter coragem de realizar o alcançável. Esse pensamento a fez perceber como mudara tanto, em pouquíssimo tempo. Seria o amor tão poderoso assim? Ou isso era

coisa do desejo ou da paixão que fazia o mundo girar? Fosse como fosse, o motivo era ele, a quem ela julgara quase intocável e que agora estava ali ao seu lado, inventando mil desculpas para não deixá-la partir sem lhe dar mais um momento. Como poderia ter imaginado tanta loucura... *loucura maravilhosa*, como Andrew costumava dizer.

— E tem mais uma coisa que eu gostaria de pedir a vocês, antes de partirem. — ele quebrou o silêncio de repente, tirando bruscamente Natália do delírio de pensar que aquele instante seria eterno, que jamais deixaria de estar ao lado dele, em segurança e que o seu hotel estaria cada vez mais e mais longe, que nunca chegariam ao destino, que não precisaria se despedir, nunca mais.

— É claro, pode dizer! — respondeu Andrew, que ainda estava eufórico e que estava também curtindo viver aquele sonho.

— Eu queria muito que vocês comparecessem amanhã, a minha apresentação. Já consegui resolver o problema do motor e decidi fazer o que vim fazer, antes de partir. Sei que depois será muito difícil retornar para cá, minha agenda está cheia até o final do ano. Não quero deixar de cumprir meu compromisso com esta cidade.

— Amanhã... mas... nós... — balbuciou Natália, numa mistura que ela julgou ser nervosismo e ansiedade.

— Eu admito que insisti para voar amanhã porque adoraria que vocês vissem. Garanto que não vão se arrepender!

— É claro que nós vamos! — adiantou-se Andrew, antes que ela pudesse pensar em recusar o convite.

— Que ótimo! Eu prometo, assim que o espetáculo acabar, levá-los-ei imediatamente para casa. — ele parou por um instante, olhando para ela, como se tivesse notado o pavor em seus olhos — Estarão em casa antes do entardecer. Eu prometo.

Ela não teve forças para responder. O medo se apossara da sua alma. Tivera esperanças, ainda que cruéis, de que o avião não

pudesse mais ser consertado, para que ele não tornasse a voar. Segundo ele dissera, ela era egoísta demais e, mesmo sabendo o quanto ele sofreria, ela continuava torcendo para que parasse de voar. Isso jamais aconteceria, e seria obrigada a assistir àquela tortura calada, e fazer de conta que estava gostando, para não magoá-lo. Ela queria muito desfazer a afirmação de Andrew. Gritar, esbravejar, talvez. Mas não pôde. Não teve forças para dizer sequer que não iria. Olhou-o nos olhos e viu a sua súplica silenciosa que, quem sabe, não se devesse ao fato de ela ir ou não assistir ao espetáculo e que poderia ser simplesmente para ter um pouco mais de tempo a seu lado. Ela sentiu-se ambiciosa ao extremo, porque era ambição pensar que um homem como ele expressasse qualquer tipo de interesse por uma mulher como ela. Ele poderia não ter conseguido agendar o show para outra ocasião e, por isso, não poderia levá-la para casa logo conforme prometera, e já que não desejava desapontá-la — e desapontar Andrew também, porque os ambos pareciam ter feito amizade nesses dois dias que se passaram — dera como desculpa a ideia de que queria que os dois estivessem presentes para vê-lo.

— Então, boa-noite! — despediu-se Andrew, e desceu do carro. Natália fez menção de abrir a porta, mas ele segurou-lhe a mão. Ela olhou-o, não entendeu o que queria. Andrew já entrara pela porta de vidro da portaria e ela viu quando entrou no elevador, sem ao menos olhar para trás, para ela.

— Eu queria ficar um minuto a sós com você. Eu precisava. — falava ele, enquanto acariciava a mão dela com seus longos e ágeis dedos. Ela olhava para sua mão, entrelaçada na dela, sem coragem de olhá-lo nos olhos — Eu queria que soubesse que eu acredito em você.

— Acredita?

— Acredito. Mas não de uma maneira religiosa, ou que eu tenha aderido à doutrina espírita. Eu simplesmente acredito em você. Eu tenho que confessar que quando a vi pela primeira vez, quando você

entrou naquele hangar, acompanhada do seu amigo, eu pensei já tê-la conhecido antes. E a ele também. Quando me disseram que eram repórteres, eu procurei nos meus pensamentos em qual evento os teria encontrado. É lógico que não consegui me lembrar. Então você quis me dizer alguma coisa, mas não conseguiu, e foi então que eu tive a certeza de que já a conhecia de algum lugar. Foi como se eu já tivesse vivido aquela cena antes e soubesse exatamente o que aconteceria depois. Você não saiu mais da minha cabeça nem a esperança de me lembrar de onde eu a conhecia. Fiquei pensando nisso o resto do dia. Atendi aos outros sorteados e voltei para o hotel, pensando. Foi aí que resolvi ir pessoalmente até o seu hotel, entregar a tal entrevista. Precisava vê-la mais uma vez, para ver se minha memória clareava.

— E então?

— Então, eu soube de onde a conheço. Dos meus sonhos. E digo isso com toda certeza, porque na noite de ontem, eu tive o mesmo sonho mais uma vez, quando cochilei enquanto velava o seu sono e olhava para você. — Natália ergueu os olhos, encarando-o. Que história inacreditável, ele também a vira em seus sonhos! Teriam sido tão desagradáveis quanto os dela? Teve vontade de perguntar, mas seus lábios não se moveram, esperando que a resposta viesse espontaneamente — Já faz muito tempo. Nem sei como me lembrei disso, como a reconheci. Foi mais ou menos na época em que eu entrei na escola de voo. Tive o sonho mais de uma vez e enfiei na cabeça que iria encontrá-la. Com o tempo, as responsabilidades foram aumentando, o tempo diminuindo e eu acabei esquecendo. Mas passei um bom tempo prestando atenção em cada rosto, em cada mulher que se aproximasse de mim, tentando encontrar seu semblante.

— Você tem certeza de que era eu? Se já faz tanto tempo, se já se havia esquecido completamente do sonho, pode ser que tenha se enganado. Ou apenas me associado a alguém que você realmente conheceu!

— Não foi isso que aconteceu. Você acha que quando me via nos seus sonhos era a sua imaginação apenas? — ela fez um sinal negativo com a cabeça — Eu também não creio que tenha sido a minha imaginação. Foi muito real. E estou certo de que nunca conheci alguém parecida com você. Por favor, entenda como você é importante para mim...

— Como posso ser? Você ainda não me conhece...

— Eu já a conheço o suficiente. E acredito que o mesmo acontece com você em relação a mim. Perdoe-me pelas coisas que disse hoje de manhã. Eu estava fugindo. Não de você, mas de mim mesmo. Tentando me convencer de que havia uma explicação racional para tudo o que está acontecendo, e queria também convencê-la. Mas eu estava errado. Por que precisamos sempre nos refugiar em algo racional, quando na verdade as coisas mais lindas da vida não fazem o menor sentido? A vida em si, não tem explicação. Nem o destino, nem o amor... — Ele segurou-lhe o queixo, virando suavemente o rosto para si, enquanto ainda afagava a mão dela, e aproximou-se devagar. Beijou-lhe os lábios ternamente, como se este fosse o seu primeiro beijo. Sentiu-a estremecer, não soube explicar se era prazer ou se era medo, porque também não conseguia definir o que ele próprio estava sentindo.

— Pare, por favor... — sussurrou ela, reunindo todas as suas forças para impedir que o beijo continuasse. A culpa já tomara conta do seu coração por tê-lo deixado se aproximar tanto. Deveria ter saído do carro junto com Andrew. Agora era tarde, o beijo fora a confirmação do que ela mais temia: estar apaixonada, perdidamente apaixonada por aquele homem. Era irônico que, depois de tanta busca, quisesse fugir para bem longe dele. Mas não podia mudar o fato de que estava condenada e em breve teria de partir. E ele sofreria...

—Desculpe-me, eu não devia tê-la beijado. Eu estava fazendo o que o meu coração queria. Já me arrependi tantas vezes por não

escutá-lo, queria fazer algo diferente desta vez. E o meu coração está chamando por você, Natália. — disse ele quase sussurrando, olhando o ponto brilhante que se formava no canto dos olhos de Natália, e que não tardou a se tornar uma lágrima salgada a molhar-lhe os lábios.

— Eu sei, também sinto a mesma coisa. Mas quero que você entenda que eu não tenho muito tempo de vida, como já lhe expliquei. Não quero que sofra. Já perdeu tantas pessoas a quem amava... Eu não quero ser mais uma.

— Mas eu quero que você seja! Deixe que eu mesmo escolha o meu destino. Se eu sofrer, é por que terei amado, e o amor nunca traz arrependimento. O sofrimento será a prova de que tive coragem de amar você. E, acredite, está sendo muito difícil estar aqui agora falando essas coisas. Você não imagina o quanto. Mas você merece, também sofreu para chegar até aqui, para me contar tudo o que contou. Você, mais do que ninguém, merece a minha confiança... e o meu amor...

— Eu não estou pronta... quer dizer... eu não pensei que... eu não acredito...

— Calma, querida. Eu também estou nervoso, veja. — ele ergueu as mãos trêmulas, para que ela pudesse observá-las sob a luz que adentrava pela janela do carro — Não tenha medo de mim. Eu só quero ser feliz, assim como você. E não repita isso nunca mais!

— Repetir o quê?

— Que você tem pouco tempo de vida. A medicina está evoluindo muito rápido e pode ser que amanhã o seu caso já tenha solução. Eu a levarei a especialistas, a médicos que dedicam suas vidas a traumas como o seu. Tenho certeza de que eles vão resolver o seu problema. E você ficará bem. E ficará ao meu lado para sempre.

— Andrew me disse a mesma coisa, mas eu sinto que não estarei aqui, em breve. É claro que pretendo procurar outro médico, mesmo que seja só para ter uma segunda opinião, antes de me abrirem a cabeça — ela sorriu, ele ficou sério — mas este é um daqueles pressentimentos sem explicação que a gente sente vez ou outra.

— Tenho certeza de que está enganada. Você vai ficar bem. — ele segurou-lhe as mãos mais uma vez, apertando-as e aquecendo-as, sentindo o suor frio de Natália. Beijou-as. Sentiu que não apenas queria aquela mulher a seu lado, mas que precisava dela. Era como se a tivesse esperado por toda a vida, como se tivessem sido amigos de infância e outra vez ele vasculhou a memória atrás de alguma lembrança que a trouxesse para si. Não, ela não estava lá. Mesmo assim, era como se sempre tivesse estado ao seu lado, ou como se ele tivesse passado a vida toda em uma redoma, esperando-a para libertá-lo. Encontrá-la havia sido como despertar de um sono profundo, em preto e branco, para ver que a vida agora ganhara cores. Como pôde estar dormindo todo esse tempo? Essa era a mágica do amor, da qual ele tantas vezes duvidara. Nada que tenha sentido por qualquer outra mulher se comparava ao que sentia agora por aquela familiar desconhecida. Sem explicação, sem razão nenhuma. Apenas a necessidade de tê-la. — Eu prometo.

— Você faz muitas promessas. Acho que não poderia cumpri-las. Há certas coisas na vida que precisam acontecer e que não podemos mudar.

— O destino, por exemplo? O que já foi escrito por outras mãos? Não creio. Nós podemos sim, mudar a história. Vamos escrever a nossa. Não temos que seguir o que foi escrito pelas mãos que nem sabemos de quem. Eu quero construir uma história nova. Com você ao meu lado. Deixe-me mostrar isso, fique comigo — ele passou a mão no rosto dela e ela sabia o que viria depois. Outro beijo, mais uma lembrança que nunca sairia do seu coração. Mais um motivo para sofrer quando ele estivesse longe. Seria apenas mais um dia, porém não o suficiente para escreverem uma história

juntos. Depois ela voltaria para sua casa, para sua terra, para onde ele não iria, e ela estaria sozinha. Com o tempo ele também se esqueceria dela. Estaria mesmo apaixonado? Ela queria muito acreditar, mas algo em seu peito tocava um alarme, pois aprendera a confiar, sempre desconfiando. Virou a face para o lado oposto, fugindo do beijo.

— Por que ter medo? Medo do amor? Eu sei que assusta e não vou negar que também sinto medo, mas afinal, não passamos a vida toda procurando o amor? Então para que fugir agora que o encontramos? Veja se não é estranho, conheci você ontem e já a amo como se sempre estivesse ao meu lado! E você ainda tem dúvida de que isso seja amor? Deixe-me dar-lhe esse amor, porque ele não é de mais ninguém, só seu. Aceite-me com todos os meus defeitos, com a minha agenda lotada, acompanhe-me, siga-me, como tem feito, mas não fique longe de mim. — pedia ele em um tom quase de súplica, sem saber que isso era tudo o que ela mais queria, mas que ainda julgava ser apenas um sonho.

— Eu irei vê-lo amanhã, já que Andrew aceitou o seu convite.

— Você iria recusá-lo?

— Creio que sim. Mas eu estarei lá. Tenha cuidado.

— Eu terei. — ela permitiu mais um beijo nos lábios, uma despedida que durou uns poucos segundos, mas que foi quase eterna. E quando entrou no elevador, viu o carro dele parado na portaria, ainda a observá-la.

Subiu, precisava conversar com Andrew, perguntar o que ele achava que ela deveria fazer. Arriscar e pagar o preço ou ser mais uma vez covarde, como fora a vida toda e outra vez se arrepender? Aquele homem tinha razão, passara a vida toda à espera do amor verdadeiro, do conto de fadas que toda mulher espera viver. E agora ele era real e ela estava apavorada! Por que a felicidade causa medo? Por que seria mais fácil conformar-se com a infelicidade e pensar que só as outras pessoas é que são felizes, que têm uma

vida perfeita, de uma forma como ela jamais poderia ter? Estava tão acostumada a não ter o que desejava que agora que tinha, não sabia o que fazer.

— Oh! Andrew! — disse apenas, e atirou-se nos braços do amigo, começando a soluçar. Andrew apenas abraçou-a e esperou até que se acalmasse. Então sentaram-se na cama e, de mãos dadas, começaram a conversar.

— Acho que você tem uma decisão a tomar. Ele lhe pediu que ficasse, não é?

— Não, exatamente. Pediu-me que o seguisse.

— E o que você disse?

— Que eu estarei lá amanhã, mas que não estou preparada para estar pelo resto da minha vida. — ela hesitou um instante, então continuou — Ainda que me reste bem pouca.

— Eu vou lhe fazer uma pergunta e quero que me responda com toda a sinceridade. Você o ama? Veja bem, eu não estou perguntando sobre a responsabilidade de salvar a vida dele, que você acredita ser sua, nem sobre as experiências de suas vidas passadas, quero saber se você se apaixonou por ele agora, nesta encarnação. Quero saber o que você sentiu quando esteve com ele e o que você sente quando o vê.

— Eu não sei muito bem, Andrew. É difícil julgar os sentimentos. A única coisa que sei é que o conheço como se ele sempre tivesse estado ao meu lado. Quando eu o vi pela primeira vez, reconheci-o imediatamente, como você sabe. Até então, pensava que poderia mesmo tratar-se de uma mera coincidência, ou de uma lembrança adormecida das vidas passadas. Mas quando eu o ouvi, tive certeza. A voz era para mim mais familiar do que a aparência poderia ter sido. Depois daquela noite eu fiquei mexida, sim. Mas levantei a guarda, porque eu não posso me apaixonar agora, pois eu não quero que ele sofra quando eu partir.

— Mas o amor tantas vezes independe da vontade de quem ama... Feche os olhos e sinta, você o ama? Não quero saber se está resistindo a este amor, só sinta e me conte o que está sentindo. Não resista, não mate esse amor, por mais que ele seja breve para você. Deixe-o sair, não o aprisione no seu coração teimoso, solte-o. Você não vai conseguir sufocá-lo por muito tempo, ele é muito poderoso e vai sufocá-la também, então, para que se torturar? Não se prive disso, minha amiga, eu lhe peço! Eu estou vendo o amor crescendo dentro de você e eu também o vejo nele... E hoje eu vi também a grande tristeza que ele traz dentro de si, os sofrimentos que são cicatrizes impressas na alma dele. Ele está muito machucado, muito machucado...

— Eu o machucaria mais ainda se lhe desse esperanças, se fizesse promessas que nunca poderia cumprir. Eu não pude prometer que estarei sempre ao lado dele. Eu não poderei estar.

— acredite, o amor opera milagres! Quem sabe você foi eleita para um destes milagres? Não duvide da força do amor, ele move as montanhas, derruba as barreiras, nada é impossível para o amor. O simples fato de o amor existir dentro das pessoas, já é um milagre por si só. Você é uma das privilegiadas, por que carrega esse sentimento com você.

— Mas eu não me sinto privilegiada, Andrew. Eu me sinto condenada, e sozinha. E me sinto uma carrasca por não poder curá-lo, arrependo-me de ter vindo atrás dele, eu causei um mal maior fazendo isso. Eu queria ir para casa, sair correndo e sumir, mas ao mesmo tempo, eu odiaria ter que deixá-lo e não me conformo que isso tenha que acontecer em breve.

— Não precisamos ir amanhã. Temos dinheiro o suficiente para ficar ao menos mais uma semana, ou para ir com ele para onde ele for, mais duas ou três vezes.

— Você sabe que não é a isso que me refiro. Penso na hora de ir embora deste mundo, de deixá-lo aqui sozinho.

— Isso pode não acontecer, o seu caso pode ter solução, sim.

— Vocês dizem isso só para me animar, mas eu sei que não é assim na prática. Se tivesse solução já estaria resolvido.

— Não é assim, Natália. Você é que não quer ver a realidade.

— Seja como for, minha vontade é de fugir dele, para o mais longe possível.

— Creio que ele a seguiria, como você o seguiu. Seria engraçado, quando um é o gato, o outro se torna o rato. —Andrew sorriu, mas Natália pareceu indiferente.

— Ele não poderia. Já tem seus compromissos a honrar. E mesmo que pudesse, acho que ele está atraído por mim, sim, mas até onde isso poderia ser amor? Ele é um homem desejado por muitas mulheres, por que me escolheria?

— Por que duas almas gêmeas se reconhecem quando se encontram. Porque eu vi dentro dele, e posso lhe garantir que ele não está brincando com você. O amor não vê classe social, querida, não vê dinheiro, não vê beleza exterior e nem se importa com o estado de saúde. Se estiver procurando um motivo para ficar com medo e para desconfiar dele, não use esse.

— Eu acho que não fiz outra coisa desde ontem à noite, senão procurar um motivo para me livrar dele, sem ressentimentos, sem culpa, e sem me arrepender. Não encontrei ainda.

— Então pare de procurar! Isso não existe! Solte-se, permita-se viver essa paixão, essa aventura! Não perca a sua vida nem deixe que ela tenha sido em vão!

— E quando o sonho acabar? Quando eu acordar, quando cair das nuvens?

— Se cair, será sinal de que você subiu, que sonhou. Se nunca tentar, como poderá saber?

Natália não respondeu. Andrew tinha lá suas razões, mas o coração dela doía cada vez que se lembrava dele, que ouvia seu nome. O desejo era proporcional à dor e a vontade de fugir, que sentia toda vez que ele se aproximava. Caminhou até a janela e tentou olhar para o céu, além das altas paredes de concreto que se erguiam na edificação vizinha, e que era a única vista do pequeno quarto de fundos do hotel barato. Desejou que, se houvesse mesmo um Deus lá em cima, fizesse um milagre por ela, e sentiu-se pela primeira vez, iluminada.

Das cartas de Natália,

Agora que te vejo, minha doce e adorável fênix, daqui de cima, de onde há tanto tempo tens me observado, velado minhas noites inquietas de sono intranquilo, agora que vejo de perto este céu azul que tu tanto amaste, que sinto o vento, por ora brisa suave, a tocar minha pele, a esfriar meu rosto queimado pelo sol do verão, que agora se esconde neste mês de abril, em que o inverno torna para açoiar as almas, congelar os sonhos. Mas que não congela meu coração, que é incapaz de perder na sua essência o amor que tu plantaste aqui dentro. Agora sei o que sentiste a cada voo, a cada ida às alturas. Vieste mesmo para ser um pássaro errante, solto pelo espaço, flutuando neste céu que ainda te pertence.

Agora eu posso ver-te, passeando pelo horizonte infinito, livre como desejaste, pleno como sempre foste quando tiravas os seus pés da terra, quando elevavas não apenas o teu corpo, mas o teu espírito e te fundias com aquele azul que era sempre tão vívido para ti. Já não verás mais as tempestades escurecendo teu céu, já não haverá mais nuvens tapando-lhe o sol, que sempre brilhará para ti. Já não haverá mais tristezas que impeçam seu sorriso de brilhar, e nem o teu coração de sonhar. Sonhos que agora podem tornar-se realidade e que certamente, são banhados de luz e esplendor. Como eu desejo fazer parte desses teus sonhos, minha fênix!

Já não há mais sofrimento para ti, eu posso ver em teu olhar. Sinto-te leve como uma pluma, vejo-te com tuas asas, a brincar pelos ares. Estás feliz. E eu posso sentir a tua felicidade banhando tudo ao teu redor, derramando alegrias em tua volta e sobre a terra e contagiando a todos. Não tenho mais que fechar os olhos para encontrar-te. Apenas um simples desejo, uma menção de chegar até ti, são necessários para que estejamos juntos. E é esse desejo que eu sinto em mim, minha fênix, apenas ele. O poderoso desejo que vem do fundo do coração a que agora arrisco-me a

chamar de alma, e que envolve em si tudo o que eu sou e tudo que um dia eu fui.

Alma. É o que eu sou agora. Livre. Livre para ir até ti, para concretizar o destino que a vida nos negou, o destino que nos afastou por tanto tempo, mas que enfim, nos une. Seria este o destino desde o princípio? Estaria escrito desde sempre que seria assim? Creio que nunca saberei e que já não me incomodo por ignorar os motivos que me trazem para ti. Tu és mesmo um anjo e me carregas agora sob tuas enormes asas rumo ao desconhecido. Apenas guardo a certeza de que partirei para sempre, assim como tu e que então, desfrutaremos da eternidade...

DÉCIMA SEXTA LIÇÃO – O Voo da Fênix...

O dia clareou rápido. Nem bem o primeiro raio de sol despontou apertado entre os dois prédios vizinhos e o quarto já estava inundado de luz, que penetrava pelas cortinas claras de tecidos leves e finos. Ela pareceu despertar, sem ao menos ter a certeza de que tinha dormido. O sonho fora tão real, que por um momento ela duvidou que pudesse ter sido apenas imaginação. Ela o vira mais uma vez, chamando-a, pedindo que ficasse ao seu lado. E ela aceitara. No sonho não fora difícil dizer sim. E ele sorria para ela, como havia sorrido na noite anterior e chorara também, mas um choro de emoção, não de tristeza. Ele segurara a sua mão e os dois partiram rumo ao horizonte infinito, seguindo por um campo de vegetação verde em uma tarde de sol, como a que se anunciava naquela manhã de céu claro. Tudo o que ela queria era que a realidade fosse tão fácil quanto o sonho, que tudo desse tão certo na vida real, sem medos, sem receios.

Levantou-se do leito com alguma dificuldade e os olhos ainda ofuscados pela luz que invadira o quarto tão cedo. Andou até o banheiro, tropeçando nas beiradas dos tapetes carpetados ao lado da cama. Abriu as portas de vidro do box, mas antes de abrir a ducha para aquecer a água, lembrou-se de pegar uma das felpudas toalhas que havia deixado à cabeceira da cama. Deu meia-volta depressa e sentiu o mundo rodar e em seguida uma forte pontada na parte de trás da cabeça. Imaginou numa fração de segundo que voltaria ao estado de coma, porque naquele momento ficou claro para ela algo de que não se recordava, a dor que sentira quando a doença se manifestou pela primeira vez. *Agora não*, pensou. Tentou gritar, chamar Andrew, mas seus lábios não se mexeram. Quis correr de volta para cama, temeu sofrer uma queda e machucar-se, mas as pernas já não tinham forças para se moverem. A dor foi tomando conta de todo o corpo, tornando-se insuportável, cegando-a aos

poucos. Notou que seus joelhos fraquejavam e caiu de joelhos ao chão. O mundo agora já não era mais luz, e sim, escuridão.

— Natália, acorde, por favor! Natália! — ela ouvia a voz de Andrew, mas a dor persistia e, por mais que tentasse, ela não conseguia abrir os olhos. Alcançou a mão dele e apertou-a, como um sinal de que estava viva e consciente, e que não entrara mais uma vez em estado hipnótico. Ele balançava o seu corpo para ambos os lados e tentava ouvir se o coração batia, se respirava.

Sim, ela pensava, sem poder falar e com as pálpebras pesadas, e os olhos atordoados pelas imagens que se formavam em um *déjà vu* silencioso, em que apenas as imagens eram claras e lúcidas. Era como se estivesse vivenciando duas realidades simultâneas, uma naquele quarto de hotel, onde a luz forte atingia seu rosto enquanto Andrew tentava acordá-la a todo custo, e outra no mundo dos sonhos, onde estranhamente, ela revia cada cena que vivera em suas regressões e em seu constante pesadelo. E tudo aquilo era real, tão real que ela quase podia tocar. Pensou que morreria, já que ouvira dizer que no último segundo antes da morte, assiste-se à vida toda passando diante dos olhos. E via onde finalmente parou naquele instante mágico em que ele a beijara ternamente, naquele momento em que ela flutuara mantendo os pés no chão, em que subira mais alto que as estrelas, sem precisar sair do lugar. Parou ali, flutuando sobre nuvens, girando lentamente em uma gostosa sensação estonteante. Só ele existia. Só ele e mais nada. O corpo dele tão próximo ao seu, a mão suada tocando seu rosto, os seus lábios... Natália estava em um estado de felicidade quase pleno, e que assim seria se não mantivesse consciência do que a rodeava. Desejava ficar ali para sempre, naquele beijo, dentro do próprio amor que ela sentia. Quis aprofundar-se, tentar entrar de vez naquela cena, e não ter que voltar, para desfrutar daquela felicidade que se apossava de si. Estaria morrendo? Se a morte fosse tão feliz e bonita assim, ela a desejava.

Abriu os olhos contra a sua vontade. O que queria era ficar lá para sempre, com ele, apenas com ele. Mas a realidade insistia em

voltar ou em trazê-la de volta. Andrew a observava apavorado, mas não dizia nada. Abraçou-a, com medo de perdê-la. Ela retribuiu o abraço, sem lágrimas nos olhos ou sorriso nos lábios.

— Eu estou bem, Andrew. — explicou, cochichando ao seu ouvido — Não tenha medo, eu estive em um lugar muito bonito, estive com ele. Eu fui feliz.

Ele não respondeu, mas o medo que sentira ainda estava presente. Afastou-se um pouco, tentando ver se a morte a rodeava. Nada. Mesmo assim, o medo persistia e um mal estar no corpo todo surgiu do nada. Uma náusea incontrolável subia-lhe pelas entranhas e ele se esforçava para engolir em seco. Uma saudade triste foi tomando conta do seu coração, mas ele não definia de que ou de quem. Parecia sentir saudade do futuro, de algo que ainda não vira ou de alguém que não conheceria. Fixou os olhos em Natália, também sentia saudade dela, apesar de estarem tão próximos. Apertou-a em seus braços outra vez.

— Então, arrume-se. Ele já deve estar chegando.

— Ainda é muito cedo, Andrew. Eu queria ter mais tempo... — continuou ela, sem alterar a voz baixa e suave com que falara ao seu ouvido.

— Eu sei... O tempo pode ser a eternidade se você quiser. Viva o dia de hoje, como se fosse o último. Creio que já tenha entendido o que é isso, mas temo que tenha se esquecido. Basta fechar os olhos... pense como tem se privado e se torturado pelo amor que existe em você. Como se isso fosse uma maldição. Mas é uma bênção. Você precisa aceitar essa bênção. Eu a vi ontem quando entrou neste quarto, eu senti a culpa sobre seus ombros por que acabara de deixar o amor se manifestar em uma das suas formas mais belas. Parece que os seus valores se inverteram. Entristece-se quando deveria se alegrar e tenta desejar o que não deseja, quando deveria estar aproveitando o desejo que se realiza a cada momento para você. E o pior é que todo mundo faz isso. Que instinto mais cruel! Você não acha? Se você se fechar para o amor, o mal

prevalecerá em você, e com ele toda a dor e o sofrimento serão inevitáveis. Só o amor tem poder para curar, minha querida, e da mesma forma, o mal tem o poder de adoecer, de arruinar os corações. E, mesmo que você tenha que partir em breve, irá em paz se aceitar o amor.

— É muito difícil, Andrew. Isso significaria uma mudança para a qual eu não me sinto preparada. Eu tenho muito medo, medo de sofrer. Medo de ganhar para depois perder. Medo de me acostumar à felicidade pra depois enfrentar outra vez a tristeza. Ironicamente, esse medo é o que causa o sofrimento. Não será possível entregar-me enquanto existir medo. Mas como extingui-lo? Como se arranca um sentimento de dentro do peito, sem deixar cicatrizes irreversíveis? Para isso não há remédio, ou conformismo, Andrew. As cicatrizes da alma sempre doem e tornam a doer com certa frequência. E eu lhe asseguro que não quero passar o resto dos meus dias chorando por um abandono ou traição. Eu não suportaria.

— Mas quer passar o resto de seus dias lamentando-se por ter sido covarde e imaginando o quanto poderia ter sido feliz? E o fato de saber que não teve coragem para descobrir, não é também uma ferida a carregar em sua alma para o resto de seus dias? E essa cicatriz não irá causar-lhe dor maior ainda?

As palavras de Andrew soaram como a reprimenda de um ser superior, que Natália jamais soubera que existia nele. O garoto problemático que Andrew fora, agora poderia ser equiparado a um sábio, quando dizia essas palavras sobre o amor. O que ele poderia saber sobre o amor, será que já amara alguém? Ela não sabia e sequer tinha motivos para querer saber. Andrew era muito reservado, sempre. Debruçou a cabeça no ombro do amigo, apertando-o com os braços. Seus sentimentos não passavam de um furacão em fúria, de indefinidas sensações e inúmeras dúvidas que não lhe permitiam expressar a menor emoção. Esforçou-se para absorver as palavras de Andrew, desbloquear o mal que lhe impedia de amar. Em breve o homem dos seus sonhos estaria ali. E a levaria com ele.

— Eu sei que você tem razão, Andrew. Eu passei a vida toda me privando do que eu realmente queria, por medo, mas estava decidida a enfrentar esse sentimento, até esse amor surgir. O amor é tão poderoso, que ao mesmo tempo em que nos torna fortes, deixa-nos fracos e inteiramente vulneráveis. E eu que pensei já conhecê-lo... o amor... Não entendia nada sobre ele... Agora vejo que tudo o que julguei ser amor, não passavam de meras impressões, vejo o quanto eu o subestimei. Quantas vezes eu ria quando as pessoas juravam ter sido transformadas pela força do amor, quando verdadeiros milagres pareciam acontecer do nada, sem que eu percebesse que era o amor que operava por detrás das verdades que eu julgava conhecer...

— E quem nunca se equivocou, quem nunca misturou sentimentos, sem poder distingui-los e chamando a tudo de amor? Ninguém pode saber o que realmente é o amor até que ele chegue para bagunçar sua vida. Porque o amor é um grande brincalhão, abala as estruturas, muda as verdades, joga com a vida com uma maestria maravilhosa. — Andrew sentiu-se emocionado com suas próprias palavras, como se sua mente estivesse iluminada. Quase chorou, mas olhou para Natália, ainda sem expressão e conteve-se — Vá agora, querida. Siga o seu caminho. Ele já deve estar quase chegando para buscá-la...

Natália abraçou-o outra vez, esboçando um leve sorriso nos lábios, e levantou-se, caminhando em direção ao banheiro, com a toalha branca e felpuda nas mãos. A impressão que tinha já não era mais de dúvida, mas sim de certeza. Fora possuída por uma esperança mágica, que agora lhe assegurava que seria muito feliz ao lado do homem que o destino escolhera para si, e não via a hora de contar tudo isso a ele. Dizer que aceitava segui-lo para onde quer que fosse, e que o aceitava como ele era, com seus defeitos, sua agenda lotada, que o estaria esperando a cada desembarque e também a cada embarque, para desejar boa sorte. E que iria fazer dele o homem mais feliz deste mundo, pelo tempo que lhe fosse concedido viver.

Abriu o chuveiro, aqueceu bem a água, não se importando com o calor que avermelhava sua pele clara. Pensava em como Andrew sabia ser convincente quando queria e em como seus argumentos eram consistentes. Enquanto se ensaboava, perguntava-se se ele ouvia ainda as vozes vindas de outros mundos, de outras dimensões, temendo atrasar-se para o encontro que parecia nunca chegar. Ela aprendera como o tempo pode ser relativo. Relativo ao que se espera, ou ao que não se espera. Tão imenso quanto os desejos e tão pequeno quanto o tempo que ela teria para viver aquele amor. Ter a certeza de que poderia morrer a qualquer momento a fez pensar de maneira diferente também a respeito do tempo e, embora todos saibam que a cada minuto de vida corre-se o risco de não estar mais aqui no minuto seguinte, só se aprende a levar isso a sério quando um médico lhe garante menos de seis meses de vida, como fez com ela. Ela achou o pensamento engraçado, aprender a viver justamente quando está frente a frente com a morte e não há mais como fugir dela. O que não entendia ainda era como pôde ter desperdiçado tanta vida, enquanto ainda a tinha e por que julgara que esta vida nunca iria acabar, se correu tantos riscos nesta existência, todo o tempo? E por que o coração reagia ao amor com tanto medo, se já não havia nada a perder?

Depois de alguns poucos minutos, saiu do banho. Secou-se, vestiu-se e voltou para o quarto, pensando que Andrew certamente estaria também apressado a arrumar-se. Parou no hall que dividia as entradas do quarto e do banheiro, esperando que Andrew a recepcionasse com um elogio. Ele não a estava esperando. Olhou para a cama e reparou, espantada, o grande volume entre os cobertores. Andrew voltara a dormir? Caminhou até o leito do amigo, sentou-se ao seu lado. Ele nada disse, apenas virou-se para fitá-la. Seu rosto já não tinha a mesma expressão de antes, agora se podiam ver grandes e escuras olheiras rodeando as pálpebras, contrastando com o rosto que refletia uma palidez anormal. Natália levou a mão à testa de Andrew, procurando sinais de febre. Ele estava gelado, apesar da grande quantidade de cobertores que colocara sobre si.

— O que houve? — ela cochichou. Andrew esticou uma das mãos para fora das cobertas e segurou a dela levemente, chacoalhando a cabeça.

— Eu não sei. Não me sinto muito bem. Deve ter sido algo que comi ontem, algum tempero a que meu estômago não está acostumado. Estou com náuseas e um pouco tonto. Peça desculpas ao seu piloto, por mim. Terei de faltar à apresentação dele.

— Não, eu vou descer e comprar um remédio para você. Logo estarei de volta, você vai ficar bem e vai assistir ao show comigo.

— Imagine, eu atrapalhar o seu dia! Daqui a pouco eu estarei bem, novinho em folha, é só eu conseguir pôr para fora a comida que fez mal e pronto, serei de novo o velho Andrew de guerra!

— Então eu vou ficar aqui com você. Tenho certeza de que ele entenderá e...

— De maneira alguma! — interrompeu Andrew, enquanto Natália pegava a bolsa e retirava dela o telefone celular — Você tem de estar lá, ele pediu tanto! Por favor, não faça isso! Eu ficarei bem! Se melhorar em tempo, prometo que tomarei um táxi até o aeroporto e encontro vocês lá, mais tarde. E afinal de contas, ele quer almoçar ao seu lado! Não o decepcione, vá com ele!

— Andrew, eu não posso deixá-lo aqui desse jeito, eu...

— Olha, eu vou telefonar para a farmácia, então, e pedir que entreguem os remédios aqui mesmo, como você me contou que ele fez para você. Se quiser, você mesma pode fazer isso antes de sair. E não se preocupe, é só um mal-estar e vai passar logo. Antes da hora do show eu já terei chegado ao aeroporto. Apenas quero me privar do almoço, porque acho que meu pobre estômago não aguentaria mais e mais temperos picantes como os que costumam servir por aqui. — Andrew sorriu forçadamente. Não tinha dúvidas de que seu estômago estava muito bem, mas a sua alma não estava. A sensação era mais forte agora, de mal-estar, de cansaço, como ele sempre sentia antes de uma de suas crises. Não podia confessar isso

a ela, seria o mesmo que forçá-la a ficar ali com ele e perder o que poderia ser seu último dia ao lado do homem que amava. Ele não era egoísta a esse ponto, sendo Natália sua irmã do coração, queria vê-la feliz, esta era sua missão neste mundo.

— Só você mesmo, Andrew, só você! — disse ela, com remorso e gratidão, beijando a face gelada de Andrew. Tinha que ir logo, faltavam menos de cinco minutos para o momento em que ele chegaria para buscá-la.

— Natália, espere! — gritou Andrew quando ela levou a mão à maçaneta da porta...

— O quê? — Natália olhou para trás assustada.

— Você está linda! — disse ele. Ela não resistiu e voltou até Andrew, deu-lhe outro beijo na face e um abraço demorado.

Mais uma vez ele a esperava no saguão, bem perto do elevador. O recepcionista mal-humorado estava de volta, e desta vez, tratara de virar logo o rosto para a parede, evitando quaisquer possíveis tentativas de diálogo. Natália o vislumbrou logo que a porta se abriu entre o casal que descera antes dela. Ficou paralisada por uma fração de segundo, tempo suficiente para sua mente arquitetar mil pensamentos sobre ele. Como estava lindo, radiante e sorridente! Vestia uma calça preta de veludo e um blazer também preto sobre um suéter verde que realçava ainda mais seus olhos claros, que ela reparara, não tinha cor definida e mesclava entre o verde e o azul. Trazia no pescoço o mesmo lenço que usara nos espetáculos anteriores, verde e azul com pequenos aviões bordados, que lhe atribuía um charme especial e que ele garantia lhe trazer sorte.

Natália caminhou em sua direção, olhar baixo, fixo no chão à sua frente. Parou antes que ele pudesse se atrever a beijá-la. Estendeu-lhe a mão, como fizera na noite anterior, e ele segurou-a acariciando-a com os dedos, e a beijou, como só os românticos sabem fazer. Natália enrubesceu, sentiu o calor incendiar-lhe as bochechas, o que a deixou mais envergonhada ainda. Diante dele

ela já não era mais a mulher independente de sempre, mas sim uma adolescente que dera o primeiro beijo no primeiro namorado na noite anterior, e que agora não sabia como encará-lo. *Ele percebera*, pensou quando ele deu mais um passo em sua direção, ainda segurando a sua mão. Ela o encarou, evitando encontrar o olhar, que ela sabia, estava mirando o seu como uma flecha afiada aponta para o alvo. Sentiu-se boba e imatura como nunca se permitira ser, e gostou disso.

Ele a conduziu pela mão até o carro, estacionado a alguns quarteirões do hotel, como se já formassem um casal. Abriu-lhe a porta, ajudou-a a entrar, com cuidado por causa dos saltos altos. Outra vez dirigia devagar, prolongando a viagem; conversava para quebrar o gelo e o nervosismo que é claro, ele sentia também. Expressou grande preocupação quando Natália lhe contou o ocorrido com Andrew, sugeriu que mandassem um médico ao hotel, para que o examinasse. Ela afirmou que não seria necessário. Perguntou onde ela gostaria de almoçar. Ela desconversou, dizendo que não conhecia a cidade e que o que ele escolhesse estaria do seu agrado. Ele segurava o volante com uma só mão e apertava a dela, solta sobre o banco de couro preto. Natália retribuía com um olhar ou um sorriso tímido.

Sentaram-se na ala lateral do grande salão de um restaurante simples, na parte central da cidade. O ambiente acolhedor era bem diferente daquele luxuoso em que estiveram na noite anterior e a deixava muito mais à vontade. As cadeiras de madeira com assento de palha se pareciam às das lanchonetes que frequentava em sua cidade com Andrew e por um instante ela sentiu-se em casa, como se ele tentasse desesperadamente entrar no seu mundo, fazer parte da realidade em que vivia. As conversas sobre assuntos corriqueiros e que não interessavam a nenhum dos dois, eram ouvidas de todos os lados. Natália pensava como essas pessoas, iguais à maioria que ela conhecia e como ela própria fora antes, eram superficiais e se importavam com coisas banais como o tempo, alguma mercadoria que viram pelas vitrines do comércio, ou se ocupavam com

discussões domésticas tão pequenas, que deixavam a vida escapular entre os dedos e nem percebiam. Ela era uma privilegiada, porque tinha algo importante, tinha o homem dos sonhos ali, bem a sua frente, e tinha uma resposta a lhe dar. O que faltava, era por onde começar. Se despejasse isso em cima dele assim, de uma hora para a outra, talvez o assustasse. Esperava que ele perguntasse, quem sabe no final da refeição, mas ele parecia com medo também, ainda mais depois do que ela dissera na noite anterior. Ela pensava se teria passado a impressão de que recusaria o convite a qualquer custo, e se isso acontecera é porque era mesmo a sua intenção naquele momento. Como ela mudara de opinião em tão pouco tempo...

Comeram em silêncio, apenas prestando atenção um ao outro, a cada movimento. Em meio à refeição, ele a surpreendia com um de seus melhores sorrisos. Ela retribuía algumas vezes e em outras, apenas baixava os olhos, envergonhada e sentia a face corar. Era a primeira vez, entre todas as outras. Ela não passava de uma menina boba quando estava com ele, já não havia nenhum traço da mulher decidida que tivera a coragem de seguir seu sonho doido. E ele era um garoto que começava a viver, inseguro, que não tinha o que dizer para acalmar o desejo que sentia e que era surpreendido a cada vez que seu corpo dava um sinal desse desejo, o que ocorria a um simples olhar na direção dela. E então ele sorria, achando graça das bochechas vermelhas dela, graça de si próprio. E como aquilo tudo era delicioso para ambos, como era novo e surpreendente, apesar das experiências anteriores de cada um, que deixavam de existir quando estavam diante um do outro.

Comeram entre jogos de olhares e de sorrisos. Sem dizer nada, mas compreendendo tudo. Finalmente, após a sobremesa, ele reuniu todas as suas forças e perguntou. Era preciso ter certeza, ainda que desconfiasse qual seria a resposta.

— Quer se casar comigo? — ela olhou-o atônita. Casamento não era exatamente a palavra para expressar que ela desejava passar os seus últimos dias ao lado dele. Não haveria tempo para cerimônias e

formalidades. E ela tampouco as queria. Apenas estar ao lado dele era o que bastaria. Já era a realização do seu sonho.

— Não — respondeu em um só golpe — Mas eu quero estar ao seu lado cada dia que me resta. Se isso for o bastante para você, eu o seguirei.

Ele não respondeu e por um longo tempo, sério, sem expressar qualquer emoção, admirou-a em silêncio. Então segurou a sua mão e beijou-a, como havia feito na noite anterior e levantou os olhos com o sorriso mais lindo que ela já vira na vida e que duvidava voltar a ver algum dia. Com os olhos umedecidos de lágrimas que não se atreveriam a descer pela face ou tocar os lábios trêmulos, declarou:

— Eu amo você. Você pode até pensar que é brincadeira, ou que estou sendo irônico, mas essa é uma verdade que eu não consigo explicar. Eu a amo de uma forma que jamais pensei ser possível.

— E eu... que o amava antes mesmo de conhecê-lo... — disse ela, comparando o seu sentimento ao que ele acabara de declarar — tampouco consigo explicar... O que sei é que quero ficar ao seu lado, que aceito a sua vida como ela é e que pretendo ajudá-lo no que for possível, enquanto eu ainda tiver forças. Quero estar ao seu lado, mesmo sabendo das limitações da sua agenda apertada, das fãs desesperadas por você, das suas crianças, que a partir de agora, não serão apenas seus filhos, mas de nós dois. Não há nada no mundo que eu queira mais do que isso e acho que nunca houve nada que eu desejasse com tanta força, quanto estar ao seu lado.

O restaurante simplesmente silenciou. Foi como se o mundo tivesse parado naquele exato momento, como se as pessoas estivessem congeladas, o trânsito imóvel com seus motores e suas buzinas mudas. Até mesmo a música suave que tocava ao fundo de todas aquelas vozes, deixara de existir. A única coisa que se movia, era uma pequena gota prateada que descia preguiçosa do olhar dos apaixonados, para depois ser abruptamente interrompida pela mão e

pelo lenço azul e verde, cruelmente arrancado do pescoço, onde fora posto com todo esmero possível. Simplesmente porque o amor tinha seus poderes e além de parar o tempo ele fazia surgir nos corações um prazer dolorido, uma incredulidade de ser correspondido. E os dois desejaram ao mesmo tempo nunca ter de deixar aquele lugar, permanecer naquele estado de embriaguez em que mergulhavam ao trocar juras de amor, no instante eterno. Mas o tempo, que parecia congelado, passou mais depressa que o normal, e fez com que ele, instintivamente, olhasse no relógio.

— Está quase na hora. Precisamos ir. — explicou ele, enquanto a consciência doía por ter de acordá-la do sonho que, ele sabia, estavam compartilhando. — Eu tenho uma coletiva de imprensa, depois terei de receber a legião de fãs...

— E aí começa a agenda a atrapalhar... — disse ela sorrindo, com ar brincalhão.

— Oh! Você acabou de prometer que aguentaria! — respondeu ele, também zombeteiro — Por quantos segundos a promessa dura?

— Ela durará enquanto houver vida, meu amor. — respondeu, retornando à paixão que a absorvera um minuto antes.

Saíram de mãos dadas outra vez, mas ele preferiu não beijá-la novamente. Prepararia uma surpresa especial para ela, assim que o espetáculo terminasse. Depois do que ela respondera à sua proposta, ele julgara não mais ser necessário o jatinho que alugara para levá-la para casa, levá-la-ia para o seu hotel, para o seu quarto e para a sua vida, para não mais deixá-la ir embora. Telefonaria para a recepção do hotel e pediria que preparassem a suíte nupcial. Queria uma cama coberta de flores, de pétalas de rosas, queria lençóis de cetim, uma banheira de espuma e um *champagne* francês, por que ela não merecia menos do que isso, e porque ele próprio sonhara com uma noite assim, a noite em que estaria com o amor verdadeiro.

Natália telefonou para Andrew, na saída do restaurante. Ficara preocupada e assim que o seu momento mágico se dissipara, não pôde mais relaxar sem saber se ele havia melhorado e se estava bem.

— Aproveite o seu final de almoço — disse ele, do outro lado da linha — Eu já me sinto melhor. Vou comer alguma coisa e depois vou para lá também, assistir ao voo do seu anjo. Não se preocupe comigo, qualquer coisa eu ligo de volta.

Natália não acreditou nas palavras de Andrew, conhecia-o bastante, o suficiente para saber pelo seu tom de voz que ainda não estava nada bem. Ficara tensa e essa tensão interrompera a felicidade abundante que a inundava. O piloto insistiu em que voltassem ao hotel, onde ela poderia constatar o estado de saúde de Andrew, mas ela negou, não o atrasaria mais do que já estava atrasado.

Desta vez dirigiu apressado, e isso fez com que ela recordasse a regressão em que vira o acidente dos dois, no qual faleceram. Fechou os olhos, tentando esquecer-se de tal horror e dizendo para si mesma que a cada encarnação, as mortes eram diferentes e que desta vez eles seriam felizes e as tragédias cessariam. Sentiu-lhe a mão quente entrelaçando os dedos nos seus. Ela ainda tremia ao menor contato. Já não era um tremor de medo, mas de prazer, uma sensação que arrepiava todo o seu corpo, apenas por sentir o toque da pele dele contra os seus dedos gelados. Olhou-o de soslaio para mais uma vez se deparar com o luminoso sorriso e o brilho daqueles olhos.

Muitas pessoas já o aguardavam nos arredores do aeroporto. De longe, pela estrada que conduzia ao local, Natália viu o pequeno avião, todo enfeitado, que aguardava seu piloto. Sentiu como se já tivesse visto aquela cena antes, como se aquele avião sempre tivesse estado ali, esperando um piloto que nunca chegava. Olhou a multidão que se aglomerava ao redor da pista esforçando-se para chegar um pouco mais perto, mas era impedida pelos seguranças.

Viu também os que aguardavam na lateral do corredor, por onde em instantes ele apareceria, o príncipe dos sonhos de todas aquelas mulheres, o exemplo a ser seguido pelos mais jovens, o ídolo. Seu peito doeu, com uma pontada de ciúme, mas olhou para ele, e tudo de ruim que poderia sentir, partiu, para não mais voltar. Viu as garotas com seus cartazes apertando-se à beira da corda que separava a entrada do hangar, onde ela também estivera dias antes em busca de um olhar, de uma palavra. Agora, não precisava mais se espremer por ali, estaria ao seu lado durante o percurso.

Desceram do carro, ele acenando para o público, ela com o coração disparado de ansiedade. Não se importava com os fãs, com a imprensa que o aguardava, estava nervosa por causa do voo. Apesar da proximidade dos dois, o medo não se extinguiu do coração de Natália, parecia sim, ter aumentado. Ele aproximou-se da corda, distribuindo autógrafos e se permitindo fotografar. Vez ou outra olhava para ela. Ela sorria, então ele continuava. Quinze minutos se passaram até que a plateia se desse por satisfeita. Dirigiram-se para o hangar, onde os repórteres já o aguardavam para a coletiva. Queriam detalhes sobre o problema no avião, assunto que deixava Natália apavorada. Ele garantiu que agora estava tudo na mais perfeita ordem e que não havia motivos para preocupação. Mesmo assim, o coração dela mantinha-se apertado, e ela sabia que seria assim a cada apresentação, a cada voo.

O momento se aproximava, Natália queria que Andrew estivesse ali, ou no mínimo, que chegasse a tempo de ver a decolagem. Estava nervosa e não queria estar sozinha nessa hora. Apesar de todo aquele povo, sem Andrew, ela estaria só. Talvez o piloto tenha percebido seu nervosismo, ou o quanto estava se sentindo deslocada, uma intrusa atrapalhando a chegada dos fãs até o astro, então aproximou-se e abraçou-a carinhosamente. Os que ainda permaneciam no hangar, retiraram-se, entendendo que aquele momento pertencia apenas a eles. Sussurrou ao ouvido de Natália que a amava e que não se preocupasse. Ela sentia como se ele fosse partir em uma viagem longa e distante, e ouvia suas palavras como

uma despedida chorosa, embora soubesse que em pouco mais de uma hora, estariam juntos novamente. Ele afastou-se e pôs os lábios nos dela, com a mesma suavidade da noite anterior. Ela, que já não precisava conter-se, entrelaçou os braços ao redor do seu pescoço e apertou com força seus lábios nos dele. Ele correspondeu com a mesma voracidade, com a mesma urgência. E o mundo mais uma vez parou de girar. Natália perdeu a noção de quanto tempo levava para que ele a afastasse.

Ouviu alguém o chamando, precisava ir agora. Inesperadamente, segurou-lhe a mão e a puxou até a pista de pouso, sempre andando ao seu lado e desta vez, ignorando o apelo dos fãs desesperados. Parou ao lado da sua máquina, tirou o lenço verde e azul do pescoço, segurou-o na mão direita e beijou-o. Em seguida, colocou-o nas mãos de Natália, repetindo que a amava e pedindo que ela jamais o esquecesse. Prometeu que a loucura que faria esta tarde era por ela, para ela, e ignorou seus pedidos de cuidado e as lágrimas que já começavam a brotar no canto dos olhos. Lançou-lhe outro sorriso, agora mais luminoso ainda, antes de colocar o capacete. Um dos seguranças veio imediatamente tirá-la da área de decolagem, os motores seriam ligados. Ela apertou o lenço entre as mãos e saiu em direção à entrada, onde a vista era plena e bela. Seus joelhos fraquejavam, e o corpo tremia em um espasmo generalizado, fazendo-a prever um desmaio que viria. Tentou enxergar o rosto de Andrew entre a multidão. Não o viu.

Recusou-se a subir à torre de observação com as autoridades, alegando que queria ficar o mais perto possível de onde a apresentação seria feita. Contornou a pista, passando ao campo que rodeava todo o local. Ouviu o ronco dos motores. Virou-se para vê-lo taxiar pela pista, andando para trás em busca de um melhor ângulo. Tropeçou em uma pedra desenterrada, e como por acaso, reconheceu aquela terra quase desnuda, o capim que teimava em crescer apesar do frio do inverno. Voltou-se para a pista, onde ele já alçava voo. Quis gritar que parasse, quis correr na direção dele,

mesmo sabendo que seria inútil. Aquele chão era o mesmo do seu sonho, senão, exatamente idêntico. Como era possível?

A tradicional volta sobre cidade, e a primeira pirueta. Natália não sorria, mas sim, chorava, destoando da multidão de pessoas que sorriam e vibravam a cada manobra. Apertou o lenço contra o peito e rezou, com todas as suas forças, com toda a sua alma. Se havia mesmo um Deus lá em cima, ele teria de ouvir as suas preces. Mais um rasante, outra Ave Maria. Baixou os olhos por um minuto, e viu o próprio vestido. A cor clara, como no sonho, a meia-calça desfiada e o casaco negro. Quase perfeito, porém não havia nenhum chapéu e nem fios de cabelo rebeldes pelo seu rosto, que se assemelhassem aos do terrível pesadelo. Olhou em volta outra vez, à procura de Andrew. Ele não estava. Só podia ser um sinal de que hoje definitivamente não era o dia, não era a hora da despedida, porque se Andrew não estava ali, sua imaginação e seu medo estavam lhe pregando engraçadas peças, fazendo tudo se parecer com o sonho.

Horas antes, ainda no hotel, Andrew se cansara de ficar deitado. Sentou-se na cama e ligou a televisão, pouco antes do meio-dia. Ainda não voltara ao normal, apesar de a dor de cabeça já ter diminuído com os analgésicos. Uma tontura súbita percorreu seu corpo, invadindo a mente quando reconheceu a fotografia do piloto no telejornal. O repórter anunciava o espetáculo e convidava a população da cidade a prestigiá-lo. Andrew não via mais luz naquele sorriso estampado na foto, talvez as imagens não pudessem expressar a luz própria das pessoas. Mas a imagem do repórter que apresentava o jornal, mesmo tendo sido gravado no mínimo um dia antes, esbanjava luminosidade, tão acesa que fazia seus olhos arderem. Decidiu ir até lá, só para conferir se estava tudo bem. Vestiu-se depressa e desceu em busca de um táxi. Nas vias que atravessavam o centro da cidade, mais de uma hora depois, viam-se os televisores ligados nas vitrines das lojas de eletrodomésticos. Em uma delas, sintonizada em um canal local, o show aéreo estava sendo transmitido ao vivo, Andrew via pela janela do carro, ao parar

no semáforo. Reconheceu Natália, seguindo de mãos dadas com o homem para o hangar. E na outra mão, outra dama o acompanhava, toda vestida de negro.

O avião subia e descia quase tão depressa quanto o coração de Natália tentava saltar para fora do peito. Os rostos felizes e sorridentes a sua volta deixavam-na ainda mais nervosa, será que não percebiam o perigo que aquele homem corria? A vontade que tinha era de pedir a cada um que parasse de festejar e se unisse a ela em suas orações silenciosas. Alguns pareciam ter notado seu desespero, inclusive uma criança que a olhava sem entender, quase chorando também. De repente, uma faixa azul e verde, tal qual o lenço com que a presenteara pouco antes, soltou-se da cauda do avião, onde se podia ler em garrafais letras douradas a frase *EU TE AMO!* Logicamente, a reverência foi atribuída à cidade, e a explicação foi justificada pelo adiamento da apresentação. Mas ela sabia que era para ela, ele lhe dissera que haveria uma surpresa, a declaração era para ela.

Ela tornou a fechar os olhos, levando o lenço até o rosto, sentindo o cheiro do perfume do homem dos seus sonhos, apertando-o contra os lábios e beijando-o incessantemente, enquanto o avião subia em linha reta, carregando a faixa aberta rumo aos céus. Foi desaparecendo aos poucos, o contorno do pequeno avião transformando-se em um simples ponto reluzente sob os raios do sol que o faziam refletir uma luz intensa e dourada. Pôde-se observar uma pequena pirueta, uma meia volta, e o avião desceu apressado em direção à terra, para delírio do público, que gritava em uníssono o nome do corajoso piloto. Por um instante, os olhos de Natália escureceram, e um flash iluminou sua memória e lhe deu a certeza de que já vira aquela imagem antes. Já vira o avião descendo rapidamente, vira a fumaça colorida que se desprendia do motor ao lado da asa cessar, e depois não se lembrava mais do que havia visto, ou apenas, tentava se convencer de que não se lembrava, evitando o sofrimento que já se apossara de sua alma. Apertou mais o lenço contra o peito e apertou também

os olhos, esperando o estrondo que se seguiria. Fez-se silêncio. Ela temeu abrir os olhos. Mais gritos e aplausos seguiram uniformemente, e ela espiou, com medo de abrir totalmente os olhos.

Três giros, e o avião tornou a subir. Ela já estava pálida, quase sem coragem de assistir ao resto do espetáculo, e sentindo-se ridícula porque, ao invés de aproveitar e se divertir, como todas as pessoas presentes, ela chorava e se lamentava por algo que não tinha acontecido. Respirou fundo, e virou-se, caminhando em direção à torre de observação, onde a visão era muito mais ampla. Uma senhora idosa, que assistia a tudo de dentro de um carro, parado no estacionamento lateral, paralelo à pista de voo, apontava o dedo para o céu, enquanto exclamava algo que Natália não pôde compreender. Ela virou-se imediatamente, a tempo de ver que a fumaça cessara e já não se podiam mais ouvir os roncões do motor. O que viu, foi o pequeno avião descendo sobre a multidão de pessoas, que agora, apavoradas, não mais gritavam ou aplaudiam. Numa fração de segundo parece-lhe que aquilo tudo fazia parte do show. Nem ao menos teve tempo de concluir o pensamento e uma brusca guinada lateral tirou o avião da sua trajetória. Natália o perdeu de vista momentaneamente, viu-o descendo muito baixo, baixo demais, escondendo-se atrás de um pequeno barranco que limitava o espaço entre os espectadores e o cordão de isolamento. Esticou-se para vê-lo subir, ressurgir de trás daquele monte de terra e grama seca, mas, em um momento que lhe pareceu eterno, não mais pôde vê-lo.

Um baque seco, e o que Natália viu foi uma enorme língua de fogo, que lambia o ar e transfigurava-se em um demoníaco cogumelo de chamas. Deixou-se cair no campo árido, sentiu as pedras e as imperfeições do terreno castigando-lhe os joelhos. Outra vez ouviu os gritos, agora de pavor e de lamento e viu pessoas correndo sem saber para onde ir. Sem tirar os olhos do fogo, que agora se transformava em fumaça muito negra, viu mães consolando seus filhos, homens ligando carros para partir e bombeiros que chegavam. Outra vez, o sonho. Natália debruçou-se sobre o próprio

colo, esfregando o lenço no rosto, molhando-o com suas lágrimas salgadas. Queria correr até lá, queria vê-lo, ainda que pela última vez, mas não conseguia sequer levantar-se. O desespero transformava-se em mal-estar, em náusea, em frio e no calor da explosão ao mesmo tempo.

Uma mão segurou-a pelo ombro, mas ela não se virou para ver quem era. Então Andrew ajoelhou-se a sua frente. Ela soluçava e parecia não o reconhecer, seus olhos ainda fixos na fumaça, que agora não passava de uma réstia azulada que atravessava o corpo de Andrew, atravessava todas as pessoas ali, parecia que alma de Natália deixara o corpo e que agora, estava lá, ao lado dele. Andrew puxou-lhe as mãos, que cobriam o rosto, deixando aparecer apenas os olhos chorosos. Reconheceu o lenço que o piloto sempre usava no pescoço. Estava tão vermelho que não era mais possível distinguir-lhe o verde do azul e apenas a estampa de aviões amarelos aparecia por trás do sangue. Afastou-o do rosto de Natália, perguntando o que acontecera. Ela não disse, não havia ao menos percebido o sangue que jorrava do nariz. Andrew estendeu-lhe outro lenço, o vermelho, que trazia amarrado ao pulso e o colocou sobre o rosto de Natália, tentando estancar o sangue. Levantou-a pelos braços, mas assim que o peso do corpo caiu sobre as pernas, ela fraquejou. Seu corpo caiu nos braços de Andrew, que a segurou. Ergueu-a no colo, olhando em volta, tentando pedir ajuda.

Ninguém ouvia seus apelos, as pessoas saíam apressadamente, temendo uma próxima explosão e tentando salvar suas famílias. Andrew não os condenava. Ele também precisava salvar Natália. Andou alguns passos na direção de um carro dos bombeiros que passava, mas não foi visto. Não soube o que fazer, a culpa martelava sua cabeça e seu coração, ele tinha incentivado Natália a partir para aquela aventura maluca, ele a havia deixado aproximar-se daquele homem, ele a deixara sair sozinha com ele naquela manhã, quando sabia que algo estranho iria acontecer! Justamente quando passava por uma de suas crises, que sempre precediam a grandes desastres e perdas! Ele era o culpado! Ou era mesmo louco, como seu pai

sempre dizia. Agora, aquele homem estava morto, e Natália, sangrando nos seus braços, sem que ele pudesse saber exatamente por quê.

— Socorro! Alguém me ajude, por favor! Socorro! — gritava desesperado, ao imaginar que o aneurisma havia se rompido. As pessoas pareciam não ouvir, ou não se importar. Andrew ajoelhou-se no chão, ainda com Natália nos braços, debruçou-se sobre ela e chorou, soluçando como uma criança.

Um homem estacionou o carro diante de Andrew e fez que ele entrasse com Natália. Ele ouvira seu pedido de socorro e voltara após deixar a mulher e filha em casa, porque sabia que ninguém os socorreria em meio àquele pânico todo. Andrew quase não acreditou, mas aquele homem tinha uma luz muito clara, quase branca, que brilhava tão intensamente que poderia ser confundida com o sol. Só podia ser um anjo! E se os anjos realmente existiam, Andrew os imaginava assim.

Chegaram ao hospital e a suspeita de Andrew foi confirmada. Internaram-na imediatamente e pediram que a família fosse avisada. O caso era muitíssimo grave e ela foi conduzida à sala de cirurgia. Andrew aguardava na recepção, após haver preenchido todos os formulários e respondido ao interrogatório de quem o atendera, onde passou doze horas consecutivas. A família finalmente chegara e ele pôde retornar ao hotel para descansar. Andrew pensava que jamais voltaria a dormir em toda a sua vida. A dor que sentia era muito grande, consumia-o por inteiro. Era maior do que quando seus avós partiram. E ele, agora conscientemente, sentia-se ainda mais culpado. Natália era sua melhor amiga, a irmã que ele nunca teve, a única com quem podia se abrir e em quem podia confiar plenamente. Sentia-se envergonhado em encarar seus pais e seus irmãos, que eram para ele, a família unida e feliz que ele não pôde ter. Tomou um banho de água fria, depois sentou-se na cama e chorou até que a exaustão o levasse ao um sono profundo, sem sonhos, como ele jamais dormira antes.

Acordou com o toque do telefone. Dormira um dia e uma noite inteira. Era o irmão mais velho de Natália, pedindo que fosse ao hospital com urgência. Natália estava acordada, mas parecia fora de si e a única coisa que entendiam era que ela chamava por seu nome e pedia por ele. Vestiu-se e correu para o hospital. Viu uma Natália sem luz, quase completamente apagada, não fosse por um resquício de azul que cintilava nos seus olhos. Tinha bandagens envoltas na cabeça, mas já conseguia sentar-se na cama. Andrew sentou-se a seu lado, como fizera em outra ocasião, segurando-lhe a mão.

— Eu disse a eles Andrew, mas ninguém me entende. Eu disse que preciso sair logo daqui, que ele está a minha espera, eu disse... — sussurrou com a voz ainda muito fraca. Andrew não soube como responder, apenas beijou-lhe a ponta dos dedos, a única parte da mão que estava livre das agulhas que injetavam o soro nas veias de Natália, enquanto os olhos derramavam as mesmas lágrimas de sempre.

— Eu tentei explicar que o espetáculo dele vai ser hoje, à tarde, e que ele vem me buscar, mas ninguém quer me soltar daqui. Veja... me amarraram... Por favor, Andrew, por favor, explique para eles.

— Ele não virá. — disse Andrew, começando a soluçar em um choro incontido, como o de uma criança — Não virá mais.

— O quê? Como não vem? Ele me prometeu... eu não... eu não entendo... Por quê? — Visivelmente, ela não se recordava das últimas horas antes da ruptura do aneurisma. Andrew não sabia se deveria ou não contar a verdade naquele momento. Ela ficaria sabendo de qualquer jeito, mas a notícia agora poderia atrapalhar a sua recuperação. Ele preferiu pedir autorização ao médico, antes de lhe fazer a terrível revelação.

— Eu vou lá fora, falar com o médico... Então você pode... você pode ir com ele... — disse Andrew, e saiu correndo do quarto, chorando em desespero. Por mais que tentasse, não conseguia enfrentar o terror de ter que lhe narrar os últimos acontecimentos. Os familiares, angustiados, aguardavam à porta, esperando que

Andrew lhes explicasse o que acontecera, por que Natália chamava por um homem desconhecido.

Ele lhes explicou tudo, cada detalhe, precisava desabafar. Não sabia ao certo como agir, e pensava que a própria mãe de Natália era quem deveria dar-lhe a terrível notícia. Ninguém disse uma só palavra, olharam-no com condenação, como se o culpassem realmente, porque ele prometera cuidar dela. Entendeu que ninguém iria lhe contar a triste verdade e que essa tarefa era o mínimo que podia fazer, depois de todo o apoio que dera àquela loucura. Respirou fundo, e entrou no quarto mais uma vez.

— Natália, querida...

— E então — interrompeu ela — Vão soltar-me?

— S... S... Sim... Mas antes, precisamos conversar.

— Pode dizer, Andrew, ele falou com você? Está vindo me buscar? Vamos, diga logo!

— Natália, ele não virá buscá-la.

— É claro que virá, Andrew, nós combinamos ontem à noite, lembra? Onde você está com a cabeça, Andrew? Fui eu quem foi operada e você quem perdeu a memória? — ela sorriu com um ar zombeteiro, que partiu o coração de Andrew — Aconteceu alguma coisa com o avião?

— Sim, querida, aconteceu uma coisa horrível com o avião. — parou um momento, respirou fundo, ainda ponderando se deveria continuar — E com o piloto também.

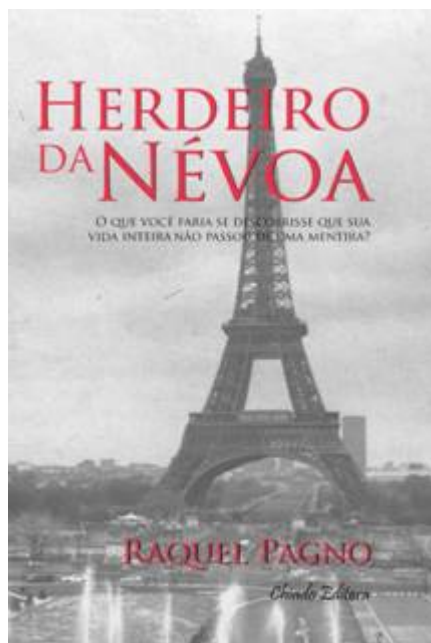
— O quê? O que está dizendo? — ela fechou os olhos e levou as mãos até a cabeça, contorcendo-se, como se sentisse muita dor. Andrew apertou a campainha e o médico veio imediatamente. Ela se lembrara!

Outra vez, todos deixaram o quarto. Andrew insistiu para ficar fazendo-lhe companhia essa noite. Natália agora já não expressava

mais a animação que a ilusória espera lhe conferira, apenas uma tristeza profunda, uma cicatriz na alma de quem acabara de perder um grande amor. Em seus olhos não havia mais qualquer vestígio daquelas faíscas azuis, apenas a total escuridão. Andrew lhe contou que o enterro fora no dia anterior e que as crianças do orfanato haviam prestado uma linda e inesquecível homenagem. Ela sorriu com os cantos da boca. Pediu que Andrew lhe comprasse um bloco de papel de carta e canetas de muitas cores, especialmente amarelas, azuis e verdes. Ele o fez. Ela garantiu que faria a sua homenagem. Não poderia visitar seu túmulo, mas pediu que Andrew lhe entregasse suas cartas...

Outros Livros da Escritora

Herdeiro da Névoa



Inácio Vaz acabara de chegar à Paris com algumas moedas no bolso e a grande vontade de se tornar advogado. Depois de ser surpreendido pela beleza de Chloé Champoudry, enquanto esperava pela entrevista que lhe garantiria a bolsa de estudos na Sorbonne, e encantado pela garota dos cabelos de fogo, trocara equivocadamente Direito por Artes. Desesperado por ter abdicado do sonho, Inácio descobre que seu nome não consta em nenhuma das listas de matrículas. Disposto a esclarecer o mal entendido, não percebe que seus documentos foram trocados. O rosto na foto é seu, mas o nome, de outro. Stephen, seu colega de quarto, tenta convencê-lo a assumir a nova identidade. Os documentos pertencem ao herdeiro da dinastia Roux, um milionário desaparecido sem deixar rastros. Preso em um leque de mentiras e suspense, Inácio trava uma luta com sua própria consciência, enquanto apaixonado, procura pela garota que lhe roubara o coração

Herdeiro da Névoa (livraria em Portugal):

<http://www.wook.pt/ficha/herdeiro-da-nevoa/a/id/15231169>

Herdeiro da Névoa (loja da editora):

<http://www.chiadoeditora.com/index.php?>

[page=shop_product_details&flypage=flypage.tpl&product_id=1426&category_id=1&option=com_virtuemart&Itemid=171](http://www.chiadoeditora.com/index.php?page=shop_product_details&flypage=flypage.tpl&product_id=1426&category_id=1&option=com_virtuemart&Itemid=171)

Herdeiro da Névoa (livraria no Brasil):

Saraiva:

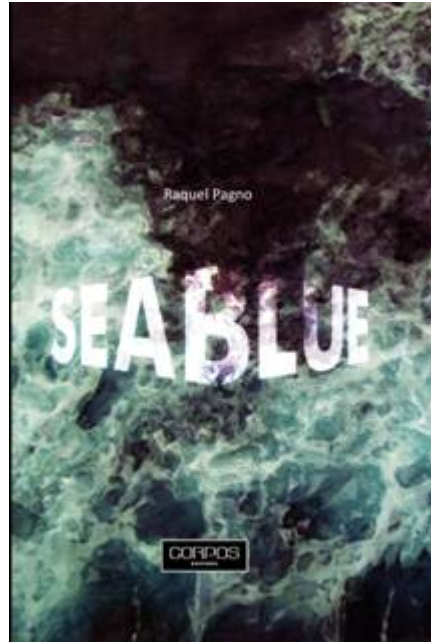
<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/5323443/herdeiro-da-nevoa>

Só livros:

https://www.solivros.com.br/product_info.php?

[products_id=7466&osCsid=3043209d81391822dd8a590416624](https://www.solivros.com.br/product_info.php?products_id=7466&osCsid=3043209d81391822dd8a590416624)

Seablue



Eduardo levava uma vida tranquila, até o furacão Daniele passar por ela. Nunca sentira-se tão apaixonado e mal acreditava que já estava de casamento marcado e que passaria sua lua de mel a bordo do *Seablue*, um dos maiores transatlânticos do mundo. Em outro ponto de São Paulo, morava Joana que, vinda do interior, acabara por se envolver com Igor, um homem maduro com quase o dobro da sua idade. Igor queria surpreendê-la com o pedido de casamento e as passagens para sua primeira viagem à sós. Embarcariam em uma semana no *Seablue*. Mas eles não contavam com as traquinagens do destino, que inesperadamente colocaria as vidas de Joana e Eduardo em xeque e faria com que Daniele e Igor aprendessem a conviver e superar os obstáculos causados pela solidão e pela dor de perder um amor verdadeiro.

Link: <http://www.worldartfriends.com/store/1586-raquel-pagno-seablue.html>

O Voo da Fênix



De repente, Natália vê-se diante de uma nova realidade: um aneurisma cerebral, que pode se romper a qualquer momento. Diante da nova realidade, descobre uma força de vontade antes adormecida e a vontade de encontrar o homem que a atormenta todas as noites em seus pesadelos. Para isso, ela vai contar integralmente com a ajuda de seu amigo Andrew, que a encoraja a iniciar uma terapia de regressão. Durante as consultas, Natália se depara com o misterioso homem dos sonhos e presencia sua morte repetidas vezes. Andrew a acompanha a uma viagem rumo ao desconhecido. Uma vez encontrado o intocável homem dos sonhos, nesta vida um destemido e apaixonado piloto de acrobacias, resta-lhes inventar uma maneira de chamar sua atenção e fazer com que ele ouça o relato de Natália. Ela tem uma ideia fixa: nesta vida, vai livrá-lo da morte precoce que o aguarda.

(Em Breve, Maiores informações): <http://www.raquelpagno.com>

Legado de Sangue (Rubi de Sangue)



Carmem sempre ouvira as tristes histórias de Francesca. Adorava cada frase saída da boca enrugada da avó, mas sentia que a verdade estava escondida nas linhas de seu rosto, presa em um coração saturado de sofrimentos. Foi em uma noite de lua cheia que ela finalmente lhe contara a verdade: seu antepassado era um vampiro, Carmem era a herdeira do Rubi de Sangue e do poderoso sangue das bruxas, o único alimento capaz de saciá-lo completamente, e que ao mesmo tempo era para ele mais letal do que qualquer veneno; e era a única capaz de gerar um filho para salvá-lo da extinção. Apaixonada, Carmem segue o seu caminho rumo ao destino que a aguarda. Miguel deseja o seu sangue, e ela, a imortalidade dele.

Link: <http://www.wook.pt/ficha/rubi-de-sangue/a/id/12096903>

Redes Sociais

Twitter: @raquel_pagno

Facebook: <https://www.facebook.com/raquelpagno>

Skoob: <http://www.skoob.com.br/autor/6091-raquel-pagno>

Este e-book foi produzido pela:

**EDITORA
NAVRAS
DIGITAL**

Editora Navras

Rua Antero Mota, 115 – Cordeiro – Recife-PE

www.navras.com.br

Fone/fax: 81 3083-2363

Copyright © 2013 Navras Digital

Todos os Direitos reservados

*Gostou do E-book? Comente e qualifique
na Amazon, ajude a ficar conhecido.*